

OS FILHOS DE  
**KRONDOR**  
O CORSÁRIO DO REI



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Os Filhos de Krondor — O Corsário do Rei / nº 195 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Raymond E. Feist*

EDITOR: *António Vilaça*

*Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência*

*Título original The King's Buccaneer © 2009, Raymond E. Feist. Publicado originalmente nos E.U.A. por Harper Voyager, 2009*

TRADUÇÃO: *José Remelhe e Rui Azeredo*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa, Soluções Gráficas*

1.ª EDIÇÃO: *Outubro, 2012*

ISBN: *978-989-637-463-1*

DEPÓSITO LEGAL: *348374/12*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Rua Adelino Mendes, Nº 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

# RAYMOND E. FEIST

## OS FILHOS DE KRONDOR

### O CORSÁRIO DO REI

VOL. II DE II

*Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

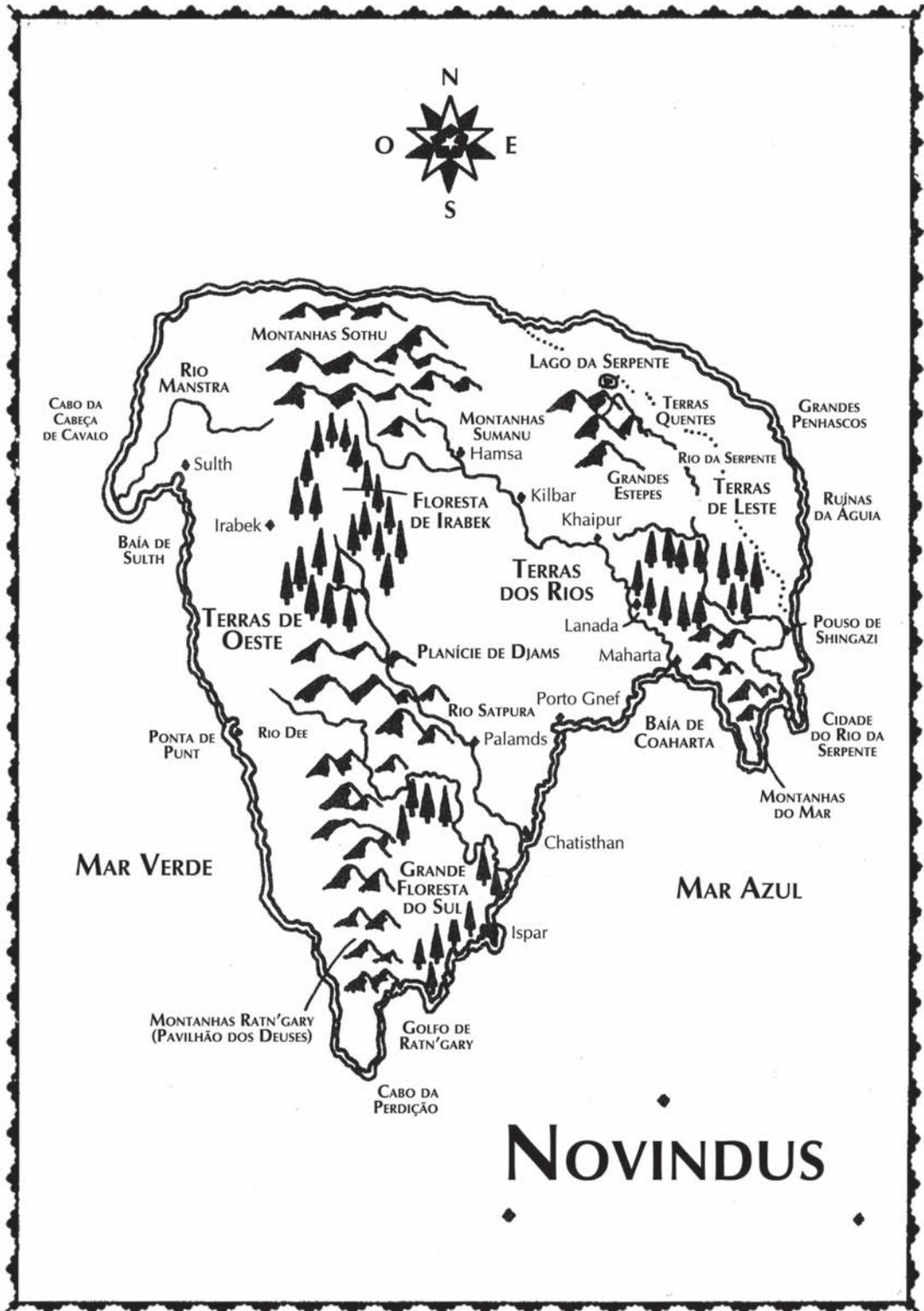


SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Para o Ethan e para a Barbara*







## AGRADECIMENTOS

Esta obra não existiria se não fossem as férteis imaginações dos originais «Thursday Nighters», bem como dos «Friday Nighters», que a eles se seguiram. Steve A., April, Jon, Anita, Rich, Ethan, Dave, Tim Lori, Jeff, Steve B., Conan, Bob e dezenas de outros que a nós se juntaram ao longo dos anos conferiram a Midkemia uma qualidade de riqueza que uma só pessoa nunca conseguiria conceber. Obrigado pelo maravilhoso mundo com o qual podemos jogar.

Obrigado à Janny Wurts por me deixar aprender com ela durante os quase sete anos de colaboração. E ao Don Maitz pela sua visão, perícia e maestria, e por apoiar as escolhas da Janny.

Ao longo dos anos, trabalhei com uma grande diversidade de editores na Doubleday e na Grafton, hoje em dia integrada na HarperCollins. Agradecimentos especiais à Janna Silverstein da Bantam Doubleday Dell por tomar as rédeas da situação e à Jane Johnson e ao Malcom Edwards da HarperCollins por me acolherem quando os seus predecessores partiram, nunca perdendo uma pitada. Também àqueles que referi das duas editoras, alguns já partidos para outras andanças, mas nenhum esquecido. Desde os colaboradores dos departamentos de vendas, marketing, publicidade e promoção, àqueles que simplesmente leram os livros e fizeram comentários positivos sobre eles aos colegas, a todos vós os meus agradecimentos. Muitos de vós superaram-se para que os resultados fossem positivos.

Gostaria de agradecer a algumas pessoas a quem nunca o fiz: a Tres Andreson e aos seus colaboradores, ao Bob e à Phylis Weinber, e ao Rudy Clark e à sua equipa, que fizeram mais do que vender livros – geraram entusiasmo e ajudaram a que as obras se destacassem das demais logo desde o início.

Como sempre, o meu obrigado ao Jonathan Matson e a toda a equipa da Harold Matson Company por me darem muito mais do que bons conselhos comerciais.

Acima de tudo, obrigado à Kathly S. Starbuck, que dedicou tempo a garantir que este livro não descarrilaria. Não o teria conseguido sem o seu amor, apoio e sabedoria.

Raymond E. Feist  
*San Diego, Califórnia; fevereiro de 1992*



# MIDKEMIA



AS GARRAS DO MUNDO

Passagem de Ferro

Sentinela Setentrional

Castelo Altaneiro

DO ELEVADO

BOSQUE NEGRO

ROMNEY

TIBUM

DOLTH

Rodez

RAN

EUPER

BOSQUE SOMBRIO

SILDEN

BAS-TYRA

SADARA

CRUZ DE MALAC

CHEAM

RILLANON

MAR DO REINO

REINO DE ROLDEM

legro

TIMONS

VALE DE DURRONY

TAUNTON PROFUNDO

Cordilheira Cinzenta

Enseada Malva

Crista-Guia

EXTENSÕES VERDEJANTES

PICOS DE TRANQUILIDADE

IMPÉRIO DO GRANDE KESH



## PRÓLOGO

### ENCONTRO

**G**huda espreguiçou-se.  
OuvIU-se uma voz de mulher vinda da porta atrás das suas costas:  
— Saíam daqui!

O antigo guarda e mercenário recostou-se na cadeira do alpendre da sua estalagem e pousou os pés sobre a trave de prender os cavalos. Em segundo plano, estava a começar a habitual serenata de final de tarde. Enquanto os viajantes abastados ficavam hospedados nos grandes hotéis da cidade ou nas estalagens palacianas ao longo das praias de prata, a Estalagem do Elmo Amolgado, propriedade de Ghuda Bulé, servia uma clientela mais turbulenta: carroceiros, mercenários, agricultores que levavam as colheitas para a cidade e soldados rurais.

— Tenho de chamar a guarda da cidade? — gritou a mulher do interior da sala comum.

Embora fosse um homem corpulento, Ghuda tivera trabalho suficiente a gerir a estalagem, pelo que não engordara e ainda mantinha as suas armas bem amoladas; mais vezes do que gostava de recordar, fora obrigado a expulsar um ou outro cliente.

Os finais de tarde, antes do jantar, eram o seu momento do dia predileto. Sentado na sua cadeira, conseguia ver o Sol a pôr-se sobre a baía de Elarial, enquanto o fulgor ofuscante do dia se transformava num delicado rubor que pintalgava os edifícios brancos de delicados tons de laranja e dourado. Era um dos poucos prazeres que conseguia guardar para si mesmo numa vida que, de outro modo, era bastante exigente. OuvIU-se um grande estrondo no interior do edifício e Ghuda resistiu à urgência de ir ver o que se passava. A sua mulher avisá-lo-ia quando fosse necessária a sua intervenção.

— Saíam daqui! Vão lutar lá para fora!

Ghuda desembainhou um punhal, um dos dois que geralmente trazia no cinto, e começou a poli-lo distraidamente. O ruído de louça de barro a partir ecoou do interior da estalagem. Logo de seguida ouviu-se o grito de uma rapariga, e depois o som de corpos a lutar.

Ghuda contemplou o pôr-do-sol enquanto polia a lâmina. Quase com sessenta anos, o seu rosto assemelhava-se a um mapa de couro envelhecido,

evidenciando anos de trabalho a guardar caravanas, lutas, tempo demasiadamente mau, má alimentação e mau vinho, no qual se destacava um nariz que já fora partido demasiadas vezes. Perdera grande parte do cabelo no cocuruto, restando-lhe uma franja grisalha que lhe dava pelos ombros e que começava a meia distância entre o alto da cabeça e as orelhas. Embora nunca se pudesse dizer que fosse bem-parecido, ainda mantinha algum do seu encanto: uma maneira de ser tranquila e franca que fazia com que as pessoas confiassem e gostassem dele.

Deixou o olhar percorrer a baía, enquanto o cintilar prateado e rosáceo da luz do Sol reluzia sobre águas de esmeralda e as aves marinhas grasnavam e mergulhavam em caça da refeição. O calor do dia desaparecera, deixando uma ténue brisa fresca que emanava da baía, delicada com vestígios do sal do mar, e, por instantes, pensou se a vida poderia ser melhor para alguém com as suas origens simples. Depois, semicerrou os olhos contra o brilho do Sol enquanto este tocava o horizonte, pois vinda de oeste aproximava-se uma silhueta caminhando decididamente na direção da pequena estalagem.

De início, não passava de um pequeno ponto negro que se entrepunha entre o brilho do sol-pôr, mas não tardou a ganhar detalhe. Havia algo naquela silhueta que pôs em sobressalto o canto mais recôndito do cérebro de Ghuda, que fixou o olhar no desconhecido enquanto este ganhava forma. Aproximou-se um homem esguio de pernas arqueadas envergando uma túnica azul empoeirada e esfarrapada, amarrada por cima do ombro. Era um isalani, um cidadão de Isalan, uma das nações do Sul do Império do Grande Kesh. Trazia ao ombro uma velha mochila preta e usava um comprido bordão como bengala.

Quando o homem se aproximou o suficiente para que fosse possível identificar inequivocamente as suas feições, Ghuda disse em voz baixa:

— Por todos os deuses, ele não.

Ouviu-se um grito lancinante vindo do interior do edifício e Ghuda levantou-se. O homem chegou junto do alpendre e tirou a mochila do ombro. Uma coroa de lanugem circundava uma cabeça de outro modo calva; um rosto de traços que faziam lembrar um abutre olhou solenemente para Ghuda, depois abriu-se num largo sorriso. Abriu o velho saco poeirento. Num tom de voz áspero e familiar, disse:

— Quereis uma laranja? — Enfiou a mão no saco e tirou de lá duas grandes laranjas.

Ghuda agarrou o fruto que lhe foi atirado e perguntou:

— Nakor, pelos Sete Infernos Inferiores, o que vos traz aqui?

Kakor, o isalani, ocasional batoteiro e vigarista, sábio em certo sentido da palavra, e inquestionável lunático segundo o entender de Ghuda, fora

em tempos companheiro do ex-mercenário. Nove anos antes, tinham-se conhecido e viajado com um jovem vagabundo que convencera Ghuda (não fora preciso convencer Nakor) a fazer uma viagem até à Cidade de Kesh, uma jornada envolta em assassinio, política e tentativa de traição. Acabara-se por saber que o vagabundo era o Príncipe Borric, herdeiro do trono do Reino das Ilhas, e Ghuda lucrara com esse encontro ouro suficiente para viajar e descobrir esta estalagem, a viúva do anterior proprietário e os ocasos mais gloriosos que alguma vez vislumbrara. O seu desejo era nunca mais ter de fazer uma viagem como aquela. Agora, com um aperto no coração, percebeu que esse desejo provavelmente não iria realizar-se.

— Vim buscar-vos — disse o pequeno homem de pernas arqueadas.

Ghuda recostou-se na cadeira quando uma caneca de cerveja saiu a voar pela porta. Nakor esquivou-se agilmente. — Está ali uma bela cena de pancadaria — comentou. — Carroceiros?

Ghuda abanou a cabeça. — Hoje não temos hóspedes. São apenas os sete filhos da minha mulher a destruir a sala comum, como é já hábito.

Nakor pousou a mochila, sentou-se na trave de prender os cavalos e disse:

— Bem, dai-me algo que comer, e depois podemos partir.

Ghuda voltou a afiar o punhal. — Partir para onde? — perguntou.

— Para Kronдор.

Ghuda fechou os olhos por instantes. A única pessoa que ambos conheciam em Kronдор era o Príncipe Borric. — Esta não é, de modo algum, uma vida perfeita, Nakor, mas estou muito satisfeito aqui. Agora, ide embora.

O pequeno homem trincou a laranja, arrancou um grande pedaço de casca, e cuspiu-o. Mordeu com força a laranja e sorveu-a ruidosamente. Limpou a boca com as costas da mão. — Satisfeito com o quê? — perguntou, apontando para a entrada sombria, através da qual o choro de uma criança acompanhava a generalidade dos berros e objetos a partir.

— Bem, às vezes é uma vida dura, mas raramente tenho alguém a tentar matar-me — disse. — Sei onde vou dormir todas as noites e alimento-me bem e tomo banho regularmente. A minha mulher é carinhosa e as crianças... — Um novo berro estridente de uma criança foi interrompido pelo choro enraivecido de outra. Ghuda olhou para Nakor e disse:

— Vou arrepende-me de perguntar, mas porque temos de ir a Kronдор?

— Temos de ir visitar um homem — respondeu Nakor enquanto se recostava na trave, passando um pé por detrás de um esteio para se equilibrar.

— Uma coisa é certa, Nakor, vós nunca aborreceis ninguém com portamentos desnecessários. Que homem?

— Não sei. Mas ficaremos a saber quando lá chegarmos.

Ghuda suspirou. — Da última vez que vos vi, íeis rumo a norte, abandonando a Cidade de Kesh, na direção daquela ilha de magos, Stardock. Leváveis vestida uma enorme capa e uma túnica azul de qualidade magnífica, a vossa montada era um garanhão preto do deserto que valia o soldo de um ano e leváveis uma bolsa cheia de ouro da Imperatriz.

Nakor encolheu os ombros. — O cavalo comeu erva estragada, ficou com cólicas e morreu. — Passou os dedos pela túnica azul esfarrapada que trazia vestida. — A enorme capa estava sempre a apanhar bichos e tive de a deitar fora. A túnica é esta que ainda estou a usar. As mangas eram muito compridas, por isso arranquei-as. A cauda arrastava pelo chão e eu estava sempre a tropeçar, por isso cortei-a com a minha adaga.

Ghuda contemplou a aparência andrajosa do antigo companheiro. — Dispúnheis de fundos suficientes para irdes a um alfaiate — disse.

— Andei demasiado ocupado. — Olhou de relance para o céu azul-turquesa, sarapintado de nuvens cor-de-rosa e cinzentas. — Gastei o dinheiro todo e fartei-me de Stardock — disse. — Decidi ir para Krondor.

Ghuda sentiu-se a perder o controlo. — Da última vez que consultei o mapa, a viagem de Stardock até Krondor via Elarial era considerada o caminho mais longo — disse.

Nakor encolheu os ombros. — Precisava de vos encontrar. Por isso regressiei a Kesh. Havíeis dito que poderíeis ir para Jandowae, por isso fui até lá. Depois disseram-me que havíeis ido para Faráfra, por isso lá fui eu. Depois segui no vosso encaço até Draconi, Caralyan, e depois até aqui.

— Pareceis especialmente determinado em encontrar-me.

Nakor inclinou-se para a frente, e o seu tom de voz alterou-se. Ghuda já o ouvira a falar neste tom e sabia que ele ia dizer algo importante. — Coisas importantes, Ghuda. Não me pergunteis porquê; eu não sei. Mas digamos que às vezes antevejo coisas.

»Tendes de vir comigo. Iremos a lugares onde poucos homens de Kesh alguma vez foram. Agora, ide buscar o vosso gládio e a mala e vinde comigo. Parte amanhã uma caravana rumo a Durbin. Arranjei-vos trabalho como guarda; eles lembram-se de Ghuda Bulé. De Durbin, poderemos apanhar um barco para Krondor. Devemos chegar lá em breve.

— Porque hei de dar-vos ouvidos? — indagou Ghuda.

Nakor sorriu e a sua voz assumiu outra vez aquele tom trocista e jovial que era seu apanágio. — Porque estais aborrecido, não é assim?

Ghuda ouviu o seu enteado mais novo a chorar por causa de alguma maldade feita por algum dos seis irmãos. — Bem, não se pode dizer que as coisas por estas bandas sejam muito animadas... — Seguiu-se outro grito. — Ou tranquilas... — acrescentou.

— Vinde. Despedi-vos da mulher e partamos.

Ghuda levantou-se com uma sensação ambígua de resignação e ansiedade. — É melhor esperardes por mim no parque das caravanas — disse, voltando-se para o homem mais pequeno. — Tenho de dar algumas explicações à minha mulher.

— Casastes? — perguntou Nakor.

— Por uma razão ou outra nunca chegámos a esse ponto — respondeu Ghuda.

Nakor sorriu. — Nesse caso, entregai-lhe algum ouro, se ainda o tendes, dizei-lhe que regressareis e partamos. Dentro de um mês terá outro homem sentado naquela cadeira e deitado na sua cama.

Ghuda permaneceu à porta durante algum tempo, contemplando a luminosidade do Sol que desaparecera enquanto esta diminuía de intensidade. — Vou sentir a falta dos ocasos, Nakor — disse.

O isalani continuou a sorrir enquanto saltava da trave de prender os cavalos, pegava na mochila e a punha ao ombro. — Há ocasos sobre outros oceanos, Ghuda. Paisagens deslumbrantes e grandes maravilhas para contemplar. — Sem mais, virou-se para o caminho que conduzia à cidade de Elarial e começou a caminhar.

Ghuda Bulé entrou para o salão da estalagem que fora a sua casa durante quase sete anos e pensou se voltaria a passar por ali outra vez.

## DECISÃO

**O** vigia apontou.

— Barco à vista!

— O quê? — gritou Amos Trask, Almirante da frota do Príncipe da Marinha do Reino.

O piloto do porto que estava ao lado do Almirante a orientar a nau capitânia do Príncipe de Krondor, o *Dragão Real*, na direção das docas do palácio, gritou para o ajudante:

— Mandai-os embora!

— Ostentam a insígnia real! — respondeu o ajudante do piloto, um jovem de aparência irascível.

Sem cerimónias, Amos Trask afastou o piloto e avançou. Continuava a ser um homem corpulento de pescoço grosso, agora sexagenário, e apressou-se para a proa com o passo convicto de quem passou a maior parte da vida no mar. Depois de zarpar e atracar em Krondor com a nau capitânia do Príncipe Arutha durante quase vinte anos, conseguia atracar de olhos vendados, mas os serviços alfandegários exigiam a presença de um piloto de porto. Amos não gostava de conceder o comando da sua embarcação a outra pessoa, muito menos a um oficioso e muito apresentável elemento da equipa do Capitão do Porto Real. Amos suspeitava de que o segundo requisito para se ocupar tal cargo era uma personalidade desagradável. O primeiro requisito parecia ser o matrimónio com uma das várias irmãs ou filhas do Capitão do Porto.

Amos chegou à proa e olhou para longe. Os seus olhos negros estreitaram-se ao observar a cena que se desenrolava lá em baixo. Enquanto a embarcação deslizava na direção do embarcadouro, um pequeno barco à vela, com menos de quatro metros e meio de comprimento, tentava passar pelo espaço à sua frente. Toscamente atado ao topo do mastro estava uma flâmula, uma pequena versão da insígnia naval do Príncipe de Krondor. Dois jovens azafamavam-se com as velas e a cana do leme, um tentando manter uma linha o mais a direito possível até à doca enquanto o outro se dedicava à bujarrona. Estavam ambos a rir daquela corrida improvisada.

— Nicholas! — gritou Amos quando o rapaz que baixava a bujarrona lhe acenou. — Seu idiota! Virai para trás! — O rapaz que segurava o leme virou-se para olhar para Amos e sorriu-lhe com desfaçatez. — Já devia ter calculado — disse Amos ao ajudante do piloto. — Harry — disse, dirigin-

do-se ao rapaz que lhe sorrisse. — Seu maluco! — Olhou de relance para trás e constatou que a última vela tinha sido desfraldada.

— Estamos a atracar nas docas, não temos espaço para virar se quisermos, e certamente não conseguimos parar — disse Amos.

Todas as embarcações que chegavam a Krondor largavam âncora no centro do porto, enquanto esperavam que os escaleres as rebocassem até às docas. Amos era o único homem suficientemente graduado para intimidar o piloto do porto a deixá-lo baixar as velas no momento apropriado e a atracar às docas. Orgulhava-se de chegar sempre ao local certo para lhes lançarem as amarras e de nunca ter embatido contra as docas ou ter necessitado de um rebocador. Em vinte anos, atracara cem vezes nesta rampa de embarque, mas nunca com um par de jovens tresloucados na brincadeira diante do navio. Amos olhou para a pequena embarcação, que agora abrandava ainda mais depressa, e disse:

— Dizei-me, Lawrence, qual é a sensação de estar à proa da embarcação que vai afogar o filho mais novo do Príncipe de Krondor?

O semblante do ajudante do piloto empalideceu quando este se virou para a pequena embarcação. Começou a gritar estridentemente para que os rapazes saíssem do caminho.

Amos voltou as costas para a cena que se desenrolava abaixo e encostou-se à balaustrada. Passou a mão pela cabeça quase calva, com cabelo grisalho à volta, outrora negro e encaracolado, e agora amarrado atrás com um nó de marinheiro. Ao fim de algum tempo a tentar ignorar o que estavam a fazer, Amos cedeu. Voltou-se e inclinou-se para a frente e para a direita de modo a conseguir ver para além do gurupés. Nicholas estava inclinado sobre o remo, com uma perna entrançada com firmeza na base do mastro, e o remo encostado com firmeza à proa da embarcação. Parecia aterrorizado. Amos conseguiu ouvi-lo gritar:

— Harry! É melhor virares para bombordo!

Amos concordou em silêncio com a cabeça, pois se Harry virasse rapidamente para bombordo, o pequeno barco à vela passaria ao largo do pesado navio, não sem antes lhe embater, talvez até ficar alagado, mas pelo menos os rapazes estariam vivos. Por outro lado, se virassem rapidamente para estibordo, não tardaria a que o barco fosse triturado entre o casco do navio e os pilares da doca, que estavam cada vez mais perto.

— O Príncipe está a tentar impedir-nos a passagem — disse Lawrence, o ajudante do piloto.

— Ah! — Amos abanou a cabeça. — Está mas é a deixar que os empurremos contra as docas. — Juntou as mãos à volta da boca e gritou:

— Harry! Tudo para bombordo!

O jovem respondeu com um grito de guerra tresloucado enquanto

se debatia com a cana do leme na tentativa de manter o barco centrado na proa do navio.

— É como tentar equilibrar uma bola na ponta de uma espada — suspirou Amos. A julgar pela velocidade da embarcação e pela sua posição, sabia que chegara a hora de preparar as amarras. Mais uma vez, virou as costas para os rapazes.

Lá de baixo, ouviam-se os vivas e os gritos de exultação de Harry enquanto o veloz navio empurrava o pequeno barco. — O Príncipe está a dominar o barco à frente — disse Lawrence. — Está a debater-se, mas está a conseguir.

— Preparar as amarras da proa! Preparar as amarras da popa! — Os marinheiros que estavam à proa e à popa prepararam as amarras para serem arremessadas aos estivadores que aguardavam na doca.

— Almirante! — disse Lawrence em tom de excitação.

Amos fechou os olhos. — Não quero saber.

— Almirante! Perderam o controlo! Estão a virar para estibordo!

— Eu disse que não queria saber — realçou Amos. Virou-se para o ajudante do piloto, que ostentava uma expressão de pânico enquanto o ruído da pequena embarcação a ser esmagada entre o navio e a doca lhes chegava aos ouvidos. O estalar da madeira e o despedaçar das pranchas fez-se acompanhar dos gritos dos homens que estavam nas docas.

— Eu não tive culpa — disse o ajudante do piloto.

— Eu testemunharei a vosso favor no vosso julgamento — disse Amos com um sorriso hostil rasgando-lhe a barba de tons de prata e cinza. — Agora, dai ordens para que lancem as amarras, caso contrário esmagamo-nos contra o molhe. — Ao constatar que o homem não reagia devido ao choque, Amos gritou:

— Prendei as amarras!

Logo de imediato, o piloto ordenou que prendessem as amarras da popa e os marinheiros lançaram-nas para os outros na doca. O navio perdera quase todo o movimento avante e quando as amarras esticaram, imobilizou-se completamente. — Prendei todas as amarras! Lançai a prancha de desembarque! — gritou Amos.

Virou-se para a doca e espreitou para a água que se agitava entre o navio e a doca. Ao lobrigar bolhas por entre a madeira, cabos e velas a boiar, gritou para os homens que estavam na doca:

— Lançai uma corda àqueles dois idiotas que estão a nadar por debaixo da doca antes que se afoguem!

Quando Amos desembarcou, os dois jovens encharcados já tinham subido para a doca. Amos foi ao encontro deles e contemplou o par enso-pado.

Nicholas, o filho mais novo do Príncipe de Kronдор, estava de pé com o peso ligeiramente desequilibrado para a direita. A sua bota esquerda tinha o calcanhar elevado para compensar a deformidade do pé que tinha desde nascença. Não fora isso, e Nicholas seria um jovem de dezassete anos bem constituído e esguio. Tinha parecenças com o pai, de feições angulares e cabelo escuro, mas faltava-lhe a intensidade do Príncipe Arutha, embora rivalizasse com ele em rapidez de reação. Ostentava a natureza tranquila e os modos delicados da mãe, o que de algum modo fazia com que os seus olhos fossem diferentes dos do pai, embora tivessem a mesma cor castanha-escura. Naquele momento, parecia extremamente embaraçado.

O seu parceiro já era outra coisa. Harry, assim conhecido na corte porque o seu pai, Conde de Ludland, também se chamava Henry<sup>1</sup>, sorria como se não tivesse sido o autor da brincadeira. Tinha a mesma idade de Nicholas, mas era meia cabeça mais alto, tinha cabelos ruivos encaracolados e um rosto corado, e a maioria das raparigas mais novas da corte achavam-no atraente. Era um jovem brincalhão que deixava amiúde que a sua natureza aventureira levasse a melhor sobre ele, e era frequente o seu sentido de diversão fazer com que ultrapassasse os limites do bom senso. Na maioria das vezes, Nicholas ultrapassava com ele essa fronteira. Harry passou a mão pelo cabelo molhado e riu-se.

— Qual é a piada? — perguntou Amos.

— Desculpai aquilo do barco, Almirante — respondeu o jovem escudeiro —, mas se tivésseis visto a cara do ajudante do piloto...

Amos franziu o cenho para os dois jovens, mas depois não conseguiu conter o riso. — E vi. Foi digno de se ver. — Abriu os braços e Nicholas deu-lhe um forte abraço.

— Fico feliz por estardes de volta, Amos. Lamento que tenhais perdido o Festival do Solstício de Verão.

— Bah! Estais todo molhado — disse, afastando o Príncipe com um empurrão de repulsa exagerada. — Agora tenho de mudar de roupa antes de ir ao encontro do vosso pai.

Os três começaram a caminhar na direção do molhe adjacente ao palácio. — O que há de novo? — indagou Nicholas.

— Está tudo tranquilo. Navios mercantes da Costa Extrema, Kesh e Queg, e o tráfego habitual das Cidades Livres. Tem sido um ano pacífico.

— Estávamos com esperança de ouvir algumas histórias aliciantes de aventuras — disse Harry num tom algo zombeteiro.

---

<sup>1</sup> Harry é uma forma comum e familiar usada em alternativa ao nome Henry. (*N. do T.*)

Amos deu-lhe uma palmada na nuca em jeito de brincadeira. — Eu já vos dou a aventura, seu doido. Qual foi a vossa ideia?

Harry esfregou a nuca e tentou mostrar uma expressão ofendida. — Nós tínhamos prioridade.

— Prioridade! — exclamou Amos, deixando de caminhar, incrédulo. — No porto aberto, talvez, onde há espaço de manobra suficiente, mas a «prioridade» não trava um vaso de guerra de três mastros que vai direto a vós sem espaço para se desviar e nenhuma maneira de parar. — Abanou a cabeça quando recomeçou a caminhar para o palácio. — Prioridade, pois sim! — Virou-se para Nicholas. — O que estáveis a fazer na baía a esta hora do dia? — perguntou. — Pensei que tivésseis de estudar.

— O Prelado Graham está em conferência com o pai — respondeu Nicholas. — Por isso, fomos pescar.

— Apanharam alguma coisa?

Harry sorriu. — O maior peixe que o Almirante jamais viu.

— Agora que está novamente nas águas da baía, é o maior — disse Amos com uma gargalhada.

— Não apanhámos nada que mereça a pena referir — disse Nicholas.

— Bem, ide lá vestir alguma coisa menos húmida — disse Amos. — Eu vou reparar as forças e depois vou visitar o vosso pai.

— Estareis presente no jantar? — indagou o jovem Príncipe.

— Presumo que sim.

— Ótimo; a avó está em Krondor.

Amos alegrou-se com a novidade. — Nesse caso, não faltarei.

Nicholas contemplou Amos com um sorriso de soslaio em tudo semelhante ao do pai. — Duvido que passe pela cabeça de alguém que seja uma coincidência o facto de ela ter vindo visitar a mãe precisamente a tempo de estar aqui para o vosso regresso.

Amos limitou-se a sorrir. — É devido ao meu irresistível charme. — Na brincadeira, deu uma palmada nas cabeças dos dois rapazes. — Agora ide! Tenho de me apresentar ao Duque Geoffrey, depois vou aos meus aposentos vestir algo mais apropriado para o jantar com... o vosso pai. — Piscou o olho a Nicholas e afastou-se a assobiar uma melodia desconhecida.

Nicholas e Harry estugaram o passo para os aposentos do Príncipe com as meias encharcadas dentro das botas. Harry tinha um pequeno quarto perto do de Nicholas, pois era oficialmente o Escudeiro do Príncipe Nicholas.

O palácio do Príncipe em Krondor ficava sobranceiro à baía, e fora outrora o bastião defensivo do Reino no Mar Amaro. As docas reais eram separadas do resto do porto por uma área de orla costeira desimpedida que se integrava nas muralhas do palácio. Nicholas e Harry cortaram caminho pela extensão de praia desobstruída e acercaram-se do palácio pela água.

O palácio erguia-se majestosamente no cimo de uma colina, recortado contra o céu da tarde, com uma série de apartamentos e corredores que se estendiam desde a torre de menagem original, que continuava a ser o ponto fulcral do complexo. Eclipsada por várias outras torres e cúspides acrescentadas ao longo dos últimos séculos, a velha torre de menagem ainda era o centro das atenções, uma recordação de tempos idos, quando o mundo era um lugar muito mais perigoso.

Nicholas e Harry abriram um velho portão de metal que dava acesso ao porto para os trabalhadores da cozinha. A pungência do porto, com os seus odores a peixe, salmoura e alcatrão, deu lugar a aromas mais apetecíveis à medida que se aproximavam da cozinha. Os rapazes passaram apressadamente pela lavandaria e pela padaria, atravessaram um pequeno quintal de legumes e desceram um pequeno lanço de escadas de pedra, que cruzava as cabanas da criadagem.

Aproximaram-se da entrada dos criados para os apartamentos privados da família real, na esperança de não se cruzarem com algum elemento da equipa do Príncipe Arutha, ou, mais concretamente, com o próprio Príncipe.

Ao chegarem às portas que os criados utilizavam mais próximas dos seus próprios aposentos, Nicholas abriu-as precisamente quando apareceram duas criadas do palácio com montes de roupa branca dirigindo-se para a lavandaria nas traseiras do palácio. Por respeito à pesada carga que transportavam, deu-lhes passagem, embora a sua posição lhe conferisse prioridade. Harry contemplou com uma espécie de sorriso dissoluto as duas raparigas, apenas alguns anos mais velhas do que ele. Uma soltou risadinhas e a outra fitou-o com um olhar de quem dá com um roedor na despensa.

Quando as duas jovens se afastaram, conscientes do impacto que tinham causado nos dois adolescentes, Harry sorriu e disse:

— Ela deseja-me.

Nicholas deu-lhe um empurrão com força que o fez atravessar a porta aos tropeções.

— Tanto quanto eu desejo uma diarreia — comentou. — Continua a sonhar.

Subiram apressadamente as escadas que conduziam aos aposentos da família. — Não, ela deseja-me. Esconde-o, mas eu sinto-o — disse Harry.

— Harry, o mulherengo — disse Nicholas. — Krondor, trancai as vossas filhas.

Depois do brilhante Sol da tarde, o corredor estava vincadamente sombrio. Ao fundo do corredor, subiram por umas escadas que os levaram desde a zona da criadagem até aos apartamentos da família real. Ao cimo das escadas, abriram a porta e espreitaram. Como não viram nenhum

membro superior da hierarquia, os dois rapazes apressaram-se para as portas dos respectivos aposentos, que se situavam a meio caminho do corredor desde a porta dos criados. Entre esta porta e as suas, havia um espelho, e ao ver o seu próprio reflexo, Nicholas disse:

— Ainda bem que o pai não nos viu.

Nicholas entrou para os seus aposentos, constituído por duas grandes câmaras, com enormes armários e uma sala privada, pelo que não tinha de sair de lá para se aliviar. Despiu rapidamente as roupas molhadas e secou-se. Virou-se e viu o seu reflexo num enorme espelho, um luxo de valor incalculável, já que fora fabricado em vidro prateado de Kesh. O seu corpo, o corpo de um rapaz prestes a tornar-se homem, evidenciava um peito e ombros largos; já tinha pelos próprios de um adulto, bem como a necessidade de se barbear todos os dias. Mas o seu rosto continuava a ser o de um menino, faltando-lhe aquele conjunto de traços que apenas o tempo consegue conferir.

Quando acabou de se secar, olhou para o pé esquerdo, tal como fizera todos os dias da sua vida. Uma bola de carne, com minúsculas protuberâncias que deveriam ter sido dedos, estendia-se desde a base de uma perna esquerda de outro modo perfeita. Aquele pé fora alvo da medicina e da magia desde o seu nascimento, mas resistira a todas as tentativas de cura. Embora não tivesse menos sensibilidade ao toque e à sensação do que o pé direito, Nicholas sentia dificuldade para o controlar; os músculos estavam ligados de modo incorreto a ossos do tamanho errado para realizarem as tarefas que a natureza pretendia. Tal como a maioria das pessoas com uma moléstia de nascença, Nicholas criara uma compensação ao ponto de raramente dar pelo defeito. Mancava apenas ligeiramente ao caminhar. Era um excelente espadachim, talvez igual ao pai, que era considerado o melhor do Reino Ocidental. O Mestre de Armas do Palácio considerava-o já melhor espadachim do que os dois irmãos mais velhos eram com a sua idade. Sabia dançar, uma obrigação do seu posto, filho do governante do Reino Ocidental, mas a coisa que não conseguia compensar era uma terrível sensação de, de algum modo, ser menos do que aquilo que deveria ser.

Nicholas era um jovem afável e ponderado que preferia a plácida solidão da biblioteca do pai às atividades mais turbulentas da maioria dos rapazes da sua idade. Era um exímio nadador, um belíssimo cavaleiro e um arqueiro sofrível, além de ser hábil no manuseamento do sabre, mas toda a vida se sentira deficiente. Uma vaga sensação de falha, e uma culpa que o perseguia, parecia apoderar-se inesperadamente dele, e era frequente ter a mente assoberbada por sombrios pensamentos. Quando tinha companhia, era habitualmente alegre e apreciava uma piada como qualquer outro, mas quando estava sozinho, a mente de Nicholas era acometida de preocupações. Fora esse um dos motivos por que Harry fora para Krondor.

Enquanto se vestia, Nicholas abanou a cabeça divertido. O seu parceiro do ano que passara, o Escudeiro Harry, potenciara uma súbita mudança nos modos solitários de Nicholas, constantemente a arrastar o Príncipe para alguma atividade disparatada ou outra. A vida de Nicholas tornara-se muito mais sedutora desde a chegada do filho do meio do Conde de Luddland.

Dada a sua posição e dois irmãos competitivos, Harry era combativo e esperava que lhe obedecessem, e praticamente não fazia caso da diferença de posição entre ele e Nicholas. Apenas uma ordem direta lembrava Harry de que Nicholas não era um irmão mais novo em quem podia mandar. Considerando os modos dominadores de Harry, a corte do Príncipe era provavelmente o único lugar para onde o seu pai o poderia mandar para controlar a sua maneira de ser antes que ele se transformasse num verdadeiro tirano.

Nicholas penteou o cabelo molhado que lhe dava pelo pescoço, com um corte semelhante ao do pai. Secando-o com uma toalha e depois penteando-o, alternadamente, lá conseguiu dar-lhe um aspeto de respeitabilidade. Invejava os caracóis ruivos de Harry. Bastava-lhe secá-lo rapidamente e uma penteadela e já estava.

Nicholas achou que já estava com a melhor aparência que conseguiria dadas as circunstâncias e saiu dos seus aposentos. Ao aceder ao corredor, encontrou Harry já vestido e pronto, tentando retardar outra serviçal, esta vários anos mais velha do que ele, enquanto ela ia fazer algum recado.

Harry envergava o uniforme verde e castanho dos escudeiros do palácio que, teoricamente, fazia dele um elemento da equipa de Mordomos Reais, mas poucas semanas após a sua chegada, fora destacado para o serviço pessoal de Nicholas. Cinco anos antes, os dois irmãos mais velhos de Nicholas, Borric e Erland, haviam sido enviados para a Corte do Rei em Rillanon, no intuito de se prepararem para o dia em que Borric herdaria a coroa das Ilhas do seu tio. O único filho do Rei Lyam tinha-se afogado quinze anos antes, e Arutha e o Rei haviam decidido que, no caso de Arutha viver mais do que o irmão, Borric lhe sucederia no trono. Elena, a irmã de Nicholas, casara recentemente com o primogénito do Duque de Ran, deixando o palácio bastante vazio de companheiros de posição apropriada para o jovem Príncipe antes de o pai de Harry o ter enviado para prestar serviço.

Aclarando a garganta em tom alto, Nicholas chamou a atenção de Harry o tempo suficiente para permitir que a serviçal seguisse o seu caminho. Fez uma vénia de cortesia ao Príncipe, à qual juntou um sorriso de gratidão, e apressou-se dali para fora.

Nicholas ficou a vê-la afastar-se. — Harry, tens de deixar de usar a tua posição para apoquentares as criadas — disse.

— Ela não estava apoquentada — começou Harry.

— Isto não é uma opinião — disse Nicholas ríspidamente.

Raramente se servia da sua posição para dar ordens a Harry relativamente ao que fosse, mas nas raras ocasiões em que o fazia, este sabia que não devia argumentar, principalmente quando o seu tom de voz se assemelhava ao do Príncipe Arutha, um sinal inequívoco de que Nicholas não estava a brincar. O escudeiro encolheu os ombros. — Bem, falta uma hora para o jantar. O que havemos de fazer?

— Passar o tempo a combinar a nossa história, penso eu.

— Que história? — indagou Harry.

— A história que vamos contar ao pai para explicar por que razão o meu barco está agora espalhado aos pedaços por todo o porto.

Harry olhou para Nicholas com um sorriso confiante e disse:

— Hei de lembrar-me de alguma coisa.

— **N**ão o vistes? — disse o Príncipe de Krondor enquanto olhava para o filho mais novo e para o escudeiro de Ludland. — Como foi que não vistes o maior vaso de guerra da frota de Krondor a trinta metros de distância? — Arutha, Príncipe de Krondor, irmão do Rei das Ilhas, e segundo homem mais poderoso do Reino, contemplou os dois rapazes com um olhar estreitado e de censura que eles já conheciam bem. Arutha era um homem ossudo que liderava com calma e vigor e raramente revelava as suas emoções, mas para aqueles que eram próximos, velhos amigos e familiares, as subtis mudanças de humor eram facilmente inteligíveis. E naquele preciso momento ele não estava contente.

Nicholas virou-se para o seu parceiro de crime. — Bela história, Harry — disse num murmúrio seco. — É evidente que passaste imenso tempo a pensar numa desculpa.

Arutha voltou-se para a esposa, e a expressão de censura deu vez a uma de resignação. A Princesa Anita fitou o filho com um olhar de repreensão mitigado por divertimento. Estava zangada por os rapazes terem um comportamento irrefletido, porém a atitude de inocência mal representada de Harry fazia-a rir. Embora tivesse mais de quarenta anos, o seu riso ainda mantinha uma qualidade infantil, que ela se esforçava por preservar no seu íntimo. Os seus cabelos ruivos tinham raios de cinza e o rosto sardento ostentava linhas de anos ao serviço da nação, mas os olhos continuavam luminosos e brilhantes enquanto fitava afetuosamente o filho mais novo.

A refeição da noite foi informal e contou com a presença de poucos funcionários da corte. Sempre que era possível, Arutha preferia manter a informalidade na corte e a pompa só tinha vez quando era estritamente necessário. A comprida mesa dos aposentos da família no palácio podia

acolher confortavelmente mais meia dúzia de pessoas do que as que lá se sentavam esta noite. Enquanto o grande salão de Krondor abrigava a maioria dos troféus de guerra e estandartes do Reino Ocidental, a sala de jantar da família não albergava quaisquer artefactos que fizessem lembrar as guerras, e estava decorada com retratos dos anteriores governantes e paisagens de invulgar beleza.

Arutha estava sentado à cabeceira, com Anita à sua direita. Geoffrey, Duque de Krondor e principal administrador de Arutha, estava no seu lugar habitual à esquerda do Príncipe. Geoffrey era um homem pacífico e benevolente, de quem todos gostavam, e um bom administrador. Servira durante dez anos na corte do Rei antes de vir para Krondor há oito anos.

Ao seu lado estava o Prelado Graham, bispo da Ordem de Dala, Escudo dos Fracos, um dos atuais conselheiros de Arutha. Professor brando mas rigoroso, o Prelado garantira que Nicholas, tal como os seus irmãos antes dele, se tornasse um homem de vasta instrução, com amplos conhecimentos sobre arte e literatura, música e teatro, economia, história e arte da guerra. Estava sentado ao lado de Nicholas e de Harry, e a julgar pela sua expressão, não achava aquela desculpa minimamente engraçada. Embora tivesse dado autorização para os rapazes se ausentarem enquanto participava no conselho do Príncipe, esperara que eles fossem estudar, e não despedaçar um barco numa batalha no porto.

Em frente aos rapazes estava a mãe de Anita e Amos Trask. O Almirante e a Princesa Alicia mantinham um relacionamento travesso há anos que, segundo os boatos que corriam pela corte, era muito mais íntimo do que um simples galanteio. Alicia continuava a ser uma mulher atraente, tinha a mesma idade de Amos e resplandecia graças à atenção que ele lhe votava. As semelhanças de Anita com a mãe eram evidentes, embora os cabelos de Alicia, outrora ruivos, fossem agora grisalhos e os seus traços revelassem o passar dos anos. Mas quando Amos lhe dizia uma piada ao ouvido que a fazia corar, os seus resplandecentes olhos e o riso de embaraço devolviam-lhe o ar de menina.

Amos apertou a mão de Alicia enquanto lhe murmurava algo, provavelmente algo indecente, e a Princesa de Dowager escondeu o riso atrás do guardanapo. Anita sorriu ao aperceber-se, pois lembrava-se de quanto a sua mãe tinha sofrido com a perda do pai após a sua morte, e de como Amos fora um raio de luz bem-vindo à corte de Arutha após a Guerra da Brecha. Anita gostava sempre de ver a mãe sorrir, e não havia ninguém que a fizesse rir como Amos.

À esquerda do Almirante estava William, delegado do exército de Arutha, Marechal da Corte de Krondor, primo da família real. O primo Willie, como toda a gente da família o tratava, piscou o olho aos dois rapa-

zes. Há vinte anos que prestava serviço no palácio e, durante esse período, vira os outros irmãos de Nicholas, Borric e Erland, descobrirem todas as maneiras possíveis de fazerem com que o pai perdesse as estribeiras. — Excelente estratégia, Escudeiro — disse William enquanto apanhava um pedaço de pão. — Sem pormenores desnecessários a reter.

Nicholas tentou parecer devidamente castigado, mas não conseguiu. Cortou rapidamente um pedaço de cordeiro e enfiou-o na boca para não se rir. Olhou para Harry, que estava a esconder o seu regozijo atrás de um copo de vinho.

— Teremos de pensar num castigo apropriado para ambos — disse Arutha. — Algo que vos faça apreciar o valor de um barco e dos vossos próprios canastros.

Harry mostrou a Nicholas um breve sorriso por detrás do copo de vinho; os dois rapazes sabiam que havia boas probabilidades de Arutha esquecer qualquer castigo sério se os assuntos da corte fossem importantes, o que geralmente eram.

A corte do Príncipe era a segunda mais atarefada do Reino, seguindo de perto a corte do Rei em termos de azáfama. Tratando-se efetivamente de um reino à parte, o Reino Ocidental era governado a partir de Kron-dor, e apenas as ordens genéricas eram dadas pela corte do Rei Lyam. No mesmo dia, era possível que Arutha tivesse de receber duas dúzias de nobres importantes, mercadores e enviados, e ler meia dúzia de documentos importantes, bem como aprovar todas as decisões regionais referentes ao Principado.

Um rapaz envergando o uniforme roxo e amarelo dos pajens do palácio entrou no salão e acercou-se do Mestre de Cerimónias Real, o Barão Jerome. Murmurou-lhe algo ao ouvido e este dirigiu-se a Arutha. — Alteza, estão dois homens à entrada do palácio e pedem para vos ver.

Arutha sabia que teriam de ser algo invulgares para que o sargento da guarda os encaminhasse para o Mordomo-Mor da Casa Real, e para que este viesse incomodar o Príncipe. — Quem são eles? — indagou Arutha.

— Alegam ser amigos do Príncipe Borric.

Arutha soergueu ligeiramente as sobrancelhas. — Amigos do Borric? — Olhou de relance para a esposa. — Sabeis como se chamam? — perguntou.

— Disseram tratar-se de Ghuda Bulé e de Nakor, o isalani — respondeu o Mestre de Cerimónias. Jerome, um homem solícito para quem a pompa e a dignidade eram mais essenciais do que o ar e a água, conseguiu transmitir uma dose de reprovação ao acrescentar:

— São keshianos, Alteza.

Arutha ainda estava a tentar compreender o que se passava, quando Nicholas disse:

— Pai! São aqueles dois que ajudaram o Borric quando ele foi capturado pelos traficantes de escravos em Kesh! Lembrais-vos de ele nos falar sobre eles.

Arutha piscou os olhos e lembrou-se. — É claro. Mandai-os entrar imediatamente — ordenou a Jerome.

Jerome fez sinal para que o pajem fosse transmitir a ordem à entrada do palácio e Harry voltou-se para Nicholas. — Traficantes de escravos?

— É uma longa história — explicou Nicholas —, mas o meu irmão foi enviado a Kesh há cerca de nove anos. Foi capturado por uns cavaleiros que não sabiam que ele pertencia à Casa Real das Ilhas. Conseguiu fugir e ir até à corte da Imperatriz a tempo de lhe salvar a vida. Estes dois homens ajudaram-no a conseguir tal façanha.

Estavam todos a fitar ansiosamente a entrada quando o pajem entrou seguido por dois homens andrajosos e imundos. A julgar pela indumentária, o mais alto era um guerreiro: uma armadura de couro velha e maltratada e um elmo amassado, uma espada bastarda às costas e dois compridos punhais à cintura, um de cada lado. O companheiro era um sujeito de pernas arqueadas, com uma expressão surpreendentemente infantil ao apreciar as novidades que o rodeavam, e um sorriso encantador, embora não se pudesse dizer que fosse bonito.

Acercaram-se da cabeceira da mesa e fizeram uma reverência, o guerreiro constrangido e desajeitado, o homem mais baixo de uma maneira casual e distraída.

— Bem-vindos — disse Arutha, levantando-se.

Nakor não parava de olhar para todos os pormenores do salão, absorto nos seus pensamentos, por isso, decorrido um longo momento, Ghuda disse:

— Desculpai-nos o incómodo, Alteza, mas ele... — apontou para Nakor com o polegar — insistiu. — Falava com pronúncia e lentamente.

— Não tem importância — disse Arutha.

Por fim, Nakor prestou atenção a Arutha e perscrutou-o por instantes antes de falar. — Não vos pareceis com o vosso filho Borric.

Arutha esbugalhou os olhos estonteado com aquela franqueza e ausência de expressão honorífica, mas acenou com a cabeça. Depois, o isalani olhou para a Princesa e voltou a sorrir, mostrando uma fileira de dentes tortos que lhe davam um ar ainda mais cómico. — Vós sois a mãe dele — disse. — Ele sai a vós. Sois muito bela, Princesa.

Anita soltou uma gargalhada e olhou de relance para o marido. — Obrigada, cavalheiro — disse.

— Chamai-me Nakor — disse, com um aceno da mão. — Fui em tempos Nakor, o Cavaleiro Azul, mas o meu cavalo morreu. — Olhou em redor

do salão e fixou o olhar em Nicholas. O sorriso eclipsou-se ao perscrutar o rapaz. Olhou fixamente para Nicholas durante tanto tempo que acabou por se tornar embaraçoso, depois voltou a sorrir. — Este aqui é parecido convosco!

Arutha ficou sem palavras, mas lá acabou por dizer:

— Posso saber o que vos traz aqui? Sois bem-vindos, pois prestastes um grande serviço ao meu filho e ao Reino, mas... já lá vão nove anos.

— Quem me dera saber explicar, Alteza — disse Ghuda. — Mas há mais de um mês que viajo com este lunático e o máximo que ele me disse foi que tínhamos de vir ao vosso encontro e depois partir noutra jornada. — Nakor estava outra vez alheado no seu mundo, aparentemente hipnotizado pelo brilho dos candelabros e pelo bailado das luzes refletidas pelo enorme vitral por detrás da cadeira do Príncipe. Ghuda suportou outro momento de aflitivo silêncio. — Lamento, Alteza — disse. — Não deveríamos ter vindo incomodar-vos.

Arutha percebeu o evidente desconforto do velho guerreiro. — Não, quem apresenta as desculpas sou eu. — Reparou nas roupas andrajosas e encardidas. — Tende a bondade. Deveis repousar — acrescentou. — Vou mandar que preparem os vossos aposentos para que possais tomar um banho e dormir uma noite reconfortante. Dar-vos-ão roupas lavadas. Depois, de manhã, talvez eu possa ajudar-vos na missão que vos traz aqui.

Ghuda fez uma saudação desajeitada, sem saber bem o que responder. — Já comestes? — perguntou Arutha. Ghuda olhou de relance para a mesa farta. — Sentai-vos ali — disse Arutha. Fez sinal para que ocupassem as cadeiras ao lado do Marechal da Corte, William.

Nakor despertou do seu devaneio ao ouvir falar em comida e, sem cerimónias, apressou-se a ir para a cadeira indicada. Esperou que os criados lhe servissem comida e vinho e lançou-se a ela como se estivesse esfomeado.

Ghuda tentou ser o mais polido possível, mas era evidente que se sentia constrangido na presença da realeza. Amos disse algo numa língua desconhecida e o isalani soltou uma gargalhada. — A vossa pronúncia é terrível — disse ele na língua do Rei. — Mas a anedota tem piada.

Amos soltou uma gargalhada em resposta. — Julgava que falava a língua isalani bastante bem — disse, dirigindo-se aos outros. Encolheu os ombros. — Já passaram quase trinta anos desde a última vez que fui a Shing Lai; devo ter perdido o jeito — acrescentou, e voltou a sua atenção de novo para a mãe da Princesa de Krondor.

Arutha sentou-se. Ficou absorto nos seus pensamentos. Havia algo no aparecimento daqueles dois, o velho e fatigado guerreiro e o cómico personagem de que os seus filhos lhe haviam falado, que lhe deixou uma

sensação de desconforto, como se a divisão tivesse ficado subitamente mais fria. Uma premonição? Tentou afastá-la, mas não conseguiu. Fez sinal para que os criados levassem o seu prato pois perdera o apetite.

**D**e depois do jantar, Arutha foi caminhar pela sacada sobranceira ao porto. Por detrás de portas fechadas, os criados azafamavam-se nos preparativos dos quartos dos aposentos da família real. Amos Trask saiu do edifício e foi até ao local onde Arutha estava a contemplar as luzes perto do porto.

— Mandastes-me chamar, Arutha?

— Mandei — respondeu Arutha, voltando-se. — Preciso do vosso conselho.

— Dizei.

— Qual é o problema do Nicholas?

O semblante de Amos revelou que não compreendera a pergunta. — Não percebo o que quereis dizer.

— Ele não é como os outros rapazes da sua idade.

— O pé?

— Não acho que seja isso. Há alguma coisa nele...

— Que é prudente — concluiu Amos.

— Sim. É por isso que estou tentado a não o castigar nem ao Harry pela brincadeira de hoje. Foi uma das poucas vezes que vi ou ouvi dizer que o Nicholas tinha corrido algum risco.

Amos suspirou ao debruçar-se sobre o muro baixo. — Não pensei muito sobre o assunto, Arutha. O Nicky é um bom menino e não está sempre a pregar partidas e a arranjar problemas como os irmãos.

— O Borric e o Erland saíram cá um par de tratantes que até apreciei os modos reservados do Nicholas. Mas agora transformou-se em indecisão e cautela excessiva, algo que é perigoso para um governante.

— Nós dois já passámos por muita coisa, Arutha — disse Amos. — Já vos conheço há... o quê, vinte e cinco anos? Preocupais-vos demasiado com aqueles que amais. O Nicky é um bom menino e será um bom homem.

— Não sei — foi a surpreendente resposta. — Eu sei que ele não tem um lado malévolos ou mesquinho, mas a precaução pode ser tão prejudicial quanto a imprudência, e o Nicholas é *sempre* prudente. Ele vai ser importante para nós.

— Outro casamento?

Arutha concordou. — Neste será mais do que isso, Amos. O Imperador Diiagái fez saber que existe agora a possibilidade de estreitar laços com o Reino. O casamento do Borric com a Princesa Yasmine foi um avanço nesse sentido, mas os povos do deserto são uma raça contribuinte em

Kesh. Diiagái considera que é tempo de um casamento com uma Princesa de puro-sangue.

Amos abanou a cabeça. — Os casamentos estatais são um assunto sério.

— Excetuando a Guerra da Brecha, Kesh sempre foi a maior ameaça para o Reino — disse Arutha — e urge sermos precavidos. Se o Imperador de Kesh tem uma sobrinha ou uma prima de puro-sangue que pretende casar com o irmão do futuro Rei das Ilhas, é bom que aumentemos a segurança nas nossas fronteiras antes de recusarmos.

— O Nicky não é o único candidato, ou é?

— Não. Também há os dois filhos da Carline, mas o Nicholas poderia ser o melhor... se eu o achasse capaz.

Amos manteve-se em silêncio por instantes. — Ele ainda é jovem.

Arutha anuiu. — Mais jovem do que a idade que efetivamente tem. A culpa é minha...

— Dizeis sempre isso — interrompeu-o Amos, com uma gargalhada enérgica.

— ...por protegê-lo demasiado. O pé deformado... a sua natureza delicada...

Amos concordou com a cabeça e manteve-se outra vez em silêncio. — Nesse caso, preparai-o — disse, por fim.

— Como? — perguntou Arutha. — Mando-o para os Barões Fronteiriços como fiz aos irmãos?

— Na minha opinião isso seria uma preparação um pouco excessiva — disse Amos, coçando a barba. — Não, estava a pensar que talvez fosse boa ideia mandá-lo para a corte do Martin durante uns tempos.

Arutha não reagiu, mas a julgar pela sua expressão, Amos percebeu que a ideia tinha surtido algum efeito. — Crydee — disse Arutha brandamente. — Seria um lar diferente para ele.

— No vosso caso e do Lyam os resultados foram positivos, e além disso o Martin velaria pela segurança do rapaz sem o mimar. Por aqui, ninguém ousa levantar a mão ou mesmo o tom de voz para o «filho aleijado do Príncipe». — Os olhos de Arutha lampejaram ao ouvir aquela expressão, mas não disse nada. — Enviei instruções nesse sentido para o Martin, e ele não permitirá que o Nicky se sirva do pé afetado como desculpa para qualquer coisa. O Príncipe Marcus tem mais ou menos a idade dele e do Harry, por isso se enviardes esse desordeiro com eles, ele terá dois companheiros de posição nobre que são um pouco mais turbulentos do que o Nicky está habituado a ser. Poderá conseguir comandá-los, mas não se intimidará. A Costa Extrema não tem comparação com o Castelo Altaneiro ou a Passagem de Ferro, mas não é assim tão civilizada que não enrijeça um pouco o Nicky.

— Terei de convencer a Anita — disse Arutha.

— Ela compreenderá, Arutha — disse Amos com uma risadinha. — Acho que não vai ser difícil. Por muito que ela deseje proteger o rapaz, compreenderá a necessidade.

— *Rapaz*. Já pensastes que eu era apenas três anos mais velho do que o Nicholas quando assumi o comando da guarnição do meu pai?

— Eu estava lá. Eu lembro-me. — Pousou uma mão sobre o ombro de Arutha. — Mas vós nunca fostes jovem, Arutha.

Arutha não conseguiu deixar de rir ao ouvir estas palavras. — Tendes razão. Eu era do tipo sério.

— Continuais a sê-lo.

Amos virou-se para ir embora. — Pretendeis desposar a mãe da Anita? — perguntou Arutha.

Amos voltou-se, surpreendido. Depois juntou os punhos às ancas e sorriu. — Ora bem, com quem andastes a falar?

— Com a Anita — respondeu Arutha. — E ela tem andado a falar com a Alicia. Há anos que correm pelo palácio rumores sobre vós: o Almirante e a Princesa de Dowager. Vós tendes a posição social e os títulos honoríficos. Se necessitardes de outro título, posso tratar disso com o Lyam.

Amos ergueu a mão. — Não, a posição social não tem nada a ver com o caso. — Baixou o tom de voz. — Eu tive uma vida repleta de perigos, Arutha. E sempre que embarco, não há garantias de um dia regressar. Posso ser mauzinho, e não mais do que aquilo que sou quando estou em alto-mar. Há sempre uma possibilidade de perder a vida algures.

— Estais a pensar em aposentar-vos?

Amos anuiu. — Desde os doze anos que a minha vida foi passada a bordo de barcos, excetuando o conflito em que vos acompanhei e a Guy du Bas-Tyra durante a Guerra da Brecha. Se vou casar, ficarei em casa com a minha senhora, obrigado.

— Quando?

— Não sei — respondeu Amos. — É uma escolha difícil; bem sabeis o que o mar pode fazer. — Recordaram ambos a sua primeira viagem juntos, quando enfrentaram os Estreitos das Trevas no inverno, muitos anos antes. A viagem transformara Arutha, pois além de ter enfrentado a morte no mar e sobrevivido, atracara em Krondor e conhecera a sua amada Anita. — É difícil abandonar o mar — prosseguiu Amos. — Talvez uma última viagem.

— O Martin pediu alguma ajuda nos preparativos para a nova guarnição de Barran, na costa de Crydee — disse Arutha. — O *Águia Real* está no porto, pronto para zarpar com armamento e aprovisionamentos suficientes para equipar duzentos homens e cavalos durante um ano. Porque não o co-

mandais? Podeis levar o Nicholas até Crydee, continuar a subir a costa até à nova guarnição, e depois visitar o Martin e a Briana durante uns tempos antes de regressardes.

Amos sorriu. — Uma última viagem, para as bandas onde começou a minha maldita sina.

— Maldita sina? — indagou Arutha.

— Conhecer-vos, Arutha. Desde que nos conhecemos, insistis em destruir a minha diversão sempre que podeis.

Era uma velha piada que ambos partilhavam. — Portastes-vos bem para um pirata impenitente.

Amos encolheu os ombros. — Bem, dei o meu melhor.

— Ide cortejar a vossa dama — disse Arutha. — Em breve irei juntar-me à minha.

Amos deu uma palmada nas costas de Arutha, depois virou-se e foi embora. Após a sua saída, Arutha continuou a contemplar as distantes luzes do porto, absorto em pensamentos e recordações.

As reminiscências de Arutha foram interrompidas por uma presença inesperada ao seu lado. Virou-se e deu com o estranho pequeno isalani ao lado dele, observando a cidade ao fundo.

— Precisava de passar uns instantes convosco — disse Nakor.

— Como conseguistes passar pelos guardas do corredor? — quis saber Arutha.

Nakor encolheu os ombros. — Foi fácil — limitou-se a responder. Depois, pôs-se a contemplar as águas, como que a observar algo distante. — Ides enviar o vosso filho numa viagem.

Arutha virou-se de viés, com os olhos fixos no isalani.

— O que sois vós? Um adivinho, um profeta ou um feiticeiro?

Nakor encolheu os ombros. — Sou um batoteiro. — Mostrou um baralho de cartas aparentemente vindo do nada. — É assim que ganho a vida, por vezes. — Meneou o pulso e o baralho desapareceu. — Mas às vezes tenho visões. — Ficou em silêncio por instantes, depois prosseguiu: — Há anos, quando conheci o Borric, senti-me atraído para ele, pelo que quando ele simpatizou comigo, fiquei junto dele.

Fez uma pausa e, sem pedir licença, saltou para cima das pedras do baixo muro, e sentou-se sobre as pernas. Olhou para o Príncipe e disse:

— Muitas coisas não têm explicação, Príncipe. Porque sei coisas e consigo fazer coisas. Coisas a que chamo os meus truques. Mas confio nos meus dons.

»Estou aqui para velar pela vida do vosso filho.

Arutha abanou a cabeça, um pequeno movimento de recusa. — Velar pela vida dele?

— Ele terá de enfrentar um perigo.

— Que perigo?

Nakor encolheu os ombros. — Não sei.

— E se eu não o enviar? — indagou Arutha.

— Não podeis. — Nakor abanou a cabeça. — Não, isso seria um erro.

Não o *deveis* fazer.

— Porque não?

Nakor suspirou e o seu sorriso desvaneceu-se. — Há muito tempo, conheci o vosso amigo James. Ele contou-me coisas sobre vós e sobre a vossa vida, e sobre o que havia feito para merecer a vossa consideração. Falou-me de um homem que viu coisas.

O suspiro de Arutha imitou o de Nakor. — Vi homens mortos levantarem-se e matar, e vi magia estranha; conheci homens que nasceram noutros mundos. Falei com dragões e vi visões impossíveis ganharem vida.

— Então confiai em mim — disse Nakor. — Fizestes uma escolha. Tendes de a cumprir. Mas permiti que eu e o Ghuda acompanhem o vosso filho.

— Porquê o Ghuda?

— Para velar pela minha vida — disse Nakor, e o sorriso voltou.

— O Borric disse que sois um feiticeiro.

Nakor encolheu os ombros. — Por vezes, tenho interesse em fazer os outros acreditar nisso. O vosso amigo Pug sabia que a magia não existia.

— Conheceis o Pug?

— Não. Mas ele era famoso antes de eu conhecer o Borric. Ele conseguiu feitos extraordinários. E durante algum tempo vivi em Stardock.

Arutha cerrou os olhos. — Há uma dúzia de anos que não o vejo, e constou-me que ele se mudou para a Ilha do Feiticeiro, e que não pretendia ser contactado pelos seus velhos amigos. Eu respeitei esse desejo.

Nakor saltou do muro. — Chegou a hora de o desrespeitarmos. Teremos de ir ao encontro dele. Informai o vosso capitão de que teremos de parar lá durante a jornada rumo ao Ocidente.

— Sabeis para onde vou enviar o Nicholas?

Nakor indicou que não com a cabeça. — Só sei que quando reencontrei o Ghuda ao fim de tantos anos, ele estava sentado a contemplar o pôr-do-sol. Foi então que fiquei a saber que eventualmente iríamos viajar nessa direção. — Nakor bocejou. — Agora vou deitar-me, Príncipe.

Arutha limitou-se a acenar enquanto o estranho homenzinho regressava para o corredor que dava acesso à sacada. O Príncipe de Krondor permaneceu em silêncio durante muito tempo, encostado ao muro enquanto pensava no que fora dito. As palavras de Nakor ecoavam na sua mente enquanto tentava entender a conversa.

De uma coisa estava certo: de todos aqueles que amava, Nicholas era o menos capaz de cuidar de si mesmo caso tivesse de viajar em direção ao perigo. Só muitas horas depois é que Arutha se foi deitar.

## VIAGEM

O palácio estava em alvoroço. Arutha passara uma manhã tranquila com a mulher, e quando terminaram o pequeno-almoço, ela concordara que um ou dois anos na companhia de Martin poderia ser a coisa certa para Nicholas. Ela vivera em Crydee como hóspede de Arutha durante o último ano da Guerra da Brecha e passara a gostar bastante daquela modesta vila na Costa Extrema. Embora inóspita quando comparada com os padrões de Krondor, fora ali que conhecera o seu amado Arutha, com todos os seus estados de espírito sombrios e preocupações, bem como com os lados mais joviais do seu ser. Ela compreendia as preocupações de Arutha em relação a Nicholas, e o receio que ele tinha de o rapaz não ser capaz de lidar com a situação, estando o destino de terceiros em jogo; ela também sabia que Arutha encararia tal ocorrência como uma falha da sua parte. Embora fosse sentir saudades do filho mais novo, cedeu, pois compreendeu que tal era para o bem de Arutha, bem como para o de Nicholas. Por causa dela, Arutha protegera Nicholas de muitas das realidades mais rígidas do mundo em que vivia. O seu argumento era a simples afirmação de que Nicholas era o terceiro na sucessão à coroa, atrás dos irmãos, e até agora nada na sua vida o preparara para tal empreitada caso a sorte inesperadamente lhe pusesse a coroa nas mãos, como acontecera ao seu tio Lyam.

Anita também adivinhara um segundo sentido nas suas palavras, mais do que uma simples ansiedade associada a um filho mais novo que sai de casa pela primeira vez, mas não conseguiu perceber bem o quê. Mas acima de tudo, Anita compreendia que o marido ansiava por assumir o controlo, dar orientações, proteção e apoio a Nicholas, e que deixá-lo ir era provavelmente mais difícil para Arutha do que para ela.

Uma hora depois de Arutha informar Nicholas e Harry de que deveriam partir para Crydee com Amos, os mil e um detalhes associados aos preparativos para a viagem puseram a Casa Real num estado próximo do pânico. Todavia, graças à prática adquirida em centenas de eventos estatais, o Administrador Real e a sua equipa de escudeiros, pajens e criados mostraram-se à altura da situação, e Arutha sabia que quando o barco partisse no dia seguinte, tudo o que o Príncipe e o seu companheiro precisariam estaria a bordo.

O *Águia Real* estava pronto para levar o armamento e os aprovisio-

namentos necessários para a nova guarnição que o Duque Martin estava a estabelecer. Amos estava a assumir o comando, e partiriam rumo a Crydee com a maré da manhã, bem cedo. A decisão para uma partida tão súbita fora tomada porque Arutha não queria que houvesse tempo para repensar a sua decisão, mas também para aproveitarem as condições climatéricas favoráveis. Os infames Estreitos das Trevas estariam navegáveis durante os meses que se avizinhavam, porém o outono desabaria sobre Amos quando ele zarpassse para a viagem de regresso. Assim que o mau tempo chegasse, os estreitos entre o Mar Amaro e o Mar Interminável eram demasiado perigosos para navegar, a não ser em caso de necessidade extrema.

Amos percorreu o comprido corredor que dava acesso aos aposentos dos hóspedes. Durante os anos que vivera em Krondor, nunca se dera ao trabalho de arranjar alojamento privado fora do palácio, ao contrário da maioria dos outros colaboradores do Príncipe. Era o único membro do círculo de conselheiros e comandantes do Príncipe que se mantinha solteiro e não necessitava de um lugar para albergar uma família. Como passava quase três quartos do tempo em alto-mar, a verdade é que também passava pouco tempo no palácio.

Porém, agora debatia-se com a ideia de como a sua vida iria mudar após esta viagem. Hesitou durante instantes, depois bateu à porta. Um criado assomou prontamente à porta e, ao ver o Almirante, abriu-a completamente. Amos entrou e viu Alicia sentada num divã diante de uma larga passagem envidraçada que dava para a sua varanda privativa, aberta para deixar entrar a brisa da manhã. Ela levantou-se e sorriu quando ele se encaminhou na sua direção.

Ele tomou-lhe a mão e beijou-lhe o rosto. Embora os criados soubessem que ele passara a noite neste mesmo apartamento, em nome do protocolo da corte fizeram de conta que não sabiam. Amos esgueirara-se antes da alvorada e regressara aos seus aposentos. Mudara de roupa e fora ao porto para uma rápida inspeção ao *Águia Real*.

— Amos — disse a Princesa de Dowager. — Não esperava ver-vos antes desta noite.

Amos não sabia o que dizer, o que deixou Alicia atónita. Na noite anterior, percebera que ele estava a pensar em alguma coisa, pois embora se tivesse mostrado fioso, também lhe parecera algo alheado. Por várias vezes, parecera-lhe que ele estivera na iminência de dizer algo, mas depois acabava por fazer uma pergunta ou uma afirmação inconsequente.

Olhou em redor, e quando teve a certeza que estavam sós, sentou-se pesadamente ao lado dela.

— Alicia, minha querida — disse, segurando-lhe a mão. — Pensei bastante sobre o assunto...

— Que assunto? — interrompeu-o ela.

— Deixai-me acabar — disse. — Se não disser o que tenho para dizer, ainda perco a cabeça, iço as velas e zarpo.

Ela tentou não rir, pois ele parecia bastante sério. Todavia, já imaginava o que se seguiria.

— Não estou a ficar mais novo. . .

— Ainda sois um jovem — disse ela em jeito de brincadeira.

— Que raios, mulher, isto já é difícil sem que tenteis lisonjear-me! — O seu tom era mais de exasperação do que de raiva, por isso ela não levou a mal. Os seus olhos deixavam transparecer um brilho de felicidade embora mantivesse um rosto impassível.

— Já fiz muitas coisas de que não me orgulho, Alicia, e algumas já vo-las confessei. Outras, preferia esquecer. — Fez uma pausa, à procura das palavras. — Por isso, se não quiserdes, eu compreendo e não ficarei ofendido.

— Se não quiser o quê, Amos?

— Casar — disse Amos de rompante, quase enrubescendo.

Alicia soltou uma gargalhada e apertou-lhe as mãos com força. Inclinou-se para a frente e beijou-o. — Seu tolo. Com quem mais iria eu casar? É por vós que estou apaixonada.

Amos sorriu. — Pronto, sendo assim, está bem. — Passou os braços à volta dela e cingiu-a com força. — Não vos ides arrepender, pois não?

— Amos, com a minha idade, já me arrependi de muita coisa, posso afiançar-vos. Casei com o Erland porque ele era irmão do Rei e o meu pai o Duque de Timons, não por sentir alguma coisa por ele. Acabei por amar o meu marido, pois ele era um homem bondoso e adorável, mas nunca estive *apaixonada* por ele. Quando ele morreu, parti do princípio que o amor seria algo que iria apreciar noutras pessoas mais novas do que eu. Foi então que vós entrastes na minha vida. — Amos recostou-se e ela segurou-lhe o queixo com a mão, abanando-lhe a cabeça em jeito de brincadeira, como se faz às crianças. Depois passou-lhe a mão pelo rosto e acariciou-o. — Não, eu não tenho tempo suficiente para fazer escolhas erradas. Não obstante todos os vossos defeitos, tendes uma mente alerta e um bom coração, e tudo o que tendes feito no passado já lá vai. Vós fostes o único avô que os meus netos conheceram, embora eles saibam que não o devem dizer à vossa frente, mas sabeis que é o que eles sentem. Não, isto não é um erro. — Ela encostou-se aos seus braços e ele apertou-a outra vez com força. Amos suspirou de felicidade.

Alicia sentiu lágrimas de felicidade assomarem-lhe aos olhos e pestanejou para as conter. Amos nunca se sentira à vontade com demonstrações manifestas de emoções. Há anos que mantinham uma relação íntima,

mas ela compreendera a renitência de Amos em declarar-se, pois sabia-o um homem avesso a relações de proximidade. Era evidente que gostava de Arutha e da sua família, porém havia sempre algo em Amos que era distante. Ela sabia que ele se retraía, e não havia nada que pudesse fazer para que se abrisse. A idade conferira-lhe uma sabedoria que muitas mulheres mais jovens não compreenderiam. Não quisera afastar Amos pedindo-lhe que escolhesse entre o seu amor por ela e o seu amor pelo mar.

Relutantemente, Amos deixou de a abraçar. — Bem, por muito que gostasse de ficar um pouco, o marido da vossa filha destinou-me uma missão.

— Partis novamente? Mas acabastes de chegar. — A sua voz revelava uma desilusão genuína.

— Sim, é verdade. Mas o Nicholas tem de ir para a corte do Martin para amadurecer durante um ou dois anos, e é preciso transportar alguns aprovisionamentos para a nova guarnição de Barran na costa noroeste. — Contemplou os olhos verdes de Alicia. — Será a minha última viagem, meu amor — disse. — Não irei demorar muito, e depois não tardareis a ficar saturada de me terdes constantemente à perna.

Ela abanou a cabeça e sorriu. — Não acredito. Tereis muito com que vos ocupardes nas minhas propriedades. Teremos terras que gerir, caseiros que supervisionar, e duvido que o Arutha vos deixe estar longe da corte mais de um mês de cada vez. Ele aprecia as vossas perspectivas e opiniões.

Conversaram durante algum tempo até que Amos disse:

— Temos muito que fazer. Tenho de me certificar de que o navio está preparado, e vós e a Anita irão certamente andar numa azáfama com os preparativos para o casamento.

Separaram-se e Amos afastou-se dos aposentos de Alicia com uma sensação de júbilo e um invulgar desejo de continuar a velejar para ocidente depois de deixar Nicholas no seu destino. Amava Alicia como nunca amara outra mulher, mas a ideia de casamento era um pouco assustadora para o velho solteiro.

Quase deitou ao chão Ghuda Bulé ao dobrar uma esquina. O mercenário de cabelos grisalhos recuou, fazendo uma reverência desajeitada. — Perdoai-me, senhor.

Amos fez uma pausa. — Não tendes de pedir desculpa... — disse em keshiano.

— Ghuda Bulé, senhor.

— Ghuda — repetiu Amos. — Eu ia a pensar noutras coisas e não estava a prestar atenção.

— Perdoai-me, senhor, mas acho que vos conheço — disse Ghuda, franzindo o cenho.

Amos esfregou o queixo. — Já fui uma ou duas vezes a Kesh.

Ghuda sorriu ironicamente. — Eu fui principalmente guarda de caravanas; não há muita coisa em Kesh que eu não conheça.

— Bem, deve ter sido num porto, pois nunca segui para o interior de Kesh mais do que o necessário — disse Amos. — Talvez em Durbin.

Ghuda encolheu os ombros. — Talvez. — Olhou em redor. — O meu companheiro desapareceu, o que é bastante comum nele, por isso decidi passear um bocado. — Abanou a cabeça. — Estive no palácio da Imperatriz na Cidade de Kesh há alguns anos, quando viajei com o filho do vosso Príncipe. — Olhou de relance para as altas janelas abobadadas sobranceiras à zona florestal da cidade. — Isto aqui é muito diferente, mas vale a pena ver.

Amos sorriu. — Nesse caso, aproveitai bem o passeio. Partiremos ao romper da aurora para aproveitar a maré.

Ghuda franziu o cenho. — *Partiremos?*

O sorriso de Amos alargou-se. — Eu sou o Almirante Trask. Arutha informou-me de que vós os dois irão viajar connosco.

— Para onde vamos? — indagou Ghuda.

— Ah! — exclamou Amos. — É óbvio que aquele vosso estranho amigo não vos informou. Vós e ele irão acompanhar-nos até Crydee.

Ghuda voltou-se lentamente, falando com ele mesmo, mas também com Amos. — É evidente que ele não me informou, nunca me informa sobre nada.

Amos deu-lhe uma palmada amigável nas costas. — Bem, não sei bem porquê, mas sois bem-vindo. Tereis de partilhar uma cabina com o pequenote, mas já pareceis habituado à sua companhia. Encontramo-nos no pátio amanhã de madrugada.

— Lá estaremos, sem dúvida. — Depois de Amos ir embora, Ghuda abanou a cabeça. — Por que motivo vamos para Crydee, Ghuda? — murmurou, num tom acre. — Não faço a menor ideia, Ghuda. Vamos procurar Nakor, Ghuda? Com certeza, Ghuda. Depois estrangulamo-lo, Ghuda? — Com um simples aceno de cabeça, respondeu a si mesmo.

— Com muito prazer, Ghuda.

**N**icholas estugou o passo ao longo do pátio de formatura dos soldados, onde estava a realizar-se o exercício da tarde. Andava à procura de Harry.

O jovem escudeiro estava onde Nicholas esperara encontrá-lo, a ver a equipa de Kronдор preparar-se para uma partida de futebol contra a equipa visitante de Ylith. Aquele desporto, que se jogava de acordo com as regras do Príncipe de Kronдор (sistemizadas cerca de vinte anos antes por Arutha), tornara-se o jogo nacional do Reino Ocidental, e agora os campeões

de cada cidade enfrentavam-se com regularidade. Anos antes, um comerciante empreendedor mandara construir um campo e bancadas perto do palácio. Com o passar dos anos, realizara melhoramentos e expandira-o, até ao ponto de ser atualmente um estádio com capacidade para receber facilmente quarenta mil espetadores. Previa-se uma lotação esgotada no seguinte Sexto Dia, data em que a partida se realizaria. A equipa visitante de Ylith, os Ases da Ala Norte, vinha defrontar os campeões de Krondor, a Associação dos Moleiros e Padeiros.

Nicholas chegou a tempo de assistir a uma jogada de ataque, na qual cinco jogadores investiram contra o guarda-redes e três defesas e, com três passes hábeis, marcaram golo. — Detesto perder o resto do jogo — disse Harry ao virar-se.

— Eu também — disse Nicholas —, mas pensa bem: uma viagem pelo mar!

Harry olhou para o amigo e divisou um entusiasmo que nunca antes vira em Nicholas. — Queres mesmo ir, não queres?

— Tu não queres?

Harry encolheu os ombros. — Não sei. Crydee parece ser um sítio onde nada acontece. Como será que são as raparigas de lá? — Sorriu ao proferir estas palavras e Nicholas respondeu com um esgar. Porém, gostava de estar perto de Harry quando este namoriscava as raparigas mais novas da corte e as filhas da criadagem, porque pensava que poderia aprender alguma coisa, desde que o escudeiro não as molestasse, conforme fizera no dia anterior. Em certas ocasiões, Harry podia ser encantador, mas noutras era demasiado agressivo para o gosto de Nicholas.

— Tu podes até sentir a falta de seres rejeitado pelas miúdas daqui, mas eu sinto que me estão a libertar da jaula — disse Nicholas.

O habitual ar trocista de Harry desvaneceu-se. — É assim tão mau?

Nicholas virou as costas ao treino e começou a caminhar para o palácio, e Harry seguiu a seu lado. — Sempre fui o mais novo, o mais fraco, o... aleijado.

Harry franziu o sobrolho. — Grande aleijado. Eu já sofri mais contusões e cortes nos treinos de espada contigo do que com todos os outros juntos, e acho que não te toquei mais de duas vezes num ano.

— Fizeste um ou dois pontos — disse Nicholas com aquele sorriso perverso que o fazia parecer-se com o seu pai.

Harry encolheu os ombros. — Estás a ver? Eu não sou mau, mas tu és excecional. Como é que alguém pode achar que és um aleijado?

— A Cerimónia de Apresentação realiza-se em Ludland?

— Não — respondeu Harry. — Isso é apenas para a família real, certo? Nicholas abanou a cabeça. — Não. Antigamente, todos os bebés da

nobreza eram apresentados ao povo trinta dias após o nascimento, para que todos constatassem que a criança nascera imaculada.

»Caiu em desuso no Reino Oriental há muito tempo, mas no Ocidente era prática comum. Os meus irmãos foram apresentados, bem como a minha irmã, aliás todas as crianças da família real, até chegar a minha vez.

Harry anuiu. — Pronto, está bem, o teu pai não quis exhibir-te ao povo. E depois?

Nicholas encolheu os ombros. — Às vezes, não é aquilo que somos; é a maneira como as pessoas nos tratam. Sempre me trataram como se eu tivesse alguma coisa de errado. Isso dificulta as coisas.

— E achas que as coisas serão diferentes em Crydee? — perguntou Harry enquanto abandonavam a área do estádio e chegavam ao portão do palácio.

À sua passagem, dois guardas fizeram continência ao Príncipe, e Nicholas disse:

— Não conheço bem o meu tio Martin, mas gosto dele. Acho que posso ter uma vida diferente em Crydee.

Harry suspirou ao entrarem para o palácio. — Espero que não seja muito diferente — disse, quando ia a passar apressadamente uma criada especialmente bonita. Ficou a observá-la até ela desaparecer por uma porta lateral. — Aqui há tantas possibilidades, Nicky.

Nicholas abanou a cabeça resignado.

**O**s remadores remaram e o bote recuou, à medida que lançavam pesados cordames para a popa do navio. Nas docas, Arutha, Anita e uma hoste de funcionários da corte permaneciam de pé, despedindo-se do Príncipe Nicholas. Anita tinha os olhos reluzentes, mas estava a conter as lágrimas. Nicholas era o seu bebé, mas já testemunhara a partida de três outros filhos, e isso permitia que mantivesse o equilíbrio. Não obstante, segurava o braço do marido com força. Havia algo nos modos dele que a deixavam inquieta.

Nicholas e Harry estavam de pé perto da proa a acenar para os presentes nas docas. Amos estava por detrás deles, com os olhos fixos na sua amada Alicia. Nicholas passou o olhar da avó para Amos e disse:

— Bem, devo começar a tratar-vos por «avô»?

Amos mirou Nicholas com um olhar funesto. — Se o fizerdes, ireis a nado até Crydee. E assim que zarparmos, começareis a tratar-me por «Capitão». Tal como eu disse ao vosso pai há mais de vinte anos, sendo Príncipe ou não, a bordo de um navio quem manda é o capitão. Aqui, sou sacerdote e rei, nunca o esqueceis.

Nicholas sorriu de esquelha para Harry, pois ainda não estava a credi-

tar que Amos pudesse transformar-se numa espécie de tirano enraivecido uma vez em alto-mar.

A tripulação do porto continuou a rebocar o enorme navio para longe do embarcadouro real, depois afastou-se. Amos olhou de relance para o piloto do porto. — Assumi o comando do leme, piloto chefe! — gritou. Depois continuou, dirigindo-se à tripulação: — Içai as gáveas! Preparai as velas grandes e os joanetes!

Quando içaram as três primeiras velas, o navio pareceu ganhar vida. Nicholas e Harry sentiram o movimento debaixo dos pés. O navio adernou ligeiramente para a direita enquanto o piloto procurava acertar o rumo. Amos deixou os rapazes sozinhos e foi para a popa.

Lentamente, o navio deslizou pelo porto, passando majestosamente por dezenas de outras embarcações menores. Nicholas observou cada detalhe enquanto a tripulação se azafamava a dar resposta às ordens do piloto. Duas embarcações mais pequenas da guarda costeira estavam a entrar na boca da doca quando se aproximavam. Ao avistarem o pavilhão da Casa Real de Krondor no mastro principal, acenaram o estandarte do Reino em gesto de saudação. Nicholas acenou-lhes.

— Que gesto tão pouco decoroso, Vossa Majestade — comentou Harry.

Nicholas enfiou o cotovelo nas costelas de Harry, com uma gargalhada. — Quem se importa?

O navio virou contra o vento ao passarem a boca da doca e quase se imobilizou. Um pequeno bote a remos colocou-se ao lado e o piloto e o ajudante apressaram-se a descer para lá, passando o comando da embarcação para Amos.

Assim que a embarcação do piloto se afastou, Amos virou-se para o seu primeiro ajudante, um homem chamado Rhodes, e gritou:

— Mareai as gáveas! Preparai as velas grandes e os joanetes!

Nicholas não conseguiu evitar agarrar-se à amurada, pois o navio pareceu saltar para a frente quando o vento deu nas velas. Sob a enérgica brisa da manhã, o navio avançou rapidamente sobre a água. O Sol começou a queimar através da bruma da manhã e o céu assumiu tons de um azul intenso. Lá no alto, as gaivotas voavam atrás do navio, à espera que lançassem ao mar o lixo do dia.

Nicholas apontou para a ondulação provocada pelo casco do navio e Harry avistou golfinhos a fazer uma corrida com a embarcação. Os dois rapazes riram-se com aquilo.

Amos observou os marcos geodésicos da doca ficarem para trás, depois consultou a posição do Sol por cima da doca. — Para oeste, Sr. Rhodes — indicou, virando-se para o primeiro imediato. — Em direção à Ilha do Feiticeiro.

...

**D**urante seis dias seguiram contra os ventos prevaletentes de Oeste, até que o vigia gritou:

— Terra à vista!

— Em que direção? — gritou Amos.

— Dois graus além de estibordo, Capitão! É uma ilha!

Amos assentiu com a cabeça. — Procurai os promontórios, Sr. Rhodes. Existe uma enseada a sudoeste onde podemos atracar. Fazei saber aos outros que apenas nos demoraremos um dia ou pouco mais. Ninguém deve abandonar o navio sem autorização.

— Ninguém vai querer desembarcar na Ilha do Feiticeiro sem uma ordem direta, Capitão — disse o lacónico Rhodes.

Amos anuiu. Sabia quem ali vivia atualmente, mas as velhas superstições perduravam. Durante anos fora o abrigo de Macros, o Negro, e era uma ilha famosa por abrigar demónios e outros espíritos das trevas. Pug, um mago que era familiar de Arutha por adoção e com quem Amos se encontrara por diversas vezes, assentara arraiais na ilha há quase nove anos, e, por motivos que só ele conhecia, eram muito poucos aqueles a quem recebia de braços abertos. — Passai palavra para que se mantenham alerta — disse Amos quase instintivamente.

Ao olhar à sua volta, Amos compreendeu que tal não era necessário. Todos os tripulantes do navio tinham os olhos postos naquele ponto de terra que se aproximava a cada minuto. Amos sentiu uma pequena ferroadada de ansiedade, pois embora soubesse que Pug pedira que ninguém o fosse visitar, duvidava que ele atacasse um navio com o pavilhão real de Krondor.

Nakor e Ghuda tinham subido ao convés, e o pequeno homem apressou-se até à proa, onde já estavam Nicholas e Harry. Nicholas sorriu para o estranho homenzinho. Simpatizara com Nakor, que se revelara um companheiro divertido numa viagem que, de outro modo, se tornaria aborrecida.

— Agora ides presenciar certas coisas — disse Nakor.

— Vede, um castelo — disse Ghuda.

Sobre um promontório, conseguiram avistar a silhueta de um castelo durante a aproximação. À medida que a distância diminuía, começaram a distinguir os pormenores. Fora construído com pedras negras, e assentava sobre uma língua rochosa de terra que se separava do resto da ilha por uma estreita fissura através da qual o marulhar das ondas embatia. Por cima desse intervalo, fora estendido um passadiço, mas mesmo com esse acesso, aquele lugar não tinha nada de hospitaleiro. Uma janela solitária, bem no alto de uma torre, emanava uma agoirenta luz azul.

O navio oscilou para sul dos rochedos que delineavam a base do preci-

pício por debaixo do castelo e não tardou a aproximarem-se de uma pequena baía. Os rapazes, Ghuda e Nakor ouviram Amos ordenar:

— Baixai todas as velas! Lançai a âncora.

Em poucos minutos o barco imobilizou-se e Amos aproximou-se. — Muito bem, quem mais vai a terra além destes dois? — perguntou, indicando Nakor e Ghuda.

— Não sei bem o que estais a pedir, Amos... ehh, Capitão.

Amos pareceu olhar de viés para o rapaz com um olho quando disse:

— Bem, então parece que o vosso pai ainda vos disse menos do que a mim. Tudo o que me disse foi que deveríamos vir à Ilha do Feiticeiro para que vós visitásseis o vosso primo Pug. Pensei que estáveis a par do assunto.

Nicholas encolheu os ombros. — Não estou com ele desde muito pequenino; mal o conheço.

— Vós vindes — disse Nakor. Apontou para Harry. — Vós também. — A seguir virou-se para Amos. — Já vós, não sei. Acho que também deveis ir, mas não tenho a certeza. O Ghuda acompanha-me.

Amos cofiou a barba. — O Arutha disse para eu fazer o que pedísseis, Nakor, por isso também vou.

— Ótimo — disse o homenzinho com um sorriso. — Vamos lá. O Pug está à espera.

— Ele sabe que nós estamos aqui? — disse Harry.

Ghuda abanou a cabeça. — Não, está a dormir ferrado e não reparou neste enorme navio que há meio dia vem a aproximar-se.

Harry teve a decência de enrubescer e Nicholas riu-se. Amos dirigiu-se aos elementos da tripulação, cuja maioria estava pendurada no cordame, observando as luzes intermitentes do distante castelo. — Baixai um bote! — ordenou.

**A**quilha do bote enterrou-se na areia e dois marinheiros saltaram para fora e puxaram-no até terra. Nicholas e Harry saltaram e avançaram com água a dar-lhes pelos tornozelos, e foram seguidos por Nakor, Ghuda e Amos.

Nakor seguiu imediatamente por um caminho que conduzia a uma crista sobranceira a uma enseada. — Aonde é que ides? — indagou Amos.

— Por ali — respondeu Nakor sem parar de caminhar, mas virando-se e apontando para o topo do caminho.

Ghuda olhou para os outros, encolheu os ombros e começou a segui-lo. Os rapazes hesitaram um instante, depois também começaram a avançar pelo caminho.

Amos abanou a cabeça e virou-se para os marinheiros. — Regressai ao

navio. Informai o Sr. Rhodes de que deve manter-se atento; faremos sinal quando quisermos que o bote venha buscar-nos.

Os dois marinheiros fizeram continência e voltaram a empurrar o barco, enquanto os outros dois que ainda estavam lá dentro pegaram num par de remos e começaram a remar contra a rebentação das ondas. Os dois que estavam apeados saltaram lá para dentro e não tardou a que os quatro marinheiros estivessem a remar na direção da segurança relativa do navio.

Amos arrastou-se lentamente no encalço dos outros quatro e foi encontrá-los à espera dele no topo do caminho. Havia outro caminho na direção oposta do que conduzia ao castelo e Nakor começou a seguir por esse.

— O castelo fica naquela direção, keshiano — avisou Amos.

— Isalani — corrigiu-o Nakor. — Os Keshianos são indivíduos altos e escuros que andam de um lado para o outro quase despidos. E o Pug está para este lado.

— É melhor não discutir com ele, Almirante — disse Ghuda, enquanto o seguia. Os outros imitaram-no e foram atrás de Nakor, percorrendo uma estreita passagem que subia até outra crista. Do topo da segunda crista conseguiam ver para um pequeno vale. O vale estava pejado de arbustos cerrados e árvores antigas. O caminho parecia acabar junto do bosque, no sopé da colina.

— Aonde nos levais? — perguntou Ghuda.

Nakor quase saltitava ao caminhar, batendo com o bordão no caminho. — Por aqui. Já não falta muito.

Os rapazes apressaram-se a segui-lo, quase a correr, e não tardou estavam ao lado do isalani. — Nakor — disse Nicholas —, como sabeis que o Pug está ali?

— É um truque — respondeu Nakor encolhendo os ombros.

Quando chegaram ao ponto onde a floresta começava, depararam-se com um emaranhado de matagal de aspeto assustador e árvores tão próximas umas das outras que a passagem parecia impossível. — E agora, por onde? — quis saber Harry.

Nakor sorriu. — Vede. — Apontou para o caminho com o bordão. — Vede ali. Não olheis para cima.

Começou a caminhar lentamente e virou-se de modo a seguir de costas, arrastando a ponta do bordão pelo chão. Os rapazes seguiram-no, mantendo os olhos fixos na ponta do bordão enquanto este levantava poeira do chão. Seguiram lentamente, e passado algum tempo Nicholas percebeu que neste ponto já deveriam estar presos no denso matagal, mas que na realidade o caminho continuava desimpedido. — Não olheis para cima — repetiu Nakor.

Estavam envoltos em trevas, mas conseguiam ver distintamente o ca-

minho no ponto onde o bordão lhe tocava. Depois, subitamente, ficou claro e Nakor disse:

— Já podeis olhar.

Em vez de uma floresta cerrada, estavam diante de um enorme campo por onde podiam passar, com algumas árvores de fruto bem tratadas nas orlas. Do outro lado do campo havia ovelhas a pastar, e meia dúzia de cavalos trotavam num imenso prado. Nicholas olhou para trás e viu Amos e Ghuda a olhar à sua volta como se estivessem perdidos. — Eles são muito lentos — comentou Nakor. — Vou buscá-los.

— Não é preciso — disse uma voz vinda das suas costas.

Nicholas voltou-se e viu um homem de manto negro, ligeiramente mais baixo do que ele, a olhar para os três com uma expressão de perplexidade. O Príncipe arregalou os olhos pois não era possível que aquele homem estivesse ali instantes antes. O homem fez um movimento com a mão e, subitamente, Amos e Ghuda estavam a olhar estupefactos com os olhos esbugalhados. — Removi a ilusão — disse o homem.

— Eu bem disse: era um truque — disse Nakor.

O homem mirou os dois rapazes e Nakor, depois perscrutou Amos e Ghuda enquanto estes se aproximavam. Passados uns instantes, o seu rosto com barba relaxou e os anos pareceram esfumar-se quando disse:

— Capitão Trask! Não fazia ideia.

Amos encaminhou-se para ele com largas passadas e estendeu-lhe a mão. — Pug, como é bom reencontrar-vos outra vez. — Enquanto apertavam as mãos, Amos disse:

— Não estais muito diferente do que éreis após a Batalha de Sethanon!

— Já me tinham dito — afirmou Pug, transparecendo algum humor na sua voz. — Quem são os vossos companheiros?

Amos fez sinal para que Nicholas avançasse. — Tenho o prazer de vos apresentar o vosso primo, Príncipe Nicholas.

Pug sorriu calorosamente para o rapaz. — Nicky — disse —, não vos vejo desde que éreis pouco mais do que um bebé.

— Este é Harry de Ludland, o seu escudeiro — prosseguiu Amos —, e estes dois são Ghuda Bulé e...

Antes que conseguisse terminar, Nakor interveio:

— Eu sou Nakor, o Cavaleiro Azul.

Inesperadamente, Pug desatou à gargalhada. — Vós! Já ouvi falar de vós. Sois muito bem-vindo à *Villa Beata* — disse, com genuíno regozijo.

Fez sinal para que o seguissem e conduziu-os até uma casa de aspeto desusado. Um enorme edifício central, branco, com telhado de telhas vermelhas, era rodeado por um muro de pedra branco e baixo, que guardava um pomar de árvores de fruto e flores. No centro do jardim, um fontaná-

rio de mármore representando três golfinhos jorrava para o alto um alegre borrifo de água. Mais afastadas, conseguiam vislumbrar outras construções exteriores.

— O que é a *Villa Beata*? — indagou Nicholas, estugando o passo para seguir ao lado de Pug.

— É este lugar. Na língua daqueles que a construíram, significa «abençoado lar», ou pelo menos foi isso que me disseram. E foi isso que aqui encontrei.

Amos virou-se para Nakor. — Como sabíeis que não deveríamos ir para o castelo? — perguntou.

O homenzinho sorriu e encolheu os ombros. — É para isso que eu sirvo.

— Se tivésseis ido para o castelo — disse Pug por cima do ombro —, não teríeis encontrado ninguém, à exceção de algumas armadilhas engraçadas na torre principal. Acho que ajuda a preservar a minha privacidade ao manter viva a lenda do Feiticeiro Negro. Os alertas que lá criei ter-me-iam informado da vossa chegada, mas deste modo poupastes meio dia de tempo desperdiçado. — Olhou para Nakor e disse:

— Temos de conversar antes de partirdes.

Nakor acenou vigorosamente com a cabeça. — Gosto da vossa casa. Faz todo o sentido.

Pug acenou em resposta.

Quando chegaram ao portão do muro baixo, Pug manteve-o aberto para os outros passarem, e depois seguiu atrás deles. — Tende em atenção que nem todos os meus criados são humanos, e alguns podem assustar-vos. Porém, nenhum deles vos fará qualquer mal.

Como que a ilustrar o que acabara de dizer, uma criatura de alta estatura assomou à porta principal da casa. Ghuda já desembainhara metade do sabre quando se lembrou das palavras de Pug e voltou a guardá-lo. A criatura parecia-se com um trasgo, embora fosse mais alta do que qualquer um que Ghuda alguma vez vira. De um modo geral, os trasgos eram mais baixos do que os humanos, mas não muito. A pele matizada de azul e verde desta criatura era macia, e tinha uns olhos enormes e redondos, com íris negras sobre globos amarelos. Além disso, tinha feições mais delicadas do que os trasgos que Ghuda combatera, embora tivesse o sobrolho carregado e o cómico enorme nariz típicos dos trasgos. Todavia, envergava vestes de material e corte delicados e o seu porte só podia ser definido como digno. Sorriu, mostrando uns dentes compridos que eram quase presas. Fez uma respeitosa reverência e disse:

— Mestre Pug, preparei algo para beber.

— Este é o Gathis — explicou Pug —, o mordomo-mor da minha

casa. Tudo fará para que vos sentis confortáveis. — Olhando para o alto, disse:

— Creio que os nossos convidados ficarão para jantar e passar a noite. Preparai quartos para eles. — Virou-se para os cinco visitantes. — Temos espaço de sobra e creio que uma noite descansada vos faria bem — disse. — Alteza, sois muito parecido com o vosso pai quando tinha a vossa idade — acrescentou dirigindo-se a Nicholas.

— Conhecíeis o meu pai quando tinha a minha idade? — perguntou Nicholas.

Pug, com o seu aspeto jovem, anuiu. — Bem, um dia terei de vos contar. Vinde — disse, dirigindo-se a todos os outros. — Tomai algo para vos refrescardes. Eu tenho de tratar de uns assuntos urgentes, mas juntar-me-ei a vós depois de repousardes. — Depois de dizer estas palavras, desapareceu pela porta que dava para a casa, deixando-os aos cuidados de Gathis.

A estranha criatura produzia um silvo ao falar, devido principalmente a uma grande variedade de dentes, mas as suas palavras eram plenas de cortesia. — Se precisardes de algo, cavalheiros, não hesiteis em pedir-me que envidarei todos os esforços para suprir imediatamente as vossas necessidades. Por obséquio, acompanhai-me.

Conduziu-os até um espaçoso átrio, onde havia um grande conjunto de portas que davam para um enorme jardim central. Para a esquerda e para a direita alongavam-se corredores. Conduziu-os para a esquerda, até à primeira esquina, depois para a direita. Um pórtico prolongava-se a partir de uma porta à esquerda deles, fazendo a ligação entre outro grande edifício e o principal. — Estamos nos aposentos dos hóspedes, cavalheiros — disse Gathis, enquanto os conduzia até ao edifício adjacente.

Ghuda esteve prestes a desembainhar outra vez o sabre quando apareceu um troll a caminhar vagarosamente com um monte de roupa de cama. A criatura vestia uma túnica simples e calças, mas era inequivocamente um troll: formato humanoide, de baixa estatura, com ombros extremamente largos e braços quase até ao chão. Tinha feições simiescas, com enormes presas a espreitar pelo lábio inferior, e olhos pretos encovados escondidos debaixo de enormes sobrancelhas salientes. Sem qualquer espalhafato, a criatura encostou-se a uma parede e fez uma ligeira vénia, cedendo-lhes passagem.

— Aquele é o Solunk — explicou Gathis —, o porteiro. Se precisardes de toalhas lavadas ou de água quente, tocai a campainha e ele virá em vosso auxílio. Não fala a língua do Reino, mas percebe o suficiente para dar resposta aos vossos pedidos. Caso preciseis de algo que não compreenda, ele irá chamar-me. — Indicou um quarto a cada um e deixou-os.

Nicholas estava num quarto bem apetrechado, mas não excessivamen-

te ornamentado. Uma cama simples com uma colcha grossa dominava um canto, por debaixo de uma enorme janela que dava para os edifícios mais pequenos nas traseiras da casa principal. Espreitou e avistou um homem e outra criatura parecida com Gathis, mas mais pequena, a levar lenha para o que parecia ser uma cozinha.

Nicholas virou-se para examinar que mais havia no interior do quarto. Uma escrivaninha simples com uma cadeira, um enorme roupeiro e uma cómoda. Abriu as gavetas da cómoda e viu roupa de cama lavada, enquanto o roupeiro guardava um pequeno leque de vestes de diferentes cortes, cores e tecidos, e de diversos tamanhos, como se determinado número de hóspedes tivessem deixado ali ficar um ou dois artigos.

Alguém bateu à porta e Nicholas foi abri-la. À porta, estava Solunk, o troll. Fez sinal para uma enorme banheira de metal transportada por dois homens, e depois apontou para Nicholas. O rapaz compreendeu, assentiu com a cabeça e abriu a porta para trás. Os dois homens entraram e Nicholas não conseguiu deixar de os fitar fixamente. Os dois vestiam apenas umas calças vermelhas e tinham a pele escura, mas ao contrário das pessoas de pele negra de Krondor e de Kesh, estes homens não eram apenas negros. Eram negros como se os seus corpos tivessem sido pintados com negro de fumo ou tinta. Além disso, não tinham quaisquer pelos na cabeça ou no rosto, e tinham uns olhos de um surpreendente azul-claro, sem que se visse qualquer branco, que contrastavam com a pele farrusca.

Pousaram a banheira no centro do quarto e foram-se embora. O troll abriu o roupeiro e, sem hesitar, escolheu umas calças e uma túnica que pareciam ser do tamanho de Nicholas. De seguida, remexeu na cómoda, por debaixo da roupa de cama, e tirou de lá umas cuecas e umas ceroulas. Os dois homens de cor estranha regressaram com dois baldes e encheram a banheira com água quente, e deixaram uma toalha, uma escova e uma barra de sabão aromático.

O troll produziu um som inquiridor e fez o gesto de esfregar as costas de Nicholas. — Não, obrigado — disse Nicholas. — Cá me arranjaréi.

Com um grunhido que transparecia satisfação, o troll fez sinal para que os outros saíssem, foi atrás deles e fechou a porta.

Nicholas abanou a cabeça num gesto de espanto mudo, depois despiu as suas roupas imundas e enfiou-se na banheira. A água estava quente, mas não demasiado, e deixou-se afundar lentamente. Quando ficou sentado, permitiu-se um longo suspiro e recostou-se. Apreciou o luxo do banho de água quente após uma semana no reduto de um navio. Conseguia ouvir Harry a chapinhar na água ao fundo do corredor e decidiu começar a esfregar-se antes que a água arrefecesse de mais. Não tardou a estar coberto

de espuma e a cantarolar em voz baixa uma melodia em resposta às vocalizações mais turbulentas de Harry.

Depois de um demorado e revitalizante banho, Nicholas vestiu-se e percebeu que as roupas que tinham escolhido para ele assentavam-lhe quase tão bem como as suas. Calçou as botas e saiu do quarto. Não andava ninguém no corredor e pensou se deveria perturbar os outros; o vozear de Harry ainda se fazia ouvir.

Decidiu deambular um pouco e explorar. Entrou para a casa principal, passando pelo corredor principal, e virou por uma passagem que dava para o jardim central. Tal como aquele diante da casa, este jardim estava repleto de árvores de fruto e flores, com pequenos caminhos que o atravessavam desde quatro portas centrais do quadrado, formando uma cruz. No cruzamento dos dois caminhos havia um fontanário idêntico ao que estava na parte da frente da casa, e lá perto um pequeno banco de pedra branco. Pug estava lá sentado a conversar com uma mulher.

Ao aproximar-se, Nicholas viu Pug erguer o olhar e levantar-se. — Alteza, tenho o prazer de apresentar uma amiga, *Lady Ryana*. — Virou-se então para a mulher. — *Lady Ryana*, este é o Príncipe Nicholas, filho de Arutha de Krondor.

A mulher levantou-se e fez uma reverência perfeita, com uns formidáveis olhos verdes fixos no rapaz. Era difícil adivinhar a sua idade, pois bem podia ter pouco menos de vinte anos ou trinta e poucos; tinha feições bem delineadas, e «aristocrática» era a única palavra que Nicholas conseguia encontrar para a definir; na presença dela, Nicholas sentia que ele é que era o subalterno e ela a soberana. Mas por muito bela que fosse, havia algo nas suas maneiras e movimentos que só podia ser definido como estranho: os seus cabelos não eram louros, mas antes verdadeiramente dourados, e a sua pele era ebúrnea, mas quase resplandecia à luz do Sol. Nicholas hesitou por instantes, depois fez uma reverência perfeita e disse:

— Minha senhora.

— A Ryana é filha de um velho amigo e veio estudar comigo durante uns tempos — explicou Pug.

— Estudar?

Pug indicou que sim com a cabeça, e fez sinal para que Nicholas se sentasse no seu lugar, enquanto ele foi sentar-se na berma do fontanário. — Muitos dos que aqui residem são criados ou amigos, mas alguns são alunos meus.

— Pensei que tínheis construído a academia de Stardock para esses estudos — disse Nicholas.

Pug sorriu ligeiramente e, com alguma ironia na voz, disse:

— A academia é como muitas outras instituições humanas, Nicholas,

o que significa que, à medida que o tempo passa, ficará mais adaptada aos seus moldes, mais preocupada com a «tradição», e com menos apetência para evoluir. Eu próprio constatei os resultados dessas atitudes, e não desejo que se repitam. Mas eu tenho uma influência limitada em Stardock. Já passaram sete anos desde que lá fui pela última vez, e oito desde que deixei de viver com os magos de lá. Parti de lá logo após a morte da minha mulher. — Ergueu o olhar para o céu, perdido em pensamentos. — Os meus velhos amigos Kulgan e Meecham também já morreram. Os meus filhos cresceram e casaram. Não, há pouca coisa em Stardock que me incite a visitá-la.

Acenou a mão num gesto abrangente. — Aqui, recebo qualquer um que o mereça, e alguns vêm de outros mundos. Duvido que alguns dos que já conhecestes fossem bem recebidos em Stardock.

Nicholas abanou a cabeça. — Presumo que tenhais razão. — Numa tentativa de ser cortês, dirigiu-se a Ryana. — Minha senhora, vindes de um desses mundos distantes?

A voz dela revelava nuances estranhas. — Não, nasci perto daqui, Alteza.

Nicholas sentiu a pele eriçar-se sem saber bem porquê. Aquela mulher era de uma beleza inusitada para os padrões de qualquer um, porém era uma beleza de outro tipo, algo que ele não conseguia compreender. Sorriu, pois não conseguiu pensar em mais nada cortês para dizer.

Pug pareceu aperceber-se do seu desconforto, por isso perguntou:

— A que devo o prazer desta visita, Nicholas? Fui bastante inequívoco quando pedi ao vosso pai que ninguém viesse perturbar-me aqui.

Nicholas corou. — A verdade é que não sei, Pug. O meu pai disse que o Nakor insistiu, e por algum motivo sentiu-se impelido a ceder ao seu desejo. Eu vou a caminho da corte do Martin em Crydee, para servir lá de escudeiro durante algum tempo e... creio que para ganhar experiência na fronteira.

Pug sorriu, e Nicholas sentiu outra vez a tranquilidade que aquele sorriso transmitia. — Bem, é um sítio mais perigoso do que Kronдор, mas não se pode dizer que Crydee seja a fronteira. Constou-me que o burgo tem o dobro do tamanho que tinha quando eu era jovem. E a guarnição de Jonril é agora uma povoação importante. Há lá um ducado em crescimento. Creio que ireis gostar.

— Espero que sim — disse Nicholas, com um sorriso, embora pouco convicto. Tentava não o transparecer na sua expressão, mas nos últimos dias fora acometido por uma inesperada saudade de casa. A novidade da jornada dissipara-se e depois a entediante viagem, sem nada para fazer a não ser ficar sentado na sua cabina ou andar pelo convés, estava a deixar nele as suas marcas.

— Como correm as coisas na corte do vosso pai? — indagou Pug.

— Tranquilas — respondeu Nicholas. — E muita azáfama. O normal. Não há guerras nem pragas ou outras crises, se é a isso que vos referis. — Mirou o rosto de Pug e percebeu um olhar inquisitivo. Acenou com a cabeça. — O vosso filho é atualmente Marechal da Corte de Krondor — informou.

Pug acenou com a cabeça, e tinha uma expressão pensativa. — Eu e o William desentendemo-nos por causa da escolha dele em seguir a vida militar. Ele tem dons estranhos e poderosos.

— O pai disse-me algo sobre isso — contou Nicholas —, mas não sei se percebo bem.

Pug voltou a sorrir. — Também não sei se percebo bem, Nicholas. É que todos os meus dons, enquanto pai, não foram suficientes, pelo menos com o William. Insisti que fosse estudar para Stardock, mas ele não quis saber. — Pug abanou a cabeça e o seu semblante tornou-se pesaroso. — Eu fui demasiado exigente, e ele partiu sem a minha autorização. O Arutha concedeu-lhe um cargo por ele ser primo. Fico feliz por saber que ele é alguém na vida.

— Deveríeis ir visitá-lo — disse Nicholas.

Pug sorriu outra vez. — Quem sabe.

— Eu queria perguntar-vos uma coisa — disse Nicholas. — Toda a gente trata o William por «Primo Willie», e vós também vos referistes a ele como meu primo. Mas eu sei que o meu avô Borric só teve três filhos e nenhum sobrinho...? — Encolheu os ombros.

— Quando trabalhei na casa senhorial do vosso avô, prestei-lhe alguns serviços. Eu era órfão, e quando ele me encontrou perdido, juntou o meu nome aos arquivos da família em Rillanon. Como eu não fui formalmente adotado como seu filho, o Rei não podia tratar-me por irmão, por isso «primo» pareceu apropriado. Eu não falo sobre essas coisas, aqui ninguém se preocupa com assuntos relacionados com patentes e títulos, mas para o Reino eu sou considerado uma espécie de Príncipe.

Nicholas sorriu. — Bem, Alteza, a outra novidade é que a vossa filha deu à luz o terceiro filho.

O sorriso de Pug cresceu. — Um menino?

— Finalmente — disse Nicholas. — O tio Jimmy adora as suas duas meninas, mas desta vez queria mesmo um rapaz.

— Já não estou com eles desde o casamento — disse Pug. — Talvez devesse ir a Rillanon visitar a família, nem que fosse para ver os meus netos. — Fitou Nicholas com uma expressão amistosa. — Pensarei em ir visitar a corte do vosso pai no regresso e quem sabe um pai teimoso e um filho igualmente teimoso consigam ter alguma coisa a dizer ao outro.

Nakor e Ghuda assomaram à entrada para o jardim, o guerreiro com uma camisa de seda requintadamente orlada e calças de balão enfiadas por dentro das suas botas velhas e maltratadas. Deixara a espada bastarda no quarto, mas trazia os punhais bem à vista de todos. O pequeno batoteiro envergava um curto manto laranja-claro, que Nicholas achava berrante, mas que ele parecia apreciar bastante. Aproximou-se e fez uma vénia a Pug. — Obrigado por este belo manto.

Quando avistou Ryana, esbugalhou os olhos e o queixo caiu-lhe de estupefação. Disse rapidamente algumas frases numa língua que Nicholas não conhecia. Os olhos verdes da mulher arregalaram-se e ela olhou para Pug com uma expressão que Nicholas só podia definir como de alarme. O homenzinho dissera algo que a deixara bastante assustada.

Pug levou um dedo aos lábios num gesto que pedia silêncio e Nakor olhou de relance para Ghuda e Nicholas. Soltando uma gargalhada de embaraço, disse:

— Desculpai.

Nicholas olhou para Ghuda, que disse:

— Nunca faço perguntas.

— O Amos e o Harry não devem tardar — disse Pug. — Podemos passar para a sala de jantar.

A sala de jantar consistia num grande salão quadrado ao lado do edifício central mais afastado dos aposentos dos hóspedes. Ao centro, havia uma mesa quadrada e baixa com almofadas a toda a volta. Pug falou quando Amos e Harry chegaram. — Eu prefiro comer à moda dos tsurani; espero que não vos importeis.

— Desde que haja comida, até como de pé se preciso for — disse Amos. Ao ver Ryana, ficou imóvel, enquanto Pug fazia as apresentações.

Harry não conseguia desviar os olhos da mulher, e quase tropeçou numa almofada ao aproximar-se de Nicholas. — Quem é aquela?

Nicholas falou em voz baixa. — Uma feiticeira, ou pelo menos é aluna do Pug. E não cochiches, é falta de educação.

Harry ruborizou e ficou em silêncio quando entraram os dois estranhos homens negros trazendo pratos com comida. Colocaram rapidamente pratos diante de todos e foram-se embora, mas regressaram pouco depois com copos de vinho.

— Já não sei bem como receber visitas, por isso espero que me perdoeis caso falte alguma coisa — disse Pug enquanto serviam o jantar.

Amos respondeu em nome de todos: — Não vos informámos da nossa vinda com antecedência, por isso, nada do que nos oferecerdes será pouco.

— Sois muito simpático, Almirante — disse Pug.

— Pensei que o meu pai tivesse alguma forma de vos contactar — disse Nicholas.

— Apenas em caso de emergência, Alteza, e mesmo assim só num caso extremo. Ainda não precisou de utilizar o dispositivo que lhe dei. O Reino tem estado em paz desde a minha partida.

A conversa recaiu sobre intrigas da corte e outras trivialidades. Nakor estava invulgarmente calado, tal como *Lady Ryana*. Pug era um anfitrião sociável, e fazia um esforço para não excluir os dois rapazes das conversas, mas não era demasiadamente óbvio.

Nicholas e Harry já bebiam vinho ao jantar desde que tinham idade suficiente para se sentarem à mesa com os pais, mas tal como faziam à maioria das crianças de berço nobre, o vinho era misturado com água. Esta noite, estavam a beber um tinto de Kesh encorpado, e, após dois copos, os dois rapazes já estavam alegres e riam às gargalhadas de duas histórias que já tinham ouvido Amos contar muitas vezes.

Quando Amos começou a contar a terceira história de aventuras e maravilhas, Pug interveio: — Dais-me licença por uns instantes? Nakor, posso dar-vos uma palavra em particular?

O homenzinho pôs-se de pé de um pulo e apressou-se na direção da porta que Pug lhe indicara. Entraram para outro dos muitos jardins da propriedade. — Disseram-me que esta visita foi ideia vossa — disse Pug.

— Nunca esperei encontrar... — disse Nakor.

— Como sabéis? — indagou Pug.

— Não faço ideia, simplesmente sei — respondeu o isalani com um encolher de ombros.

Pug parou junto de um banco baixo. — Quem sois vós? — perguntou.

Nakor sentou-se no banco sobre as pernas. — Um homem. Sei coisas. Faço truques.

Pug perscrutou-o em silêncio durante um longo momento. Sentando-se na borda de um espelho de água, finalmente disse:

— O povo da Ryana aprendeu a confiar em mim. Ela é filha de um dragão que conheci há vinte anos. São dos últimos da sua raça, e a maioria dos homens pensam que não passam de uma lenda.

— Uma vez vi um — disse o atrevido homenzinho. — Seguiu viagem na estrada de Toowomba para Injune, nas montanhas. Quando o Sol se punha, vi um ao longe, a descansar sobre o cume de uma montanha, a apanhar sol. Achei estranho que estivesse ali sentado sozinho, mas depois pensei que ele poderia achar estranho eu também estar ali sozinho; por isso, visto tratar-se de uma questão de perspetiva, decidi não perturbar a sua meditação. Mas fiquei a observá-lo alguns minutos. Era de uma beleza formidável, tal como a vossa *Lady Ryana*. — Abanou a cabeça. — São

criaturas maravilhosas. Disseram-me que há homens que os consideram deuses. Gostaria de conversar com um.

— A Ryana é jovem — explicou Pug —, só ganhou consciência há alguns anos após uma existência de criatura selvagem, aos modos da sua raça; mal consegue compreender a sua própria natureza ou o seu novo poder. Melhor será se limitarmos o seu contacto com humanos durante algum tempo.

Nakor encolheu os ombros. — Se o dizeis. Eu já a vi. É quanto basta, creio.

Pug sorriu. — Sois um homem invulgar.

Nakor voltou a encolher os ombros. — Prefiro não ficar perturbado com coisas sobre as quais não tenho qualquer controlo.

— Porque viestes visitar-me, Nakor?

O rosto geralmente sorridente do pequeno homem ficou com uma expressão mais sombria. — Dois motivos. Eu queria conhecer-vos, pois foram as vossas palavras que me levaram a Stardock.

— As minhas palavras?

— Em tempos dissestes a um homem chamado James que, caso ele encontrasse alguém como eu, ele deveria dizer: «A magia não existe.» — Pug assentiu com a cabeça. — Por isso, quando ele me disse tais palavras, fui até Stardock à vossa procura. Havíeis partido, mas eu fiquei lá durante algum tempo. Conheci muitos homens sérios que não compreendiam que a magia são só truques.

Pug deu por si a sorrir. — Constatou-me que deixastes o Watum e o Korsh em choque.

O sorriso de Nakor regressou para enfrentar o de Pug. — São uns sujeitos picuinhas, que levam a sua escola demasiadamente a sério. Eu andei pelo meio dos alunos e foram muitos aqueles que concordaram com a minha perspectiva. Autodenominam-se os Cavaleiros Azuis em minha honra e uniram-se em resistência às perspectivas insulares daquelas duas velhinhas que deixastes a comandar.

Pug soltou uma gargalhada. — Os irmãos Korsh e Watum foram os meus melhores alunos. Acho que não iriam gostar que os tratásseis por velhinhas.

— E não gostaram — confirmou Nakor. — Mas comportam-se como se o fossem. «Não façais isto; não façais aquilo.» Simplesmente não compreendem que a magia não existe.

Pug suspirou. — Quando me pus a pensar naquilo que dez anos de trabalho tinham criado em Stardock, vi uma repetição do passado, outra Assembleia dos Grandiosos, tal como a que havia no mundo de Kelwan: um grupo de homens que só queriam saber do seu poder e grandeza, à custa de terceiros.

Nakor anuiu com a cabeça. — Gostam de andar envoltos em mistérios e de fingir que são importantes.

Pug riu-se. — Oh, se me tivésseis visitado em Kelewan, há já tantos anos, teríeis dito pior sobre mim.

— Eu conheci alguns dos Grandiosos — respondeu Nakor. — O portal da brecha ainda funciona e nós ainda fazemos negócios com o Império. Recebemos mercadorias tsurani e pagamos com metais. A Senhora do Império é uma negociadora arguta e ambos os lados ficam contentes. De quando em vez, recebemos a visita de um Grandioso Tsurani. E de alguns magos estranhos de Chakahar. Não sabíeis?

Pug abanou a cabeça e suspirou. — Se houver magos cho-ja de Chakahar em Stardock, o controlo da Assembleia sobre o Império terá terminado. — Os olhos turvaram-se-lhe e disse:

— Há coisas que nunca pensei testemunhar na minha vida, Nakor. O fim daquela tradição era o mais importante para eles... muito do que conferia à Assembleia o seu poder baseava-se no medo e em mentiras: mentiras sobre magos, mentiras sobre o Império, e mentiras sobre aqueles que estão para lá das fronteiras do Império...

Nakor pareceu compreender as palavras de Pug. — As mentiras podem perdurar. Mas não para sempre. Devíeis regressar para uma visita.

Pug abanou a cabeça, sem ter a certeza se o homenzinho se referia a Kelewan ou a Stardock. — Há quase nove anos que deixei o passado para trás. Os meus filhos aparentam uma idade igual à minha, e não tardarão a envelhecer. Testemunhei a morte da minha mulher e dos meus professores. Velhos amigos de dois mundos viajaram para o corredor da morte. Não desejo ver os meus filhos envelhecer. — Pug levantou-se e deu alguns passos. — Não sei se fui sábio, Nakor, só que eu temia aquilo mais do que tudo.

Nakor acenou com a cabeça. — De certo modo, somos parecidos.

— Em que sentido? — perguntou Pug voltando-se e fitando o homenzinho.

Nakor sorriu. — Já vivi três vezes a vida de um homem normal. O meu nascimento foi registado num recenseamento de Kesh nos tempos do Imperador Sajanjaro, bisavô da esposa do Imperador Diiagái. Vi a Imperatriz, mãe da sua mulher, há nove anos. Era uma anciã que governara durante mais de quarenta anos. Lembro-me de quando ela era bebé, e já então eu tinha esta aparência. — Nakor suspirou. — Nunca fui de confiar nas outras pessoas, talvez por força da minha profissão. — Mostrou um baralho de cartas, aparentemente vindo do nada e, com uma mão, fez um leque; depois, com um trejeito do pulso, as cartas desapareceram. — Mas compreendo o que dizeis. Todos aqueles que conheci em criança já morreram.

Pug voltou a sentar-se no fontanário. — Que outro motivo vos trouxe aqui? — indagou.

— Eu vejo coisas — respondeu Nakor. — Não sei como, mas há momentos em que *sei*. O Nicholas embarcou numa viagem que o vai levar muito mais longe do que Crydee. E o futuro do rapaz está repleto de perigos.

Pug manteve-se em silêncio durante imenso tempo, considerando as palavras do homenzinho. — O que devo fazer para ajudar? — disse, por fim.

Nakor abanou a cabeça. — Não sou inatamente um homem sábio. Já me chamaram frívolo... o Watum e o Korsh, e mais recentemente o Ghuda. — Pug sorriu ao escutar estas palavras. — Por vezes, não compreendo as minhas capacidades. — Suspirou. — Vós sois um homem de grandes dons e façanhas, como é sabido. Viveis na companhia de criaturas maravilhosas e não achais que isso seja estranho. Testemunhei o trabalho que fizestes em Stardock, e é impressionante. Seria presunção da minha parte dar-vos conselhos.

— Presunção ou não, dai-os.

Nakor mordeu o lábio de cima enquanto pensava. — Acredito que o rapaz seja um elo. — Fez um círculo vago com a mão. — Há forças do mal em movimento que serão atraídas para ele — disse. — Nada podemos fazer para o mudar, mas devemos estar preparados para o ajudar.

Pug ficou em silêncio durante muito tempo. Por fim, disse:

— Há quase trinta anos, o pai do Nicholas também era um elo, pois a sua morte teria redundado numa vitória para as forças do mal.

— O povo serpentino.

Pug olhou estupefacto ao ouvi-lo.

Nakor encolheu os ombros. — Ouvi falar sobre a Batalha de Sethanon muito depois de ter acabado. Porém, houve um rumor que achei interessante, que o líder dos invasores do vosso reino tinha como conselheiro um mago pantathiano.

— Sabeis da existência dos Pantathianos?

— Já me cruzei com os sacerdotes da serpente — disse Nakor, encolhendo os ombros. — Presumo que independentemente do que os vossos elfos negros do Norte tenham pensado, foram os Pantathianos os responsáveis por toda a barafunda, mas além disso não compreendo muito bem o que aconteceu.

— Ficaríeis ainda mais assombrado se compreendêsseis, Nakor — disse Pug, que acenou com a cabeça. — Muito bem. Ajudarei o Nicholas.

Nakor levantou-se. — Devemos ir para a cama. Gostaríeis que partíssemos amanhã.

Pug sorriu. — Quanto a vós, gostaria que ficásseis. Acho que seríeis uma peça valiosa para a nossa comunidade, mas sei o que é ser-se atraído para o próprio destino.

O semblante de Nakor toldou-se e Pug nunca antes o vira tão sério. — Deste séquito, cinco cruzarão oceanos, na companhia de outros quatro que ainda iremos encontrar. — O seu olhar esfumou-se, como se estivesse a contemplar algo à distância. — Nove partirão, e alguns não regressarão.

Pug pareceu ficar preocupado. — Sabeis quem?

— Eu sou um desses nove — respondeu Nakor. — Nenhum homem pode saber o seu próprio destino.

— Nunca conhecestes Macros, o Negro — comentou Pug.

Nakor sorriu e, subitamente, a atmosfera ficou mais leve. — Conheci, mas isso é uma longa história.

Pug levantou-se. — Devemos regressar para junto dos meus hóspedes. Um dia gostaria de ouvir essa história.

— E em relação ao rapaz? — indagou Nakor.

— Pelos motivos que acabei de referir, não me agrada a ideia de me envolver com qualquer mortal, ainda que seja um familiar — disse Pug. Abanou a cabeça como se estivesse zangado. — Porém, não posso abandonar aqueles por quem nutro afeto. Quando o momento chegar, ajudarei o rapaz.

— Ótimo — disse Nakor. — Foi por isso que eu disse ao pai dele que tínhamos de vir aqui.

— Sois efetivamente um homem invulgar, Nakor, o Cavaleiro Azul — disse Pug.

Nakor soltou uma gargalhada e anuiu com a cabeça em concordância.

Regressaram à sala de jantar e apanharam Amos a terminar mais uma das suas histórias, que faziam as delícias de Ghuda e de Nicholas. Ryana parecia abismada, e Harry completamente alheado, pois estava absolutamente fascinado com ela.

Pug mandou que trouxessem café e um vinho licorado, e a conversa voltou a versar sobre temas mundanos e rumores triviais de Krondor. Passado algum tempo, alguns bocejos indicaram que os convidados estavam prontos para se recolherem aos seus aposentos.

Pug desejou boas-noites aos convidados e deu a mão a *Lady Ryana*, a quem acompanhou para fora da sala. Nicholas e os companheiros levantaram-se e regressaram aos seus quartos. Nicholas encontrou a cama aberta e velas acesas em cima das mesas de cabeceira. Estendida aos pés da cama, para seu conforto, estava uma camisa de dormir.

Nicholas deitou-se e tinha acabado de adormecer quando uma mão o abanou. Despertou com o coração a palpitar com força e deu com Harry debruçado sobre ele. O rapaz vestia uma camisa de noite idêntica à sua.

— O que foi? — perguntou, meio a dormir.

— Nem vais acreditar nisto. Anda daí!

Nicholas saltou da cama e seguiu Harry até ao seu quarto que ficava ao fundo do corredor. — Eu estava quase a adormecer quando ouvi um barulho estranho — disse Harry.

Fez sinal para que Nicholas se aproximasse da janela. — Pouco barulho — disse.

Nicholas espreitou pela janela do quarto de Harry e viu *Lady Ryana* de pé no prado distante. — Ela estava a fazer uns barulhos estranhos, como se fossem cânticos ou cantigas, mas não era bem isso — informou Harry. Não havia como confundir aquele cabelo dourado, quase luzente sob a claridade das duas luas de Midkemia. Nicholas deixou cair o queixo. — Está nua!

Harry olhou-a fixamente. — Ainda há instantes estava vestida, juro! — Efetivamente, a dama estava despida e parecia estar numa espécie de transe. Harry assobiou baixinho. — O que está ela a fazer?

Nicholas suprimiu um arrepio. Não obstante a espantosa beleza daquela mulher no prado, não havia nada minimamente excitante ou erótico na sua aparência. Sentiu-se um pouco desconfortável. Além de achar que estava a meter-se onde não era chamado, também sentiu como se estivesse em perigo.

— Já ouvi histórias de bruxas que acasalam com demónios sob a luz do luar — disse Harry.

— Olha! — exclamou Nicholas.

A mulher foi envolvida por um halo de luz dourada, que não tardou a tornar-se ofuscante. Os rapazes foram obrigados a desviar o olhar à medida que a intensidade da luz aumentou. Durante longos momentos, a noite pareceu suspensa por um feixe de luz solar, depois começou a diminuir de intensidade. Voltaram a olhar e a luz tinha-se expandido várias vezes em relação ao tamanho da mulher. Da dimensão de uma casa, depois da dimensão do navio de Amos, o envoltório de luz cresceu, e, no seu âmago, algo ganhava forma. Depois a luz diminuiu, e no local onde estivera *Lady Ryana*, assentava agora uma majestosa criatura com lendárias asas que se estendiam por quase cem metros. Escamas douradas reluziam com nuances prateadas sob a luz do luar, e um comprido pescoço com uma crista argêntea alongou-se, quando a cabeça de réptil olhou para o céu.

Harry agarrou Nicholas com tanta força que lhe deixou uma marca, mas os dois rapazes ficaram petrificados. Quando ela desapareceu nos céus, olharam um para o outro. Escorriam lágrimas pelos rostos de ambos, lágrimas de pavor e de deslumbramento. Os grandes dragões não eram reais. Havia uns répteis voadores mais pequenos a que chamavam dragões, mas não passavam de dragões alados sem inteligência. Nenhum desses

vivia no Reino Ocidental, mas corriam rumores da sua existência na cordilheira ocidental de Kesh. Todavia, os dragões dourados que sabiam falar e fazer magia não existiam. Eram criaturas mitológicas, porém, ali, ao luar, os rapazes tinham presenciado uma mulher com quem haviam jantado a transformar-se na criatura mais majestosa e a levantar voo para os céus de Midkemia.

Nicholas não conseguiu deter as lágrimas de tão comovido que estava com o que tinham testemunhado. Finalmente, Harry logrou controlar-se. — Deveríamos acordar o Amos? — perguntou.

Nicholas abanou a cabeça. — Nunca contes a ninguém. Compreendes?

Harry concordou com a cabeça, sem demonstrar qualquer sinal da sua habitual jactância, e tinha o ar de um simples rapazinho assustado. — Não conto.

Nicholas deixou o amigo e regressou para o seu quarto. Quando lá entrou, o seu coração quase estacou ao ver Pug sentado na sua cama.

— Fechai a porta.

Nicholas obedeceu e Pug disse:

— A Ryana não conseguiria sobreviver durante muito tempo com os poucos alimentos que ingeriu ao jantar e continuar a fazer de conta. Durante as próximas horas, irá caçar.

Nicholas estava lívido. Pela primeira vez na sua vida sentiu-se longe de casa e do conforto da proteção do seu pai e do amor da sua mãe. Sabia que Pug era considerado como um elemento da família, mas também era um mago de fantásticos poderes, e Nicholas presenciara algo que não era suposto presenciar. — Não direi nada a ninguém — garantiu.

Pug sorriu. — Eu sei. Sentai-vos.

Nicholas sentou-se na cama ao lado de Pug. — Deixai-me ver o vosso pé — disse Pug.

Nicholas não teve de perguntar qual e levantou a perna esquerda de modo a que Pug pudesse examinar o pé deformado. Pug estudou-o durante algum tempo, depois disse:

— Há anos, o vosso pai perguntou-me se eu conseguiria curar o vosso pé. Ele contou-vos?

Nicholas abanou a cabeça. Ainda estava apavorado com o que acabara de ver e receava que a sua voz não saísse caso tentasse falar.

Pug perscrutou o rapaz. — Nessa época, já me tinha constado sobre esta deformidade e dos esforços envidados para a curar.

— Foram muitos os que tentaram — murmurou Nicholas.

— Eu sei. — Pug levantou-se e foi até à janela, olhando para a noite clara reluzente de estrelas. De costas viradas para Nicholas, disse:

— Eu disse ao Arutha que não conseguia. Mas não era verdade.

— Porquê? — quis saber Nicholas.

— Porque por muito que o vosso pai vos ame, Nicholas — disse Pug —, e o Arutha ama profundamente os seus filhos, ainda que sinta muita dificuldade para o demonstrar, nenhum pai tem o direito de mudar a natureza de um filho.

— Não sei se compreendo bem. — O medo que sentia começava a esmorecer. — Porque é que curar-me seria algo errado? — indagou o rapaz.

— Não sei se conseguirei fazer com que compreendeis já, Nicholas — disse Pug. Voltou-se e sentou-se ao lado do rapaz. — Cada um de nós tem dentro de si a capacidade para se regenerar, se assim decidir. A maioria de nós, além de nem sequer tentar, também não reconhece essa capacidade.

»Se bem compreendo a magia que possuo, a cura aplicada sobre vós em criança deveria ter surtido um resultado positivo. Alguma coisa impediu que esses feitiços fossem eficazes.

— Não compreendo — disse Nicholas franzindo o sobrolho. — Estais a dizer que eu não deixei que me curassem?

Pug acenou afirmativamente com a cabeça. — Alguma coisa do género. Mas não é assim tão simples.

— Eu daria tudo para ser normal — disse Nicholas.

— Daríeis? — disse Pug, levantando-se.

Nicholas permaneceu em silêncio algum tempo. — Acho que daria — disse por fim.

Pug sorriu, restituindo a confiança. — Ide dormir, Nicholas. — Tirou algo de um grande bolso do seu manto e pousou-o sobre a mesa de cabeceira. — Ofereço-vos este amuleto. É muito parecido com o que dei ao vosso pai. Se precisardes de mim para alguma coisa, agarrai-o com força com a mão direita sem o tirardes, e repeti o meu nome três vezes. Eu irei em vosso auxílio.

Nicholas pegou no amuleto e reparou que ostentava o símbolo dos três golfinhos que vira nos fontanários espalhados pela propriedade do mago. — Porquê?

O sorriso de Pug alargou-se. — Porque sou vosso primo, e amigo. E nos tempos que se avizinham, podeis precisar de ambos. E porque vou deixar que vós e o vosso amigo guardéis um segredo.

— *Lady Ryana.*

— Ela é muito jovem, e uma tonta por se deixar ver assim. Na sua raça, as primeiras etapas da vida são passadas com pouco mais raciocínio do que os animais comuns. A cada dez anos, os dragões escondem-se numa caverna para mudarem de pele, emergindo sempre com uma cor diferente. São bastantes os que sucumbem nesse processo, pois enquanto mudam

de pele na escuridão, estão indefesos. Apenas aqueles que conseguem mais longevidade, sobrevivendo muitas vidas humanas, emergem com a pele dourada e sabedoria. Quando a inteligência finalmente desponta, é algo perturbador. A súbita consciência do próprio, e a noção de um universo mais vasto, para uma criatura que, segundo os padrões dos humanos, já é velha, revela-se um enorme choque. Nos tempos antigos, os seus semelhantes tê-la-iam ensinado. — Pug abriu a porta. — Já não restam muitos dos grandes dragões. A mãe da Ryana ajudou-me em tempos numa missão, por isso eu ajudo a filha. Não seria sensato deixar que os homens soubessem que entre eles andam outros que não são homens.

— O meu pai explicou-me que, com o passar do tempo, haveria muitas coisas de que eu tomaria conhecimento e que não poderia revelar. Compreendo.

Pug não disse nada ao fechar a porta. Nicholas deitou-se na cama, mas demorou imenso tempo a adormecer.

## CRYDEE

O navio lançou a âncora. Crydee fervilhava de atividade ao meio do dia enquanto os estivadores da doca tratavam das amarras do *Águia Real*. Nicholas perscrutou a sua nova terra, sorvendo a novidade de tudo. Os surtos de saudades de casa tinham regressado durante a longa viagem, e só haviam desaparecido enquanto transpunham os perigosos Estreitos das Trevas, o que demorara um dia e meio repleto de peripécias. Depois tinham seguido para norte e passado por Tulan e Carse, até virem atracar a Crydee.

O burgo crescera nos últimos vinte anos, e por toda a parte havia sinais de expansão. Enquanto velejavam para norte, Amos indicara o local onde uma aldeia piscatória havia crescido para sul do promontório a que chamara Mágoa dos Marinheiros. Avistavam-se novos edifícios no alto de uma distante colina para sudeste enquanto o navio dava entrada na doca. Nicholas protegeu os olhos do Sol forte que se refletia nas fachadas brancas dos edifícios. Avistou duas carruagens e um par de carroças aproximarem-se e estacionarem diante de um edifício ataviado com um grande estandarte real, pelo que calculou que deveriam ser ali os serviços alfandegários. Os serviçais que seguiam sentados na parte de trás das carruagens saltaram dos seus lugares e abriram as portas. Pela primeira, saiu uma mulher alta, seguida de um homem ainda mais alto. Nicholas reconheceu neles a sua tia e o seu tio. Seguiu-se um rebuliço enquanto os outros veículos estacionavam.

Amos ordenou que lançassem o passadiço. Nicholas e Harry estavam ali perto à espera para desembarcar. O Duque Martin, a Duquesa Briana e a respetiva corte estavam a postos para receberem o Príncipe Real e a sua comitiva. Amos reparou na receção mais abaixo e disse:

— Bem, sabemos que pelo menos um pombo conseguiu fazer a viagem desde Ylith.

Durante os vinte e oito anos decorridos desde a Guerra da Brecha, tinham-se mantido intactos os postos de substituição de mensageiros entre Krondor e a Costa Extrema, incluindo cavalos velozes e pombos-correio. Com a súbita decisão de enviar Nicholas apenas no dia anterior à partida, a notícia da sua iminente vinda chegara a Crydee apenas alguns dias antes de o navio ser avistado a partir do porto.

— Quem são aquelas raparigas? — perguntou Harry enquanto os marinheiros se preparavam.

Nicholas reparara nas duas jovens raparigas que acompanhavam o Duque. — Presumo que uma delas seja a minha prima Margaret. Não sei quem é a outra — disse.

— Eu descobro — disse Harry, sorridente.

Quando o passadiço ficou pronto, Amos dirigiu-se a Nicholas com toda a formalidade. — Vossa Majestade? — indicando que se esperava que Nicholas fosse o primeiro a desembarcar.

Harry deu um passo em frente, mas Amos colocou-lhe uma mão no peito com firmeza. — Por graduação, *Escudeiro* — disse, severamente.

Harry enrubescceu e recuou um passo.

Nicholas desceu para o cais e um homem alto aproximou-se dele. Martin, o Duque de Crydee, sorriu calorosamente enquanto fazia a vénia ao sobrinho. — Sua Alteza, temos muito prazer em receber-vos em Crydee. — Martin tinha ligeiras parecenças com Arutha, mas era mais alto e mais pesado. Tinha o cabelo quase totalmente grisalho, e o rosto vincado pelo sol e pela idade, mas aparentava uma solidez maciça que não passava despercebida a ninguém. Não se tratava de um nobre sedentário que passava os dias a beber vinho e a dar ordens aos criados. Era um homem que, não obstante a idade, ainda passava noites a dormir no chão sob céus estrelados e que levava a caça às costas para casa.

Nicholas sorriu, ligeiramente embaraçado com o protocolo. — Tio — disse —, é um prazer estar aqui.

Amos foi o segundo a desembarcar.

— Alteza — disse ao dar uma palmada rude no ombro de Martin.

Toda a formalidade se desvaneceu quando Martin lançou os braços à volta de Amos. — Seu velho pirata — disse, soltando uma gargalhada. — Já lá vão tantos anos. — Deram palmadas nas costas um do outro e apertaram as mãos. Amos inclinou a cabeça na direção de Nicholas.

Martin voltou a atenção para o Príncipe. — Alteza. Permitti que vos apresente a minha mulher, a Duquesa Briana. — Nicholas não a via desde muito pequeno, e tinha dela uma memória muito vaga. Era como se a estivesse a conhecer pela primeira vez. Uma mulher alta inclinou a cabeça para Nicholas. Os seus cabelos, grisalhos com uma surpreendente risca branca do lado esquerdo, fluíam para trás a partir de uma testa alta. A Duquesa nada tinha de belo, mas era uma mulher surpreendente. Uns olhos azuis ladeados por linhas vincadas das intempéries e da idade miraram o Príncipe a partir de um rosto de outro modo isento de qualquer vestígio de envelhecimento, embora já tivesse mais de cinquenta anos. Envergava umas vestes muito práticas constituídas por um colete de pele sobre uma camisa de seda e as calças enfiadas nas botas de cano alto. — Minha senhora — dis-

se Nicholas, tomando-lhe a mão estendida e apertando-a levemente num cumprimento. O aperto que recebeu foi forte e Nicholas percebeu que as histórias que ouvira acerca da estranha mulher do tio eram na sua essência verdadeiras. Oriunda das cidades caídas de Armengar, onde as mulheres eram soldados como os homens, *Lady Briana* conseguia montar, caçar e combater melhor que a maioria dos homens, segundo davam conta todos os relatos. Ao vê-la, Nicholas não teve dúvidas disso.

Martin prosseguiu com as apresentações. — Este é o meu filho, Marcus. — Nicholas virou-se para o primo e hesitou; ele tinha algo de vagamente familiar. Cabelo e olhos castanhos: Nicholas achou que lhe fazia lembrar alguém de Kronдор. Marcus era da mesma altura de Nicholas e usava o cabelo com o mesmo comprimento que o do Príncipe. Porém, Marcus era quase dois anos mais velho do que Nicholas e um pouco mais corpulento. Marcus fez uma reverência rígida a Nicholas e recuou um passo.

— Primo — disse Nicholas com um aceno.

Amos foi colocar-se nas costas de Nicholas. — Lembrais-vos daquela vez em que eu disse que éreis irmão do Arutha? — perguntou a Martin.

— Como o poderia esquecer? — respondeu Martin. — Foi a minha primeira viagem e vós quase nos afogastes a todos.

— Quereis dizer que salvei os vossos coiros inúteis com a minha mestria de velejador — respondeu Amos. Acenou com uma mão para Nicholas e Marcus. — Mas se o mundo alguma vez duvidou da vossa ascendência, ali está a prova. — Cofiou a barba. — Acho que vamos ter de pintar um de verde para os conseguirmos distinguir.

Nicholas olhou para Amos sem compreender, mas o semblante de Marcus era uma máscara indecifrável. — As parecenças... — disse Amos.

— Que parecenças? — indagou Nicholas.

— De um com o outro — respondeu o Almirante.

Nicholas virou-se para olhar para o primo — Achais...?

Marcus abanou ligeiramente a cabeça. — Eu não vejo... Alteza.

— Nunca o vereis — disse Amos com uma gargalhada.

Martin prosseguiu com as apresentações. — Alteza, esta é a minha filha Margaret.

Uma das duas jovens fez uma vénia. Tinha os cabelos escuros como os do irmão, mas era parecida com a mãe. A natureza contemplara-a com um nariz reto e maçãs do rosto salientes, mas feições menos severas do que as de Briana. Usava o cabelo comprido pelos ombros, como a mãe, sem qualquer enfeite. Uns olhos escuros olharam de relance para o Príncipe. — Muito prazer, prima — disse ele. Ela sorriu ao cumprimento e foi quanto bastou para ele a achar adorável.

O olhar de Nicholas desviou-se para a jovem mulher que estava ao

lado de Margaret e sentiu um aperto no peito. Olharam-no uns olhos azuis violáceos que pareciam os maiores que jamais vira. Subitamente, sentiu-se desajeitado e inseguro. — Esta é a minha companheira, *Lady Abigail*, filha do Barão Bellamy de Carse — explicou Margaret. A rapariga mais esbelta fez uma reverência e Nicholas teve a certeza que nunca antes vira alguém fazê-lo com tanta elegância. Ao contrário de Margaret, Abigail trazia o cabelo apanhado num pequeno círculo prateado atrás da cabeça, de onde pendia aos caracóis. Tinha a pele clara e límpida e feições delicadas. Sorriu ao terminar a mesura e Nicholas limitou-se a sorrir em resposta. Passado algum tempo, o sorriso transformou-se num esgar imbecil.

O som de alguém a aclarar a voz nas suas costas despertou Nicholas do seu transe. — Minha senhora — disse, e a sua voz soou forçada aos seus próprios ouvidos. Nicholas voltou-se para Margaret. — Este é o Harry, o meu Escudeiro — explicou Nicholas enquanto o seu companheiro descia o passadiço trazendo a bagagem de ambos. O rapaz largou-a no chão e fez uma vénia dirigida ao Duque de Crydee. Ao avistar a Princesa e a amiga, esboçou um largo sorriso.

Martin indicou que Nicholas deveria seguir na primeira carruagem com ele e com a sua mulher. Harry começou a segui-los quando a mão de Amos o agarrou pelo ombro. — A primeira carruagem é para o Príncipe, o Duque e a Duquesa. A segunda para mim e para os filhos do Duque.

— Mas... — ia Harry dizer.

Amos apontou para as carroças. — Podeis certificar-vos de que a bagagem do Príncipe está em ordem e que é descarregada e passada para aquelas carroças. Depois, quando tudo estiver a postos, podeis seguir numa delas.

Nakor e Ghuda desceram o passadiço. — Então e eles? — perguntou Harry.

— Nós vamos a pé — disse Nakor a sorrir. — Não é assim tão longe. — Apontou para o castelo na colina sobranceira ao porto.

— Fazia-me bem esticar as pernas — disse Ghuda.

Harry suspirou e levou os dois sacos para a primeira carroças. — Eh, miúdo, o que vem a ser isto? — disse um tratador de animais.

Harry estava irritado e respondeu bruscamente: — São as bagagens do Príncipe de Krondor. Eu sou o seu *Escudeiro*.

O homem fez uma continência indolente e continuou encostado à carroça. — Nesse caso, onde ireis meter aquele monte, Escudeiro? — disse, enquanto apontava.

Harry virou-se e viu o primeiro carregamento de bagagem a ser descarregada do navio, enquanto dois marinheiros transportavam uma das pesadas arcas de Nicholas pelo passadiço abaixo. Seguiram-se outros três

carregamentos idênticos. Enquanto o ranger da madeira e o zunir das cordas encheram o ar, uma enorme rede de carga era majestosamente içada do porão do navio. Mais uma dúzia de arcas e outras bagagens variadas foram içadas pela borda e baixadas para a doca. Os ajudantes da doca aproximaram-se e começaram a despertar a rede.

— E presumo que saibais para onde vai aquele lote, Escudeiro? — disse o tratador de animais.

Com um sinal de resignação, Harry foi ao vagão e tirou de lá os dois sacos que tinham sido a fonte de roupas e artigos pessoais dele e de Nicholas durante as semanas que tinham passado a bordo do navio. Obviamente, deveriam ser a última mercadoria a ser carregada. — E é suposto que eu faça a supervisão? — disse Harry abanando a cabeça.

Com um piscar de olho sábio, o tratador de animais desencostou-se da carroça. — Seria tudo mais rápido e mais fácil para todos nós, Escudeiro, se fizésseis a supervisão a partir dali. — Apontou para uma entrada a dez metros dali. — Tem boa cerveja e boas tartes de carne e podeis supervisionar pela janela.

Harry sentiu água na boca ao pensar em tartes de carne depois da parca ementa do navio. — Não, tenho as minhas obrigações — disse.

O tratador de animais abanou a cabeça. — Nesse caso fazei um favor a ambos, Escudeiro, e supervisionai muito caladinho, se bem me faço entender.

Harry concordou com a cabeça e afastou-se para um lado enquanto o primeiro par de arcas era transportado para a carroça. Procurou uma sombra debaixo do telhado saliente do edifício dos serviços alfandegários e encostou-se à parede. Olhou de relance para a colina e reparou que Ghuda e Nakor já estavam a sair da zona das docas e a entrar para uma rua larga que cruzava o burgo em direção ao castelo. Era provável que chegassem ao castelo uma hora antes de Harry. — Pensei que esta viagem fosse mais interessante — resmungou Harry consigo mesmo.

**Q**uando a primeira carruagem entrou para o pátio do castelo, duas fileiras de soldados puseram-se em sentido. Envergavam o tabardo castanho e dourado de Crydee e ostentavam um escudo com a gaiota dourada de Crydee sobre uma área castanha, e de cada alabarda pendia um pingente castanho e dourado. As armaduras reluziam ao sol. Quando o cocheiro abriu a porta e Nicholas desceu, um homem baixo de pernas arqueadas, cabelos grisalhos e rosto coriáceo gritou:

— Sentido.

Prontamente, os soldados fizeram continência. As alabardas inclinaram-se e, passados uns instantes, a companhia puxou-as para trás. Martin

e os outros desceram da carruagem, depois os cocheiros conduziram os cavalos para o parque das carruagens nas traseiras.

Nicholas contemplou demoradamente a sua nova casa. O Castelo de Crydee era pequeno em comparação com o que ele conhecia. Havia uma torre de menagem antiga, à volta da qual tinha sido erigido um único edifício, e mais tarde tinham construído outra ala para as traseiras. Nicholas fez um cálculo rápido das distâncias e percebeu que quem erigira a parede exterior deixara uma muralha externa relativamente estreita, algo que reprovava. Se a parede alguma vez fosse ultrapassada, não havia muito que impedisse o invasor de chegar à torre de menagem central.

Como se estivesse a ler o seu pensamento, Martin disse:

— O meu bisavô ficou com esta torre de menagem que era da guarnição keshiana que aqui esteve aquartelada e mandou construir a muralha em redor. — Com um esgar que fez Nicholas lembrar-se do pai, acrescentou:

— O meu avô mandou construir as duas muralhas adicionais, deixando pouco espaço para ampliações. O meu pai tinha planeado derrubar a muralha para permitir novas construções... mas nunca o chegou a fazer. — Pousou a mão no ombro de Nicholas. — Eu também nunca tenho tempo.

Um enorme homem de pele escura e barba curta caminhava ligeiramente atrás do homem baixo de cabelo grisalho enquanto os dois avançavam por entre as fileiras de soldados na direção de Nicholas. Fizeram os dois uma vénia para o Príncipe.

Amos sorriu para o homem baixo. — Mestre de Armas Charles!

— Alteza, este é o meu Mestre de Armas, Charles, e o seu Estribeiro-Mor, Faxon — apresentou Martin.

— Alteza — disse Faxon.

Martin apresentou outros elementos da sua casa senhorial e quando as formalidades terminaram, agarrou Nicholas pelo braço. — Se Vossa Alteza quiser acompanhar-me.

Martin e Nicholas subiram os degraus para o castelo, seguidos pelos filhos de Martin e por Abigail, que se dirigiam para os respetivos aposentos.

Briana voltou-se para Amos. — Hoje à noite há uma receção, mas, entretanto, alguém irá mostrar-vos os vossos aposentos.

— Basta que me digais qual é o quarto, minha senhora — disse Amos. — Vivi aqui demasiados anos para me perder.

Briana sorriu. — O vosso antigo quarto é outra vez vosso, Amos.

Amos olhou de relance para o portão principal do castelo, reparando nas duas sentinelas nos seus postos. — Deveríeis informar aqueles jovens de que dentro de alguns minutos avistarão um par de personagens muito estranhos. Um é um louco baixinho de Shing Lai chamado Nakor, e o outro

é um mercenário de alta estatura de Kesh, e dá pelo nome de Ghuda Bulé. Deixai-os entrar pois são companheiros do Nicky.

A única resposta de Briana foi erguer uma sobranceira. Dirigiu-se ao Mestre de Armas Charles. — Por favor, tratai do assunto — disse.

Ele fez continência e apressou-se a ir até ao portão informar os guardas.

— Quem são esses homens, Amos? — perguntou Briana.

— São o par mais insólito que jamais conhecereis — disse Amos, tentando parecer despreocupado.

Briana pousou a mão no ombro de Amos. Havia prestado serviço juntos em Armengar, na sua terra, quando Amos ajudara a defendê-la contra os exércitos da Irmandade da Senda das Trevas. — Conheço-vos suficientemente bem para perceber que se passa alguma coisa. O quê?

Amos abanou a cabeça. — Apenas... uma coisa que o Arutha me disse antes de eu partir. — Olhou de relance para a porta principal do castelo através da qual Martin e Nicholas tinham acabado de entrar. — Ele disse que, se algo acontecesse, seguisse os conselhos de Nakor.

Briana manteve-se em silêncio por instantes a pensar. — Não duvido que «algo» signifique problemas.

Amos forçou uma gargalhada. — Bem, duvido que ele quisesse dizer que deveria seguir os conselhos do feiticeiro caso houvesse uma festa-surpresa!

Briana respondeu com um sorriso. Abraçou Amos e beijou-o no rosto. — Sentimos a vossa falta, e do vosso sentido de humor, Amos.

Amos olhou em redor, pensativo. — Vi demasiados homens a morrer naquelas muralhas e passei demasiados dias a defendê-las para sentir a falta de Crydee, Briana. — Depois beijou-a no rosto e cingiu-a num forte abraço. — Mas maldito seja se não senti a vossa falta e de Martin.

Abraçados pela cintura, a esbelta Duquesa e o corpulento capitão subiram as escadas que levavam ao Castelo de Crydee.

**M**artin fez sinal para que Nicholas se sentasse e contornou uma enorme Mescrivaninha. O gabinete do Duque parecia pequeno em comparação com o de Arutha em Krondor, e Nicholas olhou em redor.

Por detrás de Martin, na parede, encontrava-se o estandarte com a gaiivota de Crydee. Por cima da cabeça da ave vislumbravam-se os ténues contornos de uma coroa, de onde um pedaço de material tinha sido removido. Nicholas sabia que em tempos o seu avô ocupara este cargo, e que também fora o segundo aspirante à coroa que o seu tio usava atualmente. Porém, a descendência de Martin estava interdita por herança, devido a um nascimento ilegítimo, e todas as marcas de tal sucessão haviam sido removidas do escudo de armas da família.

— Este gabinete foi ocupado pelo vosso pai durante algum tempo durante os anos da Guerra da Brecha, Nicholas — disse Martin. — Antes disso, pertenceu ao vosso avô, e ao pai e ao avô dele.

Nicholas reparou que, além daquele estandarte, as paredes não ostentavam quaisquer recordações pessoais ou troféus; apenas um enorme mapa do Ducado e outro do Reino cobriam a pedra de outro modo despida. A escrivaninha de Martin também estava bem organizada, com um solitário tinteiro e uma pena, uma barra de cera vermelha para o sinete ducal e uma vela. Dois pergaminhos enrolados prenunciavam assuntos inacabados, mas de outro modo reinava uma impressão de organização naquela câmara, como se o atual ocupante não gostasse de ir embora ao fim do dia com qualquer assunto pendente ou deixado por resolver. Nicholas compreendeu que isso tinha algo de familiar, pois tal desejo de ordem era também uma marca distintiva do seu pai. Voltou a atenção para o tio, que o perscrutava atentamente. Nicholas enrubesceu.

Martin sorriu. — Estais com a vossa família, Nicholas, nunca esqueçais isso — disse.

Nicholas encolheu os ombros. — O meu pai já me falou sobre Crydee, e o Amos conta intermináveis histórias de guerra, mas... — Olhou outra vez à sua volta. — Acho que não sabia o que esperar.

— É por isso que estais aqui — explicou Martin. — O Arutha quis que soubésseis algo sobre a vossa herança.

»Em comparação com Kronдор, a nossa corte é mais rígida — prosseguiu. — Quase primitiva, se comparada com a de Rillanon e outras cortes do Oriente. Porém, considerá-la-eis suficientemente confortável em relação ao que interessa.

Nicholas acenou afirmativamente com a cabeça. — O que é que eu vou fazer concretamente?

— O Arutha deixou isso à minha consideração — revelou Martin. — Acho que para já vou nomear-vos meu Escudeiro. Já sois um pouco velho para o cargo, mas assim mantenho-vos por perto, e talvez passado algum tempo, encontre um lugar mais útil para vós. O vosso amigo será nomeado Escudeiro do Marcus.

Nicholas estava prestes a retrucar quando Martin acrescentou:

— Os escudeiros não têm escudeiros, Nicholas.

Nicholas anuiu.

— Hoje à noite haverá uma receção formal, na qual participará uma trupe de músicos que está na vila. Amanhã começareis as vossas tarefas.

— Em que consistirão?

— O Mordomo-Mor Samuel explicar-vos-á algumas das vossas tarefas. O Mestre de Armas Charles e o Estribeiro-Mor Faxon terão outras

para realizardes. Tereis vários afazeres para concluir diariamente, principalmente com o fito de tornar o meu tempo mais eficiente na governação do Ducado. É provável que tenhais reparado em novos edifícios por cima dos alcantilados a sul e para lá deles. Crydee está a transformar-se numa verdadeira metrópole pelos padrões da Costa Extrema. Há muito que fazer. Agora, um criado irá indicar-vos os vossos aposentos.

— Obrigado, tio Martin. — Nicholas levantou-se enquanto Martin contornava a escrivaninha e abria a porta, fazendo sinal para que um criado se aproximasse.

— A partir de amanhã, Alteza, passareis a tratar-me por Vossa Graça. Eu tratar-vos-ei por Escudeiro — disse Martin.

Nicholas ruborizou, sentindo-se embaraçado, mas sem saber porquê. Acenou com a cabeça e seguiu o criado até aos seus aposentos.

**N**essa noite, Nicholas sentou-se entre o tio e o primo Marcus. O jantar era abundante, ainda que simples, o vinho forte e saboroso, e o entretenimento apropriado. Nicholas passou a maior parte da noite a olhar de soslaio para lá da tia e do tio, para onde Abigail estava sentada ao lado de Margaret. As duas raparigas pareceram ter estado a segredar durante a maior parte da refeição e Nicholas sentiu-se enrubescer várias vezes sem saber porquê. As poucas tentativas que fez para meter conversa com Marcus redundaram em respostas breves e longos silêncios. Nicholas começava a sentir que, por qualquer motivo, o seu primo não gostava dele.

Amos, Nakor e Ghuda Bulé encontravam-se na outra ponta da mesa, e Nicholas não conseguia conversar com eles. Estavam obviamente a passar um bom bocado enquanto trocavam histórias com o Mestre de Armas Charles e o Estribeiro-Mor Faxon.

Nicholas espreitou para o fundo da mesa e viu Harry a tentar entabular conversa com um jovem. Este parecia estar a falar em voz baixa, já que Harry estava sempre a inclinar-se para o ouvir. O jovem não parecia ser muito mais velho do que os rapazes. Teria talvez mais ou menos vinte anos. Tinha uma cabeleira desgrenhada e loura que lhe chegava até aos ombros, e as franjas do cabelo pareciam toldar-lhe a visão a cada instante, pois estava constantemente a afastá-las com a mão. Tinha os olhos azuis e Nicholas pensou que se ele alguma vez sorrisse, seria um fulano com quem se poderia simpatizar.

— Primo, quem é aquele?

Marcus olhou para o lugar que Nicholas indicara. — É o Anthony. É um mago.

— Deveras? — indagou Nicholas, satisfeito por ter finalmente conseguido que o primo dissesse mais de uma frase. — O que faz ele aqui?

— Há alguns anos, o meu pai pediu ao vosso pai que intercedesse junto dos mestres de Stardock para que nos enviassem um mago. — Marcus encolheu os ombros. — Acho que teve alguma coisa a ver com o avô. — Pousou o osso da costeleta que tinha estado a roer, mergulhou as mãos na bacia preparada para as lavar e limpou-as a um guardanapo de linho. — O vosso pai alguma vez vos falou sobre a existência de um mago na corte?

Aliviado por estarem finalmente a ter algo a que se poderia chamar uma conversa, Nicholas encolheu os ombros. — Algumas histórias. Sobre o Kulgan e o Pug, quero eu dizer. Encontrei-me com o Pug durante a viagem para aqui.

Marcus manteve o olhar fixo no mago. — O Anthony é bom rapaz, disse podeis ter a certeza, e é simpático depois de o conhecermos. Mas é muito reservado, e das poucas vezes que o meu pai lhe pede conselhos, costuma ser evasivo. Receio que os magos de Stardock o tenham enviado para aqui para nos pregar uma partida.

— Deveras?

Marcus fitou Nicholas com um olhar irascível. — Estais sempre a dizer «deveras» como se eu estivesse a inventar isto.

— Perdão — disse Nicholas, corando um pouco. — É um hábito que tenho. O que eu quero dizer é: porque achais que os mestres de Stardock queriam fazer isso, mandá-lo para aqui para pregar uma partida?

— Porque ele não é um mago muito bom, a julgar pelo que me é dado a entender.

Nicholas conteve-se precisamente quando estava na iminência de dizer «deveras?», e em vez disso, disse:

— Interessante. Quero dizer, não se veem muitos magos, mas os poucos que vieram à corte não praticam muitas magias, ou pelo menos não o fazem à vista dos outros.

Marcus encolheu os ombros. — Presumo que tenha os seus hábitos, mas há ali algo que me deixa de pé atrás. Ele tem segredos.

Nicholas riu-se. Marcus virou-se para ver se Nicholas se ria dele. — Acho que isso faz parte do estratagema, sabeis? — disse. — Mover-se furtivamente por entre trevas e mistérios e tudo o resto.

Marcus voltou a encolher os ombros, permitindo-se um ténue sorriso. — Talvez. De qualquer modo, ele é conselheiro do meu pai, embora não dê lá muitos conselhos.

Feliz por estar finalmente envolvido em algo para além de silêncio, Nicholas prosseguiu a conversa. — Sabeis, eu conheci o pai do Estribeiro-Mor Faxon. Não fazia ideia de que era tão parecido com o velho Duque.

Marcus fez um grunhido cauteloso. — O Gardan já era um velho quando veio de Krondor para cá. Nunca reparei nisso.

Nicholas sentiu a conversa a esmorecer. — Fiquei muito triste quando soube da sua morte no ano passado.

Marcus encolheu os ombros, um gesto que parecia ser a sua exteriorização mais expressiva. — Não fazia muito mais além de pescar e contar histórias. Era um velho. Até gostava dele, mas... — Encolheu os ombros outra vez. — Envelhecemos e depois morremos. A vida é mesmo assim, não é?

Foi a vez de Nicholas encolher os ombros. — Eu já não o via há quase dez anos. Suponho que tenha envelhecido. — Percebendo imediatamente que fora uma observação fútil, deixou que a conversa terminasse, e o silêncio impôs-se durante o resto da refeição.

Quando a refeição terminou, Martin levantou-se e disse:

— Damos as boas-vindas ao nosso primo Nicholas. — A corte reunida e os criados aplaudiram cortesmente. — A partir de amanhã, será meu Escudeiro. — Ao ouvir estas palavras, Harry olhou de relance para o amigo com uma expressão inquiridora. Nicholas encolheu os ombros.

— E o seu companheiro — prosseguiu Martin —, Harry de Ludland, será o Escudeiro do meu filho.

Harry fez uma expressão como quem diz: «Pronto, está explicado.»

— Agora — disse Martin —, desejo-vos uma boa noite.

Estendeu a mão e Briana pousou a sua por cima, à maneira cerimonial, e ele conduziu-a para fora da mesa. As damas Margaret e Abigail seguiram-nos, e depois levantou-se Marcus. Virou-se para Harry e disse:

— Pois bem, se ides ser o meu Escudeiro, preciso que estejais acordado uma hora antes do romper da aurora. Perguntai a um criado qualquer onde ficam os meus aposentos e não vos atraseis. O meu pai também vos quererá a pé a essa hora — acrescentou, dirigindo-se a Nicholas.

Nicholas não gostou muito do tom do primo, mas recusou-se a reagir de outro modo que não fosse educado. — Lá estarei.

Marcus sorriu e isso foi um choque, pois era a primeira vez desde que o conhecera que Nicholas o vira a fazer outra expressão além de um neutro franzir de sobrolho. — Espero que sim. Indicai aos escudeiros os respetivos aposentos — disse, com um aceno de mão para os criados.

Os rapazes seguiram dois criados, e quando iam a passar junto ao mago, Harry disse:

— Até breve, Anthony.

O mago murmurou uma resposta.

— Aquele é o mago do Duque — explicou Harry depois de entrarem para um comprido corredor.

— Eu sei — respondeu Nicholas. — O Marcus disse que não é muito bom naquilo que faz.

Harry indicou que não tinha uma opinião sobre o assunto. — Parece

ser um tipo às direitas, ainda que um pouco tímido — acrescentou. — Fala um pouco baixo.

Os criados conduziram os dois jovens até umas portas contíguas. Nicholas abriu aquela que lhe indicaram e entrou para uma divisão que poderia ser considerada uma cela. Tinha cerca de três metros de comprimento por dois e meio de largura. Uma enxerga de palha no chão e um pequeno baú para os objetos pessoais ocupava uma esquina da divisão. Uma minúscula mesa, uma cadeira e uma candeia tosca em cima da mesa eram os únicos objetos. Nicholas virou-se para o criado, que já estava a afastar-se, e perguntou:

— Onde estão as minhas coisas?

— No armazém, Escudeiro — respondeu o criado. — Sua Graça disse que não ireis precisar delas até estardes preparado para partir, por isso mandou guardá-las na subcave. Encontrareis tudo aquilo de que necessitais nesse baú.

Harry deu uma palmada no ombro do amigo. — Bem, Escudeiro Nicky, é melhor recolhermos e dormirmos bem. Amanhã temos de nos levantar cedo.

— Não me deixes dormir de mais — disse Nicholas, com um aperto no estômago.

— Quanto é que estás disposto a pagar?

— Que tal não te dar um pontapé no traseiro? — disse Nicholas.

Harry pareceu ponderar sobre estas palavras por instantes. — Parece-me justo — disse. — Não te preocupes — disse por entre uma gargalhada. — Vais habituar-te a ser escudeiro. Olha para mim; saí-me bem como teu escudeiro.

Entrou para o seu quarto e Nicholas ergueu o olhar para o céu como que a dizer «porque nunca tiveste de realizar as tarefas de um escudeiro». Com uma sensação de profundo mau agoiro, entrou para a sua cela, fechou a porta e despiu-se. Apagou a vela e dirigiu-se para a enxerga na escuridão e, depois de se deitar no saco cheio de palha, puxou para cima o único cobertor. Passou o resto da noite agitado e às voltas, com pouco repouso e um intenso sentimento de apreensão.

**N**icholas estava acordado quando ouviu bater à porta. Remexeu atabalho-  
nadamente às escuras e percebeu descoroçoado que não tinha previsto qualquer maneira de acender a vela depois de a ter apagado. Encontrou a maçaneta da porta na escuridão e abriu-a. — Estás a pensar ir assim vestido? — perguntou Harry.

— Esqueci-me onde estão guardados o sílex e o aço — disse Nicholas, sentindo-se envergonhado por estar apenas com a roupa interior.

— Estão em cima da mesa, por detrás da candeia, onde geralmente estão. Eu acendo; tu vestes-te.

Nicholas abriu o baú e encontrou uma túnica simples e calças castanhas e verdes, que pensou serem o uniforme dos escudeiros de Crydee, já que Harry estava vestido de igual modo. Vestiu-as e percebeu que lhe assentavam bastante bem. — Que história vem a ser esta de termos de acordar antes do raiar do Sol? — perguntou enquanto calçava as suas botas.

Harry pousou a vela acesa e fechou a porta. — Agricultores, creio eu — respondeu.

— Agricultores?

— Tu sabes, gente do campo. Acordam sempre de madrugada, deitam-se com as galinhas.

Nicholas resmungou uma coisa qualquer sobre isso enquanto acabava de calçar as botas. O seu pé esquerdo parecia ligeiramente inchado, o que dificultou a operação de calçar a bota especial. — Que raios — disse —, aqui deve ser mais húmido do que em casa.

— Reparaste! — disse Harry. — Queres dizer que o bolor que está a crescer nas pedras ao lado da tua cama não te deu uma vaga ideia?

Nicholas esticou indolentemente o punho na direção de Harry, ao qual este se esquivou facilmente. — Anda daí — disse, com uma gargalhada. — Não seria nada bom chegarmos atrasados logo no primeiro dia.

Nicholas e Harry deram por si sozinhos no átrio e Harry perguntou subitamente:

— Onde estão os criados?

— Nós é que somos os criados, seu pateta — disse Nicholas. — Acho que sei onde ficam os aposentos da família.

Por tentativa e erro, os rapazes lá acabaram por descobrir o caminho até à ala da família. Eram uns aposentos bastante modestos em comparação com o que o Príncipe estava habituado a ver em casa, mas não deixavam de ser consideravelmente mais confortáveis do que as celas em que tinham passado a noite. Um par de criados estava a sair de dois quartos e, depois de perguntar, Nicholas ficou a saber que eram efetivamente os aposentos de Lorde Martin, de *Lady Briana* e do Menino Marcus.

Ocupando os seus postos junto às respetivas portas, os rapazes esperaram. Passado algum tempo, Nicholas arriscou bater à porta baixinho. A porta abriu-se e Martin espreitou e disse:

— Já vos atendo dentro de alguns minutos, Escudeiro.

Antes que Nicholas conseguisse responder «Sim, Vossa Graça», a porta fechou-se na sua cara.

Harry sorriu e levantou a mão para bater à porta, mas antes que os nós dos dedos tocassem a madeira, a porta abriu-se e Marcus saiu. — Estais

atrasado — disse em tom ríspido. — Vinde daí. — Desatou a caminhar apressadamente pelo corredor e Harry quase teve de seguir aos saltos para o acompanhar.

Alguns minutos depois, Martin assomou à porta do quarto e percorreu o corredor sem proferir uma palavra. Nicholas seguiu no seu encaço. Em vez de se dirigir para o vestíbulo principal, conforme Nicholas supusera, o Duque seguiu pela tranquila torre de menagem até à entrada principal, para onde ajudantes de estábulo estavam a levar cavalos. Quando um criado atirou as rédeas na direção de Nicholas, Marcus e Harry iam a sair pelo portão montados nos seus cavalos.

— Sabeis montar? — perguntou Martin.

— É claro... — disse Nicholas, apressando-se a acrescentar — Vossa Graça.

— Ótimo. O que não nos faltam são cavalos jovens que precisam de uma mão firme.

Ao montar, Nicholas viu-se imediatamente envolvido numa luta com o cavalo. Um brusco puxão no freio e um aperto firme com as pernas foi o bastante para controlar o irascível animal. O corcel era jovem e provavelmente teria sido capado tardiamente, a julgar pela crina de garanhão no pescoço e pelo comportamento agressivo. Nicholas também não gostava da sela pesada, que dificultava o contacto com o animal.

Porém, Martin não lhe deu tempo para considerações sobre os aspetos mais delicados da arte equestre, e virou a sua montada, seguindo para o portão. Nicholas espetou os calcanhares nos quadris do cavalo e notou que tinha de aplicar imenso as pernas para que este avançasse. Depois, foi a explosão: o animal empinou com força antes de desatar a correr pelo pátio fora. Nicholas agarrou-se prontamente com as pernas, afundando-se na sela e puxando as rédeas com firmeza. Obrigou o cavalo a formar um círculo, puxando as rédeas até o corcel se acalmar e encetar um trote rápido. Depois, assim que chegou ao lado do Duque, abrandou o passo para um andamento que lhe permitia acompanhar a sua montada.

— Dormistes bem, Escudeiro?

— Nem por isso, Vossa Graça.

— Os aposentos não são do vosso agrado? — indagou Martin.

Nicholas olhou para ver se estava a ser alvo de chacota, mas deu com um semblante impassível a contemplá-lo.

— Não, são apropriados — respondeu, recusando-se a ser induzido a lamentar-se. — Deve ser da novidade de tudo isto.

— Habituar-vos-eis a Crydee — disse Martin.

— Vossa Graça não costuma comer de manhã? — perguntou Nicholas com o estômago já a dar pela falta do pequeno-almoço.

Martin sorriu, um ligeiro trejeito da boca, muito parecido com os esgares do pai de Nicholas. — Oh, havemos de desjejuar, mas é costume trabalharmos um par de horas antes do repasto, Escudeiro.

Nicholas acenou com a cabeça.

Chegaram à vila e Nicholas reparou que as ruas já fervilhavam de movimento. As lojas podiam ainda ter as montras tapadas e as portas fechadas, mas os trabalhadores já seguiam a caminho das docas, das fábricas e de outros locais de trabalho. Viam-se barcos de pesca a sair das docas sob a luminosidade pardacenta da aurora, pois o Sol ainda não espreitara por cima da distante cordilheira. Odores deliciosos enchiam a atmosfera enquanto os padeiros continuavam o trabalho que tinham começado na noite anterior, preparando os produtos para vender durante o dia.

Quando chegaram às docas, uma voz familiar cruzou o ar. — Preparai essas redes! — gritou Amos.

Nicholas constatou que o Almirante estava a supervisionar o carregamento de alguns suprimentos. Marcus dobrou uma esquina lado a lado com uma carroça que avançava lentamente, e Harry seguia-o de perto. — Este é o último, pai — referiu Marcus.

Martin não explicou a Nicholas o que estava a acontecer, mas o Príncipe deduziu que estaria a completar o carregamento com destino à nova guarnição mais a norte. — Amos, ides aproveitar a maré na manhã? — perguntou o Duque.

— E ainda sobra tempo — berrou Amos em resposta —, *se* estes primatas desajeitados conseguirem embarcar esta carga na próxima meia hora.

Os estivadores pareceram ignorar o vozear, encarando-o com naturalidade, enquanto continuavam eficientemente a carregar as redes de carga. Quando ficaram cheias, a tripulação da grua levantou a carga e fê-la deslizar até ficar por cima do porão do navio, baixando-a sem hesitações.

Amos acercou-se do local onde Martin e Nicholas observavam. — O mais complicado vai ser descarregar aquela tralha. Presumo que os soldados da guarnição possam dar-nos uma ajuda, mas vai demorar umas duas ou três semanas a transportar tudo em barças.

— Tereis tempo para nos fazerdes uma visita na viagem de regresso?

— Sem dúvida — respondeu Amos com um sorriso. — Ainda que demore um mês, posso passar aqui alguns dias antes de regressar a Krondor. Se o descarregamento for rápido, posso dar uma semana de descanso aos meus homens antes de enfrentarmos os estreitos.

— Estou certo de que ficarão gratos — disse Martin.

Quando a rede foi rapidamente carregada outra vez e a última remessa içada, Martin virou-se para Nicholas. — Regressai ao castelo e informai

o Mordomo-Mor Samuel de que iremos tomar a refeição dentro de meia hora — ordenou.

Nicholas começou a virar o cavalo. — Devo regressar aqui... Vossa Graça?

— O que achais? — disse Martin.

Como não sabia o que pensar, a resposta de Nicholas soou a si próprio desajeitada. — Não tenho a certeza.

O tom de Martin não foi de repreensão, mas também não foi amistososo. — Sois o meu Escudeiro. O vosso lugar é ao meu lado até eu vos indicar o contrário. Regressai aqui assim que terminardes a tarefa que vos foi incumbida.

Sentindo-se de certo modo incompetente por não saber de tal, Nicholas corou furiosamente. — É para já, Vossa Graça.

Enfiou os calcanhares nos flancos do corcel e afastou-se a galope das docas. Ao aproximar-se das artérias apinhadas de gente da vila, foi forçado a abrandar e a seguir a trote. Qualquer cavaleiro seria provavelmente um nobre ou um soldado, por isso a maioria das pessoas abria passagem ao ouvirem Nicholas aproximar-se pelas costas ou o viam a vir de frente. Não obstante, tinha de avançar com cautela. Abrandando o passo, aproveitou para ver o que o rodeava. As lojas estavam agora a abrir e os comerciantes começavam a colocar as mercadorias nas montras enquanto os vendedores ambulantes exibiam as suas verduras nas carroças e mais trabalhadores se deslocavam para os locais de trabalho. Duas mulheres jovens, um ou dois anos mais velhas do que Nicholas, murmuraram entre elas à sua passagem.

Nicholas achava que Crydee era uma terra estranha. Não era nada como os bairros ricos de Kronдор nem como os bairros de lata da cidade; era outra coisa. Não havia mendigos como nas zonas comerciais de Kronдор, e também suspeitava que não haveria por ali larápios. Também duvidava que fosse encontrar rameiras nas esquinas junto às tabernas ao final da tarde, embora não questionasse o facto de que existiriam muitas vendedoras de afeto naquelas que ficavam junto às docas. A indústria pesada, as grandes fábricas, os tintureiros, os curtidores, os fabricantes de carroças, e todos os outros, não eram visíveis. De certeza que havia tintureiros e curtidores em Crydee, porém o mau cheiro característico não se fazia sentir como acontecia junto às docas da cidade do Príncipe.

Não, Crydee era uma vila; uma vila grande, fervilhante e em crescimento, mas não era uma cidade, e como tal era um lugar simultaneamente notável e aterrador para Nicholas. A sua ansiedade por estar longe de casa foi afastada por esta curiosidade em relação a um sítio novo e aos seus habitantes.

Depois de transpor o limite oriental da vila, espetou os calcanhares nos flancos do cavalo e seguiu a galope em direção ao castelo. O seu desejo de ser eficiente no cumprimento da missão de que Martin o incumbira assumira um segundo plano em relação a uma motivação mais básica: tinha fome.

## ESCUDEIRO

**N**icholas tropeçou.

— Depressa, ou o Samuel arranca-nos as orelhas — disse Harry ao passar pelo amigo.

Na semana decorrida desde que tinham vindo servir para Crydee, os rapazes conheceram a sua desgraça: o Mordomo-Mor Samuel. O velho despenseiro, com quase oitenta anos, estava ao serviço da casa ducal de Crydee desde os tempos do avô de Nicholas. E ainda conseguia manejar energeticamente uma chibata.

Na manhã após a partida de Amos, Harry interrompera a realização de um recado para meter conversa com umas raparigas locais, e regressara demasiadamente atrasado da incumbência, encontrando à sua espera um Samuel de lábio franzido. Quando lhe mostrou a chibata, Harry tentou evitar o castigo com uma piada, pois já não lhe batiam desde que deixara as propriedades do pai. Assim que se tornou evidente que o velhote não estava a brincar, Harry aceitou com indiferença o corretivo, até perceber que, embora Samuel fosse velho, a sua chibata não tinha nada de delicada. Nicholas tentara esquivar-se à mesma punição, mas ao terceiro dia conseguira fazer uma trapalhada com uma série de tarefas para o Duque. Durante algum tempo, ainda tivera a esperança de que o seu título o poupasse ao corretivo, mas tudo quanto Samuel dissera fora:

— No meu tempo, preguei uma vergastada ao vosso tio, o Rei, rapazote.

Os dois escudeiros atravessavam o pátio numa correria para se encontrarem com o supervisor ao romper da aurora. O Mordomo-Mor informá-los-ia se havia alguma tarefa invulgar a cumprir em vez de se apresentarem nos respetivos postos à porta dos aposentos do Duque e de Marcus. Geralmente, deveriam estar ao dispor de Martin e do seu filho para o caso de estes precisarem deles, mas às vezes o Duque lembrava-se de alguma coisa para eles fazerem depois de já se terem deitado; nesses casos, transmitia as instruções por intermédio do Mordomo-Mor.

Ao chegarem ao corredor que conduzia ao gabinete do ancião, viram-no a abrir a porta no preciso instante em que se aproximavam. A regra era simples: se não estivessem lá no instante em que ele se sentava atrás da enorme mesa que utilizava como escrivaninha de trabalho, estavam atrasados e seriam castigados.

Avançando apressadamente pelo corredor, os dois rapazes transpuseram a soleira da porta no instante em que o velho escanifrado se sentou.

Erguendo uma sobancelha quase branca, disse:

— Hoje foi mesmo à justa, não foi, rapazes?

Harry tentou sorrir, mas não conseguiu. — Alguma coisa especial, senhor?

Samuel estreitou um pouco os olhos enquanto pensava. — Harry, para as docas ver se o pacote do correio de Carse chegou durante a noite — disse. — Já cá devia ter chegado ontem, e o Duque deseja saber se ainda não chegou. — Harry não esperou para saber se Nicholas tinha alguma tarefa especial; quando o Mordomo-Mor dava uma ordem, um reles pajem ou escudeiro da corte não se atrevia a delongar-se. Samuel prosseguiu: — Nicholas, ide para junto do vosso amo.

Nicholas apressou-se a ir para os aposentos do Duque. Agora que não seguia a toda a brida pelos corredores ainda na penumbra, sentiu-se subitamente muito cansado. Não gostava de se levantar cedo. Aquela coisa de se pôr a pé antes do romper do Sol estava a ter os seus efeitos.

Desde a manhã que se seguiu ao banquete de boas-vindas, a estranha noção de estar naquele castelo da fronteira estava lentamente a ser substituída por uma rotina familiar: andar num rebuliço ou estar de pé à espera. E o horário era desde antes de o Sol raiar até depois da refeição da noite. O Príncipe esperara que as coisas fossem ligeiramente diferentes, mas o impacto da diferença das coisas começava a atormentar Nicholas.

Chegou à porta do quarto de Martin e de Briana e esperou. Com base na experiência que adquirira nas últimas semanas, o Duque e a Duquesa estariam já acordados a vestirem-se e assomariam à porta nos próximos minutos. Nicholas virou-se e encostou-se à parede. Espreitou por uma janela sobranceira a um pátio e da qual se conseguia avistar a cidade para lá da muralha. O tom pardacento da manhã era profundo, e embora Nicholas começasse a habituar-se aos marcos de Crydee, a luminosidade ainda mal dava para distinguir os contornos. O Sol nasceria dentro de uma hora e a cidade estaria banhada num brilho matinal, ou então ainda cinzenta por causa das nuvens. Nicholas percebera que o clima por aquelas bandas era muito imprevisível.

Bocejou e desejou poder regressar para a sua enxerga. Não, pensando melhor, preferia estar na sua própria cama em Kronдор. Tinha de admitir que o cansaço fazia com que o colchão de palha se tornasse tolerável, mas nunca o consideraria confortável. Nicholas continuava a debater-se com as saudades de casa, mas apenas em momentos como este, em que tinha tempo para pensar sobre si. Nos outros momentos, estava demasiado ocupado.

Nicholas sentia-se pouco à-vontade junto do tio. Antes de vir para

Crydee, recordava-se de Martin como um homem grande com mãos delicadas que uma vez o levara aos ombros durante uma visita a Krondor. Isso acontecera há quase catorze anos. Martin visitara a corte do Príncipe mais uma vez desde então, mas Nicholas estava de cama doente e Martin apenas o fora visitar durante cinco minutos. Agora, a recordação tépida e positiva de um tio corpulento estava a ser substituída pela realidade de um homem distante.

Ao contrário de Samuel, Martin parecia nunca perder as estribeiras ou levantar o tom de voz. Mas tinha uma maneira de olhar para os rapazes que fazia com que desejassem enfiar-se num buraco. Se Nicholas ou Harry não cumprissem devidamente uma tarefa, ele não dizia nada, mas virava-lhes costas com uma reprovação não proferida a pairar no ar. Cabia aos rapazes corrigir os erros.

Harry pelo menos tinha Marcus, que estava sempre disposto a explicar-lhe em que é que falhara. Alguns dos criados tinham explicado que parte da frieza de Marcus em relação aos rapazes se devia parcialmente ao facto de ele próprio ter sido o escudeiro do pai até pouco antes da chegada de Nicholas, pelo que avaliava o desempenho deles em comparação com o seu. Certa vez Nicholas caíra no erro de se queixar que não era justo re-preendê-los por não saberem onde estava alguma coisa quando tinham de fazer algum recado, e Marcus virara-se para ele e dissera com frieza:

— Se não sabeis, tendes de a procurar, não é assim?

A porta abriu-se e Nicholas despertou. Briana saiu à frente do marido e sorriu. — Bom-dia, Escudeiro.

— Minha senhora — disse Nicholas, fazendo uma vénia. As suas medidas da corte faziam-na sempre sorrir, e isso tornara-se uma espécie de jogo entre eles.

Martin fechou a porta depois de sair e disse:

— Nicholas, eu e a Duquesa hoje vamos sozinhos. Preparai os nossos cavalos.

— Vossa Graça — disse Nicholas, e foi a correr pelo corredor. Samuel informara-o de que quando Briana e Martin fossem andar a cavalo de madrugada, geralmente demorariam duas ou três horas, pelo que o Escudeiro sabia que iriam parar na cozinha para recolherem algumas provisões. Decidiu que urgia alguma iniciativa e foi a correr à cozinha.

Quando lá chegou, viu os criados numa azáfama com os preparativos das refeições para as quase duzentas pessoas que viviam dentro das muralhas do Castelo de Crydee. O Chefe de Cozinha Megar, um ancião de sólida constituição física, estava no centro da cozinha a supervisionar todos os pormenores do trabalho da sua equipa. A sua velha mulher Magya andava às voltas do forno com os olhos ainda perspicazes fixos sobre o que estava

a ser cozinhado. Nicholas abrandou o passo assim que entrou. — Chefe de Cozinha, o Duque e a Duquesa vão andar a cavalo.

Megar sorriu com simpatia para Nicholas e acenou com a mão. A cozinha era o único lugar do castelo onde Harry e Nicholas eram bem recebidos, pois o velho cozinheiro e a mulher pareciam gostar imenso de rapazes. — Eu sei, Escudeiro, eu sei. — Apontou para um alforje que estavam a encher com comida. — Mas foi bem pensado — acrescentou com um sorriso. — Agora, ala para a cavalaria!

Nicholas foi seguido por uma gargalhada amistosa ao sair apressadamente da cozinha, e prosseguiu num frémito para a cavalaria. Uma vez lá chegado, reparou que estava tudo calmo e percebeu que Rulf, o estribeiro chefe, ainda estava a dormir. Nicholas não percebia como chegara a tal posição, embora lhe tivessem dito que o pai dele ocupara o mesmo cargo antes dele. Enquanto o rapaz avançava apressadamente pela escuridão da cavalaria, os cavalos relincharam a saudá-lo e alguns enfiaram as cabeças pelas portas das baias, a ver se ele lhes levaria alguma coisa para comer.

Na extremidade oposta da cobertura, quase foi de encontro a uma silhueta alta que permanecera oculta pela penumbra. Um rosto escuro virou-se para ele e uma voz delicada disse:

— Silêncio, Escudeiro.

O Estribeiro-Mor Faxon apontou pela porta e Nicholas viu deitado na sua enxerga a figura espadaúda de Rulf, a ressonar tão alto que até fazia estremecer os céus, pensou Nicholas.

— É uma pena perturbar tal tranquilidade, não achais?

Nicholas fez um esforço para não sorrir ao dizer:

— O Duque e a Duquesa vão andar a cavalo, Estribeiro-Mor.

— Bem, nesse caso... — disse Faxon enquanto pegava num balde de água; avançou um passo na pequena divisão e esvaziou o conteúdo em cima da silhueta adormecida. Rulf sentou-se arquejante e soltou um grito de pura irritação. — Ah! Mas que...

— Seu idiota! — bradou Faxon, esvaindo-se dele toda a simpatia. — O Sol já vai alto e estais para aí deitado a sonhar com as raparigas da vila!

Rulf soergueu-se a cuspir água, e quando viu Nicholas, os seus olhos estreitaram-se por instantes, como se o rapaz fosse culpado da sua sorte. Depois, despertou totalmente, avistou o Estribeiro-Mor e os seus modos alteraram-se. — Perdoai, Mestre Faxon.

— O Duque Martin e a Duquesa Briana precisam dos seus cavalos! Se os cavalos não estiverem selados e prontos quando o meu senhor e a senhora chegarem aos degraus da torre de menagem, prego as vossas orelhas na porta do estábulo!

O pesado homem levantou-se com um ar combalido. — É para já,

Mestre Faxon — limitou-se a dizer. Virou-se para o palheiro. — Tom! Sam! Seus preguiçosos! Levantai-vos! Temos trabalho para fazer e vós não me acordastes como vos mandei! — gritou.

Ouviram-se resmungos sonolentos em resposta vindos do palheiro e pouco depois dois jovens desceram apressadamente o escadote.

A julgar pela aparência, fariam diferença de um ano de idade, que rondaria os vinte e cinco anos, e eram os dois inconfundivelmente parecidos com Rulf. Este praguejou e mandou-os buscar os cavalos indicados. — Estarão prontos não tarda nada, Mestre Faxon — disse.

Nicholas voltou-se e viu Faxon a observá-lo. — Quem os visse nunca diria, Escudeiro, mas eles são muito bons a tratar de cavalos. Quando eu era miúdo, o pai do Rulf era o estribeiro do Estribeiro-Mor Algon.

— É por isso que continuais a empregar o Rulf? — indagou Nicholas.

Faxon acenou afirmativamente com a cabeça. — Ninguém diria, mas ele revelou imensa coragem quando os tsurani sitiaram o castelo durante a Guerra da Brecha. Levou muitas vezes água para os soldados — eu era um deles — mesmo até ao meio da batalha, armado apenas com dois baldes.

— Deveras?

Faxon sorriu. — Deveras.

Nicholas ruborizou. — Tenho de deixar de dizer isto.

Faxon deu-lhe uma palmada no ombro. — Haveis de conseguir. — Olhou para o outro lado da cobertura onde Rulf e os filhos estavam a selar os cavalos. — Além disso, tenho pena do Rulf desde que a mulher dele morreu. Ela era a única coisa boa que ele tinha na vida. Agora só tem os filhos e as cavaliças. Têm aposentos na ala da criadagem, mas dormem quase sempre aqui.

Nicholas acenou com a cabeça. Nesse instante percebeu que sempre encarara os serviçais como um dado adquirido, e havia aqueles que o tinham servido em Kronдор e sobre quem nada sabia. De algum modo, pensara que eles se eclipsavam no armário dos serviçais e ficavam ali sossegadinhos até alguém precisar deles. Despertou do devaneio. — É melhor ir para junto do Duque — disse.

— Os cavalos estarão prontos — respondeu Faxon.

Nicholas foi a correr para a cozinha e lá encontrou Martin e Briana a inspecionar os aprovisionamentos. O Duque e a mulher aprovaram a escolha de alimentos. Briana fez sinal para que dois criados a seguissem e saiu da cozinha. Martin dirigiu-se para o depósito de armas. Sem proferir palavra, Nicholas seguiu-o. Chegados ao depósito de armas, um soldado que estava de sentinela fez continência e abriu a porta a Martin e Nicholas.

Lá dentro, Martin esperou enquanto Nicholas acendia rapidamente uma candeia para iluminar a eterna escuridão daquela câmara. Quando a

luz se acendeu, foi refletida de milhares de ângulos, adejando sobre o metal luzidio. Todas as paredes abarrotavam de prateleiras de sabres e lanças, escudos e elmos. Nicholas apressou-se até outra porta e abriu-a para Martin, prevendo tal necessidade.

Martin entrou para a pequena divisão onde eram guardadas as suas armas pessoais e escolheu um arco longo que estava pendurado numa parede. Passou-o a Nicholas enquanto enchia uma aljava com compridas flechas de metro, assim designadas porque mediam quase um metro. Nicholas nunca vira os efeitos de um arco longo, pois todos os soldados de Krondor usavam bestas e pequenos arcos utilizados pela cavalaria, mas já ouvira histórias sobre o terrível poder daquela arma: que um arqueiro hábil poderia perfurar qualquer armadura com uma flecha com ponta de aço.

Nicholas sabia que o seu tio fora o Monteiro-Mor do seu avô, nos tempos em que o direito de herança de Martin fora escondido de todos à exceção de alguns conselheiros de confiança do velho Duque. Mesmo antes da sua morte, Lorde Borric legitimara o seu primogénito, elevando-o dos postos mais básicos até acabar por chegar a Duque de Crydee, herdeiro do título do pai. Mas, antes disso, Martin era reconhecido como um dos melhores arqueiros do Reino Ocidental.

O Duque entregou a Nicholas a aljava com as setas. Inspeccionou uma fila de lâminas que estavam em cima de uma mesa, e depois escolheu duas grandes facas de caça e entregou-as a Nicholas. A seguir, escolheu outro arco, destinado à Duquesa Briana, e também o entregou a Nicholas. A última escolha recaiu sobre uma aljava de flechas para o arco mais pequeno, e foram-se embora.

Quando chegaram ao pátio, encontraram *Lady* Briana de pé ao lado de dois cavalos. Não foi preciso ninguém dizer a Nicholas que os senhores não iam dar um simples passeio a cavalo, mas antes caçar. Era provável que o Duque e a mulher fossem passar o dia fora, ou talvez até mais, caso decidissem pernoitar na floresta.

Harry chegou a correr e, ofegante, disse:

— Vossa Graça. Ainda não há notícias do pacote com o correio de Carse.

O semblante de Martin toldou-se. — Dizei ao Marcus que escreva ao Lorde Bellamy de Carse a perguntar se, por algum motivo, o barco regressou à base, depois enviai a mensagem por pombo-correio.

Harry fez uma vénia e desatou a correr, mas Martin deteve-o. — Ah, Escudeiro... — disse.

Harry parou e virou-se. — Sim, Vossa Graça.

— Da próxima vez que vos mandarem fazer algum recado às docas, levei um cavalo.

Harry sorriu timidamente e fez uma vénia. — Vossa Graça — disse, e foi a correr tratar do assunto que Martin lhe pedira.

Briana montou sem esperar por qualquer ajuda desnecessária e Nicholas entregou-lhe um arco, uma aljava e uma faca. Depois de Martin montar, Nicholas entregou-lhe as restantes armas.

— É possível que estejamos ausentes até ao final do dia de amanhã, Escudeiro.

— Vossa Graça? — disse Nicholas.

— Hoje é o Sexto Dia, caso não saibais. — E ele não sabia. — Podeis tirar a tarde de folga. Pedi mais instruções ao Mestre Samuel até ao nosso regresso.

— Sim, Vossa Graça.

Enquanto se dirigiam para o pátio, Nicholas suspirou. O Sexto Dia: tradicionalmente meio dia de descanso para o pessoal de qualquer castelo ou palácio. O Sétimo Dia era um dia de contemplação e veneração, embora Nicholas tivesse reparado que havia sempre muitos criados disponíveis para satisfazerem as suas vontades ao Sétimo Dia em Krondor. Ele e Harry tinham chegado ao Sétimo Dia da semana anterior, por isso não fazia ideia do que fazer com o primeiro tempo livre de que dispunha desde que desembarcara.

**O**uviu-se o ecoar de gritos de rapazes vindos do outro lado do pátio, perto de um pequeno jardim, a que chamavam Jardim da Princesa. Fora o refúgio da tia de Nicholas, a Princesa Carline, quando esta vivera em Crydee, e o nome perdurara.

Estava a decorrer uma fervorosa partida de futebol que era arbitrada por um soldado. As equipas eram constituídas pelos filhos dos criados do castelo, alguns pajens e dois dos escudeiros mais jovens. Tinham marcado com giz na terra uma área com as dimensões apropriadas e montado uma baliza com redes esfarrapadas em cada extremidade. Podia não se comparar ao relvado verde-esmeralda do estádio profissional de Krondor, mas era um campo de futebol.

Margaret, Abigail e Marcus estavam a assistir sentados num muro baixo que circundava o jardim e tinha uma vista privilegiada. Nakor e Ghuda assistiam à partida do lado extremo do campo, por entre um grupo de soldados, e acenaram a Nicholas. Este respondeu-lhes com outro aceno.

Nicholas passara toda a manhã a fazer recados para o Mordomo-Mor, até que finalmente conseguira esgueirar-se até à cozinha para um almoço rápido que Magya preparara para os escudeiros, e depois fora ver como poderia ocupar o tempo livre. Tinha pensado em regressar ao seu quarto para fazer uma sesta quando o barulho da partida o desencaminhou.

Marcus acenou-lhe e as raparigas sorriram. Deu um pulo para se sen-

tar no muro ao lado de Margaret e inclinou-se para a frente para retribuir o cumprimento de Marcus. Depois, olhou para Abigail, que lhe sorriu ternamente e disse:

— Não vos tenho visto muito, Alteza, exceto quando andais a correr de um lado para o outro.

Quando olhava para Abigail, Nicholas ficava com as orelhas a arder. — O Duque não me dá descanso, minha senhora — disse, e concentrou as suas atenções na partida. Aquilo que lhes faltava em termos técnicos, era mais do que compensado em entusiasmo.

— Jogais futebol em Krondor, Escudeiro? — indagou Marcus, reforçando as últimas palavras. Enquanto falava, pousou a mão sobre a de Abigail. Aquele gesto de posse não passou despercebido a Nicholas.

Sentindo-se subitamente inseguro, Nicholas disse:

— Em Krondor temos equipas profissionais que são patrocinadas pelos grémios, mercadores e alguns nobres.

— Mas *vós* jogais?

— Não jogo muito — respondeu Nicholas.

Marcus olhou de relance para o pé de Nicholas e acenou ligeiramente. Nicholas não apreciou o gesto de Marcus; sentiu-se irritado com o comportamento do primo.

Margaret desviou o olhar do irmão para Nicholas e a sua expressão mudou ligeiramente de neutra para secamente divertida quando Nicholas disse:

— Mas quando tinha tempo, consideravam-me um bom jogador.

Marcus franziu o cenho. — Mesmo com o pé assim?

Nicholas sentiu-se enrubescer e, subitamente, ficou zangado. — Sim, mesmo com o pé assim!

Harry apareceu com um pedaço de pão e de queijo na mão e Marcus só o olhou de viés. O filho do Duque sabia que Harry era senhor do seu tempo desde aquele instante até à manhã seguinte. Harry cumprimentou o grupo com um aceno geral. — Como está o jogo? — perguntou.

— Nós vamos jogar — disse Nicholas saltando do muro baixo.

Harry abanou a cabeça. — Eu estou a comer.

— Eu jogo pela outra equipa para que fiquem equilibradas — disse Marcus com um sorriso.

Harry fez um sorriso aberto enquanto saltava para trás para se sentar no lugar que Nicholas deixara desocupado ao lado de *Lady* Margaret. — Faz-lhes ver como é, Nicky — disse, jovialmente.

Nicholas despiu a túnica, sentindo na pele o sol quente e a brisa fresca do mar. Praticamente não conhecia qualquer um dos jogadores, apenas dois pajens, mas conhecia o jogo. Sentindo-se irritado com a atitude de Marcus, tinha de expulsar a sua fúria.

Pouco depois, a bola transpôs as quatro linhas. Marcus foi buscá-la. — Eu faço o lançamento — anunciou.

Nicholas foi a correr para o centro do terreno e olhou à sua volta. Fez sinal para um moço de cozinha e perguntou:

— Como vos chamais?

— Robert, Alteza — respondeu o rapaz.

Nicholas franziu sobrolho. — Eu sou o Escudeiro do Duque. Quem é a nossa equipa?

Robert indicou-lhe rapidamente os sete rapazes que formavam o resto da equipa informal. — Eu faço a marcação ao Marcus — disse Nicholas.

— Ninguém disputará convosco o lugar, Escudeiro — disse Robert com um sorriso e um aceno.

Subitamente, Nicholas estava em movimento, colocando-se à frente de um rapaz que se preparava para receber a bola de Marcus. Lançando-se quase para fora do recinto de jogo, conseguiu dar um pontapé na bola e passá-la para um assustado colega de equipa. Passado um breve momento de hesitação, a refrega começou.

— O Nicholas é dos melhores jogadores que já vi a fazer cortes — disse Harry para as raparigas entre uma gargalhada.

Margaret observou o primo a levantar-se e a desatar a correr para re-entrar no jogo. — Aquilo deve doer — disse.

— Ele é resistente — respondeu Harry. — Ninguém quer apostar? — perguntou, olhando de relance para as raparigas.

As raparigas entreolharam-se. — Apostar?

— No vencedor — disse Harry enquanto Marcus fazia um corte arrojado, afastando a bola de modo a que um jogador da sua equipa a conseguisse intercetar.

Abigail abanou a cabeça. — Não sei qual é o melhor.

Margaret soltou um grunhido pouco feminino de desprezo. — Ninguém é «melhor», exceto aqueles que se matam mutuamente a tentar descobrir.

Abigail abanou a cabeça quando Nicholas foi abalroado por trás por um colega de equipa de Marcus sem que o árbitro visse, ficando por marcar uma grande penalidade. O rapaz acertara com o antebraço na nuca de Nicholas, o que o deixou a ver estrelas por instantes. Marcus abanou a cabeça em jeito de complacência enquanto Nicholas se recompunha e levantava. O rapaz que derrubara Nicholas estava mais ao fundo do campo. — Tendes de estar mais atento — gritou Marcus. — Este jogo não prima pela subtileza.

Ao ouvir estas palavras, Nicholas abanou a cabeça. — Já reparei — disse.

Depois os rapazes partiram atrás da bola.

— Com os diabos, eles são mesmo parecidos ali no campo, não são?  
— disse Harry.

— Até parecem irmãos — concordou Abigail.

No fulgor da contenda, Marcus e Nicholas lançaram-se simultaneamente à bola, na tentativa de afastar da confusão, numa luta ombro a ombro, enfiando os cotovelos nas costelas um do outro.

— Então, e que tal a aposta? — insistiu Harry perscrutando as raparigas.

Margaret olhou para Harry e esboçou um sorriso perverso. — Apostamos a quê?

— Isso é fácil — disse Harry, tentando parecer espontâneo. — Disse-ram-me que dentro de duas semanas haverá um festival. Vós necessitareis de acompanhante.

Margaret sorriu e olhou de relance para Abigail. — Ambas?

Harry deu uma risadinha. — Porque não? Aqueles dois ficariam loucos de inveja.

Margaret soltou uma gargalhada. — Grande amigo me saístes!

Harry encolheu os ombros. — Conheço bem o Nicholas, e, se não me engano, ele e o Marcus estão apenas a iniciar uma longa e possivelmente colorida rivalidade. — Olhou diretamente para Abigail. — Acho que estão os dois enamorados, minha senhora — disse. Abigail teve a delicadeza de corar, mas o seu semblante revelou que isso não era novidade para ela.

— E quais são as vossas ambições, Escudeiro?

A pergunta espontânea de Margaret apanhou Harry desprevenido. — Então, nenhuma, acho eu — disse, embaraçado.

Margaret deu-lhe uma palmadinha na perna com naturalidade e Harry percebeu que agora quem corava era ele. — Se o dizeis, Escudeiro — disse a filha do Duque.

Harry sentiu o corpo num rebuliço e a arder ao sentir a mão dela no colo, e subitamente apeteceu-lhe estar em qualquer outro lugar que não ao lado dela. Nunca sentira dificuldades para conversar com as raparigas mais jovens da criadagem do Príncipe de Kronдор, quer fossem as serviçais que tinham a desvantagem do cargo, ou as filhas dos nobres da corte que tinham a desvantagem da juventude. Só que na atitude de Margaret nada havia de tímido ou inexperiente. Esta rapariga tinha alguma coisa de positivamente mundano, embora tivesse quase a mesma idade de Harry e Nicholas.

Abigail assistiu à partida com uma lealdade obviamente dividida, mas Margaret demonstrou pouco interesse. Olhou em redor e avistou Anthony por detrás deles no jardim e fez-lhe sinal para que se juntasse a eles.

O jovem mago foi até ao lugar onde se encontravam e fez uma vénia desajeitada. Margaret sorriu-lhe. — Anthony, como tendes passado?

— Bem, minha senhora — respondeu delicadamente. — Achei boa ideia vir apanhar um pouco de ar e de sol e assistir ao jogo de futebol.

— Sentai-vos ao lado da Abigail — disse Margaret na brincadeira. — Ela precisa de apoio. Dois palermas estão a derramar sangue em honra dela.

Abigail ruborizou intensamente e o seu tom de voz foi gélido. — Isso não teve piada, Margaret. — Elas nunca tinham sido especialmente amigas; Margaret passara a maior parte da infância a brincar com o irmão e com os seus rudes amigos. As poucas raparigas da vila, filhas dos mercadores mais ricos, que haviam sido escolhidas para lhe fazer companhia tinham ficado tão horrorizadas quanto os tutores de Margaret quando a filha do Duque mostrara indiferença face à formação reservada às jovens senhoras da sua classe. Em jovem, a sua mãe fora guerreira e não percebia o interesse de muitas das coisas que tentavam ensinar a Margaret, à exceção de ler e escrever, e era frequente poupar a filha aos castigos quando esta abandonava as aulas de costura para ir andar a cavalo ou caçar.

Abigail não passava da mais recente de uma extensa lista de companheiras para a rude filha do Duque, mas que não era mais compatível com ela do que as outras, à exceção de que se irritava menos do que as restantes. De um modo geral, Abigail tinha bom sentido de humor, que estava a ser cruelmente posto à prova pela amiga quando, com um ar jovial, Margaret disse:

— Eu acho que teve.

Harry sorriu, satisfeito por as atenções já não recaírem sobre ele. Enquanto a filha do Duque assistia ao jogo, ele perscrutou-lhe o perfil. À primeira vista, não era uma jovem extremamente bonita, mas havia algo quase real no seu porte, aprumado e altivo: não se tratava da postura de uma frívola dama da corte, mas antes a mesma atitude que a mãe ostentava, a atitude de uma mulher que não duvidava da sua própria capacidade ou do lugar que ocupava no mundo. Subitamente, Harry sentiu-se profundamente desajustado.

Os jogadores corriam de um lado para o outro do campo, e Harry reparou que, nos últimos cinco minutos, Nicholas ficara a sangrar do nariz. Procurou Marcus e constatou que o filho do Duque não estava muito longe de Nicholas, e que tinha o olho esquerdo inchado.

Harry chamou a atenção de Nakor, que estava do outro lado do campo, e o homenzinho revirou os olhos para os céus e fez um gesto com o dedo junto à cabeça indicando que alguém tinha perdido o juízo. Harry fez um sinal a perguntar qual deles, e Ghuda, que tinha seguido a troca de sinais, fez sinal a explicar que eram os dois. Harry desatou numa gargalhada.

— O que foi? — quis saber Margaret.

— O jogo é duro por estas bandas, não é?

Margaret soltou uma risada muito pouco feminina, só ao de leve mais delicada do que um grasnido. — Apenas quando acham que têm de provar alguma coisa, Harry — disse.

Harry nunca vira Nicholas jogar com tanta agressividade. O rapaz sempre usara a cabeça e a sua rapidez natural em todos os desportos em que participava, porém agora andava frenética e desesperadamente pelo campo, e as suas jogadas quase roçavam a loucura, algo nunca visto.

Marcus deu um empurrão a Nicholas para o afastar e intercetou um passe, partindo na direção da baliza que ficava na outra ponta do campo. Nicholas perseguia-o de perto, e os espetadores aplaudiam arrebatadamente.

Margaret ria e Abigail estava sentada com as mãos cruzadas sobre o colo, com uma expressão de franca preocupação estampada no rosto. Harry começou a dar vivas, todavia o som morreu-lhe na garganta. Nicholas estava a coxear e Harry sabia que ele nunca conseguiria ultrapassar Marcus. Nicholas empenhava-se e esforçava-se, mas havia algo de errado na maneira como se movia.

Harry saltou do muro. — O que foi? — indagou Margaret.

Ignorando-a, desatou a correr para a outra ponta do campo, no preciso instante em que Nicholas caiu desamparado, ignorado pelos outros jogadores enquanto Marcus marcava habilmente o tento vitorioso. O árbitro informou que o tempo acabara e o jogo terminou. Enquanto os vencedores se aglomeravam à volta de Marcus, Harry chegou à beira de Nicholas.

Ajoelhou-se ao lado do amigo e perguntou:

— Nicholas, o que se passa?

O Príncipe tinha o rosto contorcido e pálido, e corriam-lhe lágrimas pelas maçãs do rosto. Agarrou-se à perna esquerda e, ofegante, mal conseguiu falar. — Ajuda-me a levantar.

— Não, que diabos, estás magoado.

Nicholas agarrou a túnica de Harry. — Ajuda-me a levantar — disse. A sua voz não passou de um murmúrio irado, pejado de dor. Harry agarrou o braço de Nicholas e ajudou-o a levantar-se.

Marcus e os outros rapazes aproximaram-se, enquanto Nakor e Ghuda atravessavam o campo. — Estais bem? — indagou o filho do Duque.

Nicholas fez um sorriso forçado. — Torci o tornozelo, mais nada — explicou. Harry quase não reconheceu a sua voz e, ao olhar para o amigo, o Escudeiro constatou que este estava pálido. — O Harry ajuda-me a regressar aos meus aposentos. Eu fico bem.

Antes que Marcus pudesse dizer alguma coisa, Nakor olhou-o fixamente. — Partistes alguma coisa?

— Não, estou bem — disse Nicholas.

— Já vi cadáveres com melhor aspeto, filho — atalhou Ghuda. — É melhor que permitis que vos ajude a regressar aos vossos aposentos.

Antes que o velho mercenário conseguisse aproximar-se, Anthony pegou no outro braço de Nicholas. — Eu ajudo-o — disse.

As raparigas tinham chegado ao pé de Marcus e Margaret estava a olhar para o primo sem quaisquer vestígios de sarcasmo. — Estais bem?

— Estou — respondeu Nicholas com um sorriso forçado.

Abigail permanecia em silêncio ao lado da filha do Duque, mas o seu olhar transparecia preocupação enquanto Nicholas era levado apoiado nos ombros de Harry e de Anthony.

Foi a cambalear entre os dois até contornarem o perímetro do jardim, quando sucumbiu desmaiado.

**N**icholas recuperou a consciência quando chegaram ao seu quarto. Anthony e Harry deitaram-no na enxerga. — O que foi que te aconteceu? — perguntou Harry.

— Alguém pisou o meu pé aleijado e eu senti alguma coisa a partir — respondeu Nicholas. Ainda tinha o rosto contorcido e o suor escorria-lhe pela cara.

— É preciso descalçar a bota — disse Anthony.

Nicholas acenou com a cabeça e rangeu os dentes enquanto lhe descalçavam a bota. A cabeça vacilou com a dor, mas não perdeu a consciência.

Anthony examinou o pé deformado. — Não creio que esteja algum osso partido, mas está alguma coisa deslocada. Vede bem — disse. Nicholas apoiou-se sobre os cotovelos e olhou para onde Anthony estava a apontar: uma contusão violácea e feia que se estendia até metade da parte de cima do pé. Anthony fez pressão com o dedo sobre a contusão e Nicholas gemeu de dor. O mago continuou a exercer pressão. Um estalido audível foi acompanhado por um resmungo de sobressalto de Nicholas. Depois mexeu o pé, meneando os dedos atrofiados. Anthony pousou o pé delicadamente e Nicholas deixou-se cair para trás com um enorme suspiro.

— Vou mandar um dos criados buscar um balde de água salgada às docas — disse Anthony. — Enfiar lá o pé durante meia hora, depois mantende-o elevado e quente durante o resto da noite. Vai doer, mas creio que podereis caminhar. Vou pedir ao Duque que vos dê autorização para não trabalhades amanhã e para que não façais esforços durante algum tempo. Andareis a mancar bastante nos próximos dias, meu amigo. — O jovem mago levantou-se. — Amanhã bem cedo venho ver-vos outra vez.

— Para além de conselheiro, sois também o curandeiro do Duque? — indagou Harry.

— Sim, por acaso até sou — respondeu Anthony com um aceno da cabeça.

— Pensei que os curandeiros eram sacerdotes — acrescentou Harry.

Anthony sorriu. — Na sua maioria são, mas alguns magos são bons curandeiros. Amanhã venho ver-vos, Nicholas.

Enquanto o mago se encaminhava para a porta, Nicholas chamou:

— Anthony.

O mago parou e olhou para Nicholas.

— Sim?

— Obrigado.

Anthony fez uma pausa, depois sorriu, e não parecia ter mais idade do que Nicholas ou Harry. — Eu compreendo.

Depois de ir embora, Harry virou-se para o amigo. — Mas compreende o quê? — perguntou. Pegou no pequeno banco e sentou-se. Foi ao interior da túnica e tirou de lá uma maçã, partiu-a ao meio e deu metade a Nicholas.

Nicholas recostou-se enquanto mastigava a maçã. — Ele compreende que eu e o Marcus vamos andar às cabeçadas durante uns tempos — explicou.

— Aquilo não foi um jogo, Nicky. Aquilo foi uma guerra. Hoje levaste mais pancada em metade de um jogo do que na última temporada inteira, e foram treze jogos. E também nunca te vi a dar tantas cotoveladas e empurrões. Vocês não estavam a jogar futebol, estavam a tentar matar-se um ao outro.

Nicholas suspirou. — Como é que me deixei chegar a este ponto?

— Tiveste a indelicadeza de desejar a mesma rapariga que o Marcus, e embora estejas a fazer de Escudeiro, ele sabe que és um Príncipe Real do Reino e que ele não passa do filho de um Duque.

— *Não passa* do filho de um Duque?

Harry abanou a cabeça. — Às vezes consegues ser estúpido, meu amigo. — Acenando com a mão, disse:

— Se o Marcus chegasse de barco a qualquer cidade que não fosse Krondor ou Rillanon, as raparigas locais atirar-se-iam aos seus pés para obter um pouco de atenção. Aqui, na Costa Extrema, ele é o solteiro mais cobiçado, familiar do Rei e tudo o mais. Mas tu, meu tímido amigo, és o rapaz mais cobiçado a norte do Império de Kesh, agora que os teus irmãos casaram, e és irmão do próximo Rei.

»A adorável *Lady* Abigail podia estar perdidamente apaixonada pelo Marcus, mas assim que tu chegaste, ela teve de parar e pensar muito bem. — Encolheu os ombros. — É o tipo de coisas que as pessoas fazem — acrescentou.

Ao ouvir o nome de Abigail, Nicholas suspirou. — E achas que ela está?

— Que ela está o quê?

— Apaixonada pelo Marcus.

Harry encolheu os ombros. — Não sei. Mas posso descobrir — acrescentou depois com um sorriso.

— Não — disse Nicholas. — Não faças nada. Se comesças a fazer perguntas, ela fica a saber.

— Ah! Tens medo que ela descubra que gostas dela! — Harry riu-se do desconforto de Nicholas. — Não te preocupes com isso, meu amigo. É tarde de mais.

Nicholas resmungou. — Achas?

— Tenho a certeza — venceu Harry. — Dá sempre a ideia de que estás prestes a desmaiar quando a vês a olhar para ti. Como é que achas que o Marcus descobriu? E não achou piada nenhuma.

— Ele é um tipo atrevido — disse Nicholas com um misto de admiração e antipatia.

Harry acenou com a cabeça. — Vocês são muito parecidos, mas ele é mais reservado.

— Bem, toda a gente está sempre a dizer que somos parecidos, mas eu não acho — comentou Nicholas.

Harry levantou-se. — Vá, mete o pé na água, põe-lhe uma ligadura e passa uma boa noite. Mais logo trago-te alguma coisa de comer da cozinha.

— Onde vais?

— Vou outra vez ao jardim à procura da Abigail.

— Tu também? — resmungou Nicholas.

Harry acenou com a mão. — Nem pensar. Eu estou interessado na Margaret.

— Porquê? — perguntou Nicholas enquanto Harry fazia uma pausa junto à porta.

— Bem, por um motivo. O Marcus é irmão dela, e embora os casamentos entre primos da realeza não sejam novidade, no teu caso duvido que isso acontecesse. Além disso, acho que a amo.

Nicholas ergueu o olhar com uma expressão de assombro incrédulo. — Pois.

— Estou a falar a sério. Ela provoca-me um nó no estômago. — Sem dizer mais nada, deixou Nicholas sozinho.

Nicholas recostou-se a rir, mas a sua hilaridade não tardou a desaparecer, pois compreendeu o exato significado das palavras de Harry. Abigail revirava-lhe o estômago de uma forma nunca antes experimentada.

## INSTRUÇÃO

**N**icholas estremeceu. Estivera deitado todo o dia anterior, e embora o pé ainda lhe doesse, conseguia caminhar. Por isso, antes do nascer do Sol, já estava no seu posto à porta do quarto do Duque, quase imóvel.

A porta de Marcus abriu-se e este assomou, fazendo sinal para que Harry o seguisse. Pouco depois, foi a vez de a porta do quarto de Martin se abrir e por ela passaram Briana e Martin. — Como está o vosso pé, Nicholas?

Nicholas conseguiu esboçar um sorriso de esguelha. — Sobreviverei — disse. — Ainda dói, minha senhora, mas já consigo andar.

— Os acidentes acontecem — interveio Martin. — Não sereis muito útil para fazer recados; ide perguntar ao Mordomo-Mor se ele tem algum serviço apropriado para hoje.

— Vossa Graça — disse Nicholas e foi-se embora a coxear.

Enquanto seguia pelos corredores a caminho da ala dos criados, onde se situava o gabinete de Samuel, sentiu-se extremamente desgostoso consigo mesmo. O jogo do Sexto Dia fora um desastre. Como passara o dia inteiro a remoer deitado na enxerga, percebera que tinha feito figura de parvo.

Ao longo dos anos, visto ser o filho mais novo do Príncipe de Kron-dor, Nicholas encontrara-se em várias situações às quais teria preferido abster-se; não havia como escapar ao escrutínio do público quando o protocolo obrigava a que estivesse num palanquim durante um festival, ou presente na corte. Mas, noutros casos, Nicholas preferia deixar os outros, o Harry por exemplo, assumir as rédeas da situação. No futebol, Nicholas granjeava a reputação, absolutamente justificada, aliás, de ser um temeroso defesa, hábil a intercetar a bola e a passá-la para um colega antes que o adversário conseguisse compreender o que acontecera, mas no que dizia respeito a marcar golos, deixava sempre que fossem os outros a ficar com os louros. Há dois dias fora a primeira vez que se lançara ao ataque, lutara pela posse de bola a cada oportunidade e tentara dominar apenas pela força da vontade. E a cada passo que dera, Marcus não o largara.

Sentira uma ténue satisfação ao perceber que fora tão eficaz a bloquear os esforços de Marcus como este fora a bloquear os seus; o jogo fora mais ou menos equilibrado e, não fora a lesão do seu pé, Marcus não teria conseguido marcar o golo.

Enquanto descia cautelosamente um lanço de escada, Nicholas estava mais consciente do seu defeito de nascença do que era habitual. Tal como a maioria das pessoas que nasceram com deformações idênticas, adaptara-se a ela e aprendera a compensar sem pensar nisso. Por ser filho de Arutha, fora poupado à troça que qualquer criança de classe mais baixa teria de suportar, porém tivera o seu quinhão de chacota, bem como fora alvo de mais olhares e murmúrios do que gostaria. Todavia, hoje era o primeiro dia em que sentia que o seu pé era efetivamente uma deficiência. Tinha a certeza que se não fosse o pé, teria vencido Marcus. Praguejou em voz baixa, zangado com o mundo inteiro, mas principalmente com ele próprio.

Chegou à porta do gabinete de Samuel. — Mordomo-Mor? — chamou.

Samuel fez-lhe sinal para que entrasse. Nicholas estivera lá há apenas meia hora e Samuel informara-o de que não havia tarefas especiais. O Mordomo-Mor olhou em redor como que à procura de inspiração antes de falar. — Não há nada para fazer, Escudeiro. Porque não regressais para o vosso quarto e descansais esse pé?

Nicholas disse que sim com a cabeça e foi-se embora, mas não tinha muita vontade de passar outro dia deitado na cama. Regressou ao quarto e deixou-se cair sobre o colchão de palha. Como dormira praticamente todo o dia anterior, não tinha muita vontade de descansar e a palha fazia-lhe comichão. Além disso, estava zangado.

Passados alguns minutos, levantou-se da enxerga e dirigiu-se à cozinha. Quando lá chegou, o cheiro que preenchia o corredor fez-lhe crescer água na boca. Magya estava atarefada a supervisionar a equipa de cozinheiros, andando por detrás deles como um general a passar revista às tropas. Sorriu para Nicholas e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Sentis-vos melhor hoje, Escudeiro? — perguntou a anciã. Embora fosse roliça, conseguia andar pela cozinha com rapidez e eficiência, não obstante a idade e o peso.

— Sim, mas segundo o Duque, ainda não estou apto para voltar ao trabalho.

Ela deu uma risadinha. — Mas suficientemente apto para terdes fome?

Ele sorriu-lhe em resposta. — Qualquer coisa assim.

— Acho que se arranja qualquer coisa para vós antes de o Duque e a Duquesa desjejuarem — disse ela dando-lhe uma palmadinha no ombro.

Indicou-lhe um tabuleiro e Nicholas pegou nele. Tirou uma colherada de uma papa grossa que estava a ferver numa caçarola, polvilhou-a com um pouco de canela, deitou-lhe um pedaço de mel no meio e depois despejou leite por cima de tudo. Pousou a tigela no tabuleiro, cortou uma fatia de pão

quente e uma grossa fatia de fiambre e fez sinal para que Nicholas a levasse até uma pequena mesa que havia a um canto.

Megar chegou à cozinha seguido por dois ajudantes de cozinha, cada um deles com um balde de ovos. Mandou os rapazes realizarem as suas lidas e foi sentar-se à mesa com a mulher e Nicholas, com quem o velho chefe de cozinha, um homem corpulento de sorriso franco e simpático, simpatizara logo no primeiro encontro. — Bom-dia, Escudeiro — disse Megar com um sorriso amigável estampado no rosto franco e enrugado.

— Vistes o Ghuda e o Nakor? — perguntou Nicholas. — Não os vejo desde o jogo.

Megar e Magya trocaram olhares. — Quem? — indagou Megar.

Nicholas descreveu-os. — Ah, esses dois — disse Magya. — Eu vi o baixinho a conversar com o Anthony algumas vezes na semana passada. O soldado corpulento foi fazer uma patrulha, só pela diversão, segundo ele. Partiu ontem de manhã.

Nicholas suspirou. Não eram propriamente amigos, mas conhecia-os melhor do que qualquer outra pessoa no castelo, à exceção de Harry. Embora o cozinheiro e a mulher fossem bastante simpáticos, não os conhecia assim muito bem e sabia que eles só estavam a dedicar-lhe alguns momentos por cortesia, e que assim que acabasse de comer, teriam de ir preparar as outras refeições do dia.

Enquanto Nicholas comia, eles falaram. Perguntaram-lhe como é que estava a adaptar-se à vida de Crydee, e depois quiseram saber sobre a viagem. Quando lhes falou sobre Pug, ambos mostraram sorrisos melancólicos, simultaneamente tristes e felizes. — Ele era como um filho para nós — disse Megar. — Sabíeis que ele foi nosso filho adotivo, há já muitos anos?

Nicholas abanou a cabeça em sinal de que não sabia, e Megar começou a falar-lhe de Pug, e também do verdadeiro filho dele e de Magya, Tomas, que fora o melhor amigo de Pug. À medida que a história das suas vidas se revelava, uma mistura de reminiscência e discussão jovial sobre quem se lembrava do quê corretamente, ia-se formando um quadro na imaginação de Nicholas.

Amos contara-lhe histórias sobre a Guerra da Brecha, e de vez em quando alguém conseguia convencer o seu pai a revelar alguns pormenores sobre a sua participação na mesma, mas o simples relato de Megar e Magya era de longe o mais cativante que jamais ouvira. A maneira como narravam tudo o que acontecera nas suas próprias referências, o número de baldes que os ajudantes de cozinha transportaram até às muralhas, o número de rações adicionais que tiveram de preparar, como se desenharam sem isto ou aquilo, quando as refeições eram comidas frias porque os ajudantes de cozinha estavam a tratar dos feridos... tudo isso criava uma imagem

muito mais realista na mente de Nicholas do que mesmo a narrativa mais pitoresca de Amos.

Nicholas fez uma ou duas perguntas e, subitamente, despontou-lhe uma imagem de Pug em criança. Nicholas sorriu quando Megar explicou a dificuldade que ele tivera em criança por ser o mais baixo da sua idade, e como Tomas se tornara protetor. Quando as histórias acabaram, Nicholas já comera tudo o que lhe tinham posto à frente. Os olhos de Magya brilhavam enquanto explicava a aparência de Tomas no dia em que se tornara um homem, no Dia da Escolha, aquele ritual antigo em que todos os rapazes são entregues aos mestres que os irão ensinar.

O nome Tomas tinha algo de familiar, mas Nicholas não percebeu bem o quê. — Onde está o vosso filho? — indagou.

Arrependeu-se imediatamente de fazer a pergunta, pois uma expressão de pesar toldou o semblante de ambos. Pensou que o jovem tivesse sucumbido na guerra.

Porém, para sua surpresa, Megar afirmou:

— Vive com os elfos.

Subitamente, Nicholas fez a associação. — O vosso filho é o consorte da Rainha dos Elfos!

Magya acenou afirmativamente com a cabeça. — Não o vemos muitas vezes — disse, resignada. — Desde o nascimento do menino, visitou-nos uma vez, e manda uma mensagem de vez em quando.

— Menino?

— O nosso neto — explicou Megar. — O Calis.

A expressão de Magya alegrou-se. — É um bom menino. Visita-nos duas vezes por ano. Sai mais ao pai do que àqueles elfos com quem vive — afiançou, com convicção. — Queria tanto que ele viesse viver aqui para Crydee.

A conversa esmoreceu e Nicholas despediu-se e saiu pela porta que dava para o pátio. Recordou o que o seu tio Laurie lhe havia contado sobre os últimos dias da Guerra da Brecha e de pormenores que Amos lhe revelara. Tomas não era humano. Pelo menos, Nicholas ficara com essa impressão; ele era outra coisa, relacionada com os elfos, mas diferente. Nicholas pensou que se os pais dele eram humanos, principalmente sendo pessoas tão simpáticas como Megar e Magya, ele deveria ter sido bastante parecido com as outras crianças da torre de menagem. Nicholas ficou a cismar no que poderia ter provocado a mudança.

Vagueou pelo Jardim da Princesa, com a ténue esperança de lá encontrar Abigail e Margaret. A julgar pela hora, estariam provavelmente no salão a desjejuar com o Duque Martin, porém, não obstante, Nicholas tinha esperanças.

Ao invés das duas jovens, Nicholas ficou espantado ao encontrar Nakor e Anthony, deitados de barriga para baixo, a espreitar para alguma coisa que estava debaixo de um banco de pedra.

— Ali, vedes? — disse Nakor.

— Aquele? — perguntou Anthony.

— Sim.

Quando se levantaram, sacudiram-se. — Deveis certificar-vos de que tem aquelas pintinhas cor de laranja. Se forem vermelhas, são mortíferos. Se forem de outra cor qualquer, são inúteis.

Anthony reparou na presença de Nicholas e fez uma ligeira vénia. — Alteza.

Nicholas sentou-se no banco para debaixo do qual eles tinham estado a espreitar, retirando o peso de cima do pé. — Escudeiro — corrigiu-o.

Nakor fez o seu sorriso de esguelha. — No presente, Escudeiro, mas sempre Príncipe. O Anthony bem o sabe.

Nicholas ignorou a observação. — O que estavam os dois a fazer?

Anthony pareceu embaraçado. — Bem, há umas plantas parecidas com cogumelos que se podem encontrar em lugares húmidos e escuros...

— Debaixo do banco — interveio Nakor.

— ...e o Nakor estava a explicar-me como os identificar corretamente.

— Para fazer poções mágicas? — perguntou Nicholas.

— Para fazer um fármaco — retrucou Nakor. — Para induzir o sono, se preparado convenientemente. É muito útil quando se tem de arrancar uma flecha de um soldado, ou extrair um dente podre.

Nicholas aproveitou o ensejo para se divertir. — Pensei que os magos só tinham de fazer um gesto com a mão para fazer uma pessoa adormecer.

Anthony encolheu os ombros, como que a dizer que não era um mago lá muito bom, mas Nakor interveio:

— Vedes, isto é o que dá deixar as crianças crescerem sem educação.

— Abriu o saco e tirou de lá uma laranja. — Quereis uma? — indagou.

Nicholas assentiu com a cabeça e Nakor atirou-lhe o fruto. Deu outro a Anthony. Depois, entregou o saco a Nicholas. — Vede lá dentro.

Nicholas examinou a enorme mochila. Achou-a um objeto simples: material negro, parecido ao toque com lã comum com feltro. Um cordão de couro fora cosido à volta da abertura do saco, e um pedaço de madeira servia de fivela. O saco não tinha nada dentro. Nicholas devolveu-o e disse:

— Está vazio.

Nakor meteu a mão lá dentro e tirou de lá uma serpente que se contorcia. Anthony esbugalhou os olhos e Nicholas agachou-se no banco até embater na parede nas suas costas. — É uma víbora!

— Isto? Não passa de um pau — comentou Nakor com um menear de mão.

Tinha na mão um simples pedaço de madeira, que voltou a meter dentro do saco; de seguida, atirou o saco outra vez para Nicholas, que o examinou atentamente.

— Está vazio — disse, e devolveu o saco a Nakor. — Como fizestes isso?

Nakor voltou a sorrir. — É fácil para quem sabe o truque.

Anthony abanou a cabeça. — Ele faz coisas extraordinárias, mas insiste que a magia não existe.

Nakor acenou com a cabeça. — Talvez um dia vos explique, mago. O Pug sabe.

Nicholas espreitou por cima do ombro para as muralhas sobranceiras ao pátio. — Hoje toda a gente fala sobre o Pug — disse Nicholas.

— Ele é uma espécie de lenda por estas bandas — referiu Anthony. — Em Stardock também. Já tinha saído de lá quando me juntei à comunidade.

— Então não deves ter sido membro durante muito tempo; ele só saiu de lá há cerca de oito anos — comentou Nicholas.

Anthony sorriu. — Receio ser ainda um mago muito jovem. Os mestres acharam...

— Mestres! — disse Nakor com desdém. — Aqueles presunçosos do Korsh e do Watoom! — Abanando a cabeça, sentou-se junto de Anthony. — Foi por causa deles que deixei Stardock. — Enquanto olhava para Nicholas, apontou para Anthony. — Este rapaz era bastante dotado, mas é aquilo a que aqueles palermas chamam de mago «menor». Se eu lá tivesse permanecido, tê-lo-ia tornado num dos meus Cavaleiros Azuis! — Sorriu para Anthony. — Eu dei-lhes que fazer, não dei?

Anthony soltou uma gargalhada e Nicholas viu-o parecer tão jovem quanto ele e Harry. — É bem verdade. Os Cavaleiros Azuis são a façã mais famosa de Stardock, e há lutas azedas...

— Lutas! — exclamou Nicholas. — Magos a lutar?

— Rixas de estudantes, para ser mais exato — disse Anthony. — Há uns aprendizes mais velhos, autodenominados Fiéis de Korsh — embora ele não lhes ligue nada —, que criam confusão amiúde nas tabernas de Stardock. Nenhum provoca graves danos, os mestres não o permitiriam, mas de vez em quando aparecem umas cabeças partidas. — Suspirou, ao lembrar-se. — Eu não estive lá tempo suficiente para me envolver a sério nessas políticas. Já tinha problemas suficientes com os estudos. Foi por isso que me mandaram para aqui, a pedido do Duque Martin, porque não sou um mago lá muito bom.

Nakor abanou a cabeça e fez uma careta. — Se não sois muito pare-

cido com eles, isso é uma coisa boa. — Pôs-se de pé. — Vou à floresta procurar umas coisas. Encontramo-nos ao jantar. — Apontou para Anthony. — Ponde algum bálsamo no pé do rapaz para amanhã já estar melhor.

— Tenho umas coisas que podem ajudar — disse Anthony.

Sem mais dizer, Nakor disparou para fora do jardim, deixando o jovem mago a sós com o Escudeiro.

Nicholas foi o primeiro a falar. — Acho que nunca conheci ninguém tão estranho.

— Eu conheci algumas pessoas estranhas em Stardock, mas nenhuma que se compare ao Nakor — concordou Anthony.

— Ele foi um dos vossos mestres em Stardock, antes de se ir embora?

Anthony abanou a cabeça e sentou-se no lugar que Nakor ocupara. — Não propriamente. Não sei bem qual era o papel dele lá, além de criar problemas ao Watoom e ao Korsh. Reza a história que chegou lá um dia com uma missiva do Príncipe Borric e a prerrogativa de que o Pug o mandara ir para Stardock. Permaneceu por lá três ou quatro anos, e fez algumas coisas muito estranhas, principalmente converter muitos alunos à noção de que qualquer um pode aprender magia, ou aquilo a que ele chama de «truques», alegando que os magos não eram muito inteligentes por não conseguirem compreender isso. — Anthony suspirou. — Nessa altura, eu já tinha os meus problemas, e não prestei muita atenção. Eu era um aluno novo e só vi o Nakor duas ou três vezes na ilha.

— É verdade que vos enviaram para aqui porque não sois muito bom? — indagou Nicholas.

— Suspeito que sim — respondeu Anthony. — Há em Stardock alunos muito mais dotados do que eu, e não menos mestres magos de renome.

O semblante de Nicholas toldou-se. — Isso é quase insultuoso, sabeis? Anthony ruborizou. — Não sabia.

— Não vos quero menosprezar, Anthony — disse Nicholas. — Podeis até ter mais dons do que pensais. Pelo menos, é o que o Nakor diz — apressou-se a acrescentar. Ambos sabiam que se tratava de uma fraca tentativa de atenuar a observação anterior. — Todavia, o irmão do Rei pediu um mago para ocupar um posto outrora ocupado pelo professor do Pug. Deveriam ter enviado um dos melhores.

Anthony levantou-se. — Talvez. — Estava hirto, apanhado entre o embaraço e o insulto. — Receio que Stardock considere que não deve muita lealdade ao Reino — disse, ruborizando um pouco. — Se o Pug ainda estivesse lá, seria diferente, sendo ele primo do Rei e tudo, mas, nas atuais circunstâncias, o Korsh e o Watoom exercem muita influência sobre os mestres e são de Kesh. Presumo que pretendam manter Stardock politicamente isenta em relação aos dois lados.

— Isso pode até não ser má ideia, acho eu, mas não deixa de ser ofensivo.

— Se quiserdes acompanhar-me, tenho uns bálsamos que acelerarão a vossa recuperação — disse Anthony. — Pelo menos não farão mal, mesmo que não façam bem.

Nicholas seguiu o jovem mago. Olhou de relance pelo jardim e lamentou o facto de não haver sinais das raparigas.

**A**s semanas sucederam-se com uma rapidez surpreendente. Cada dia era preenchido com tarefas da manhã à noite, e Nicholas percebeu que gostava daquele ritmo agitado. Ao estar atarefado, não tinha tempo para cismar, um traço que herdara do pai. A extenuante rotina de andar sempre numa azáfama, de ter sempre tarefas físicas para desempenhar, também estava a enrijecer a sua jovem compleição. Sempre apto a montar e a treinar com a espada, estava agora a ganhar força para aliar à sua rapidez. Ao fim do primeiro dia a transportar armas e armaduras para serem limpas e de ter de as guardar outra vez no depósito de armas, pensou que ia morrer. Agora, conseguia transportar o dobro da carga sem fazer um grande esforço.

Harry também parecia gostar do trabalho, embora não hesitasse em queixar-se sempre que podia. Nas três semanas desde que tinham chegado a Crydee, os rapazes não tinham tido muito tempo para estar com Margaret e Abigail, embora Harry tivesse conseguido mais algum do que Nicholas. Adorava implicar com a ansiedade de Nicholas em relação à jovem acompanhante, deixando-o por vezes completamente irritado. Mas a maior parte do seu tempo era dedicado à aparentemente interminável rotina da corte de Crydee. Até ao momento, a única ocasião que Nicholas tinha para cortejar Abigail eram as tardes do Sexto Dia, e para seu despeito Marcus estava sempre por perto. Os habitantes do Castelo de Crydee comportavam-se de maneiras diferentes com os rapazes de Krondor. O pessoal da cozinha era simpático, os outros serviçais respeitadores e distantes. As criadas mais novas encaravam Harry com um misto de diversão e estranheza, enquanto algumas votavam a Nicholas uma admiração espontânea, uma atenção que ele considerava algo perturbadora. O Mestre de Armas Charles era interessante, mas sempre formal no discurso e na sua conduta. Faxon era franco e simpático, e Nicholas achava-o um bom ouvinte. Nakor e Ghuda raramente sobressaíam, e parecia que arranjavam sempre alguma coisa com que ocuparem o tempo na vila ou na floresta. Lentamente, a sensação estranha que perturbara Nicholas aquando da sua chegada estava a dissipar-se, e embora Crydee nunca pudesse alguma vez assemelhar-se a casa, estava a tornar-se familiar. Além disso, Abigail ocupava mais os pensamentos de Nicholas do que qualquer outra rapariga que jamais conhecera. Nas raras ocasiões em

que conseguia estar com ela sem a intrusão de Marcus, ela era calorosa e galante, e deixava-o com sentimentos conflituosos, pois tanto achava que estaria a fazer figuras tristes, como pensava que ela efetivamente apreciava a sua companhia.

Praticamente um mês após o jantar de recepção, Nicholas e Harry voltaram a jantar com a corte do Duque. Uma vez que eram membros da casa senhorial, não era nada de estranhar, mas era a primeira vez desde que tinham chegado a Crydee que os rapazes estavam isentos de tarefas, o que lhes permitiu fazer a refeição ao mesmo tempo que todos os outros. Estavam sentados ao fundo da mesa, suficientemente afastados do Duque e da família para que não conseguissem ouvir mais do que pequenos trechos de conversa. Além de toda a casa senhorial, também vários membros importantes de grêmios e confrarias da vila estavam sentados à mesa do Duque, enquanto alguns comerciantes e negociantes ficaram espalhados pelo salão.

Nicholas estava sentado do outro lado do salão fitando, espetado, Abigail, que parecia estar a ouvir absortamente alguma coisa que Marcus lhe dizia. Ocasionalmente, ela olhava de relance para Nicholas, e ruborizava e baixava os olhos quando os seus olhares se cruzavam.

— A miúda gosta de ti — comentou Harry.

— Como é que sabes? — perguntou Nicholas.

Harry sorriu enquanto bebia um trago de vinho. — Está sempre a olhar para ti.

— Se calhar, acha que eu tenho um ar esquisito — disse Nicholas num tom receoso.

Harry soltou uma gargalhada. — Considerando que tu e o Marcus são muito parecidos, e que são evidentemente os únicos a quem ela presta o mínimo de atenção, eu diria que ela tem uma preferência por determinado tipo. — Dando uma palmadinha no ombro do amigo, acrescentou:

— Ela gosta de ti, palerma.

O jantar decorreu por entre trivialidades com os dois jovens que se sentaram ao lado de Nicholas. Um deles era um comerciante de pedras preciosas que procurava patrocínio para uma expedição até uma região da Cordilheira das Torres Cinzentas; afirmava que havia lá reservas de pedras preciosas que nunca tinham sido descobertas por anões ou mineiros humanos. Nicholas sabia que ele iria sofrer uma desilusão, pois o Reino não tinha qualquer domínio sobre as Torres Cinzentas para além dos contrafortes da montanha; o comerciante de pedras preciosas teria de transacionar com Dolgan, o Rei dos anões do Ocidente, na aldeia de Caldara, a uma semana ou mais de viagem para o interior.

O outro homem era um viajante de Queg que comercializava sedas delicadas e perfumes raros, e que ocupara a maior parte da tarde das rapa-

rigas a mostrar-lhes a sua mercadoria, motivo pelo qual Nicholas não lhes pusera a vista em cima o dia todo. Margaret gostava mais de couro para a caça e de túnicas simples, aparentemente tal como a mãe, embora usasse vestidos e joias apropriadas na corte; mas Abigail e a maioria das filhas dos comerciantes mais ricos da cidade tinham comprado um volume suficiente da mercadoria do viajante que lhe valiam uma deslocação rentável antes de visitar Carse e Tulan no regresso a casa.

O viajante chamava-se Vasarius e algo nele irritara Nicholas. Talvez fosse o modo como o apanhara a olhar para Margaret e Abigail, que Nicholas só conseguia considerar como cobiça. Quando isso acontecera, ele limitara-se a desviar o olhar das raparigas, ou sorrira para Nicholas como se estivesse meramente a olhar à sua volta.

Após o jantar, os mercadores reuniram-se defronte do Duque e da sua senhora, ao que se seguiu um breve período de socialização, antes de serem escoltados até ao exterior do castelo. Nicholas reparou que, enquanto os outros mercadores tentavam chamar a atenção de Martin, Vasarius estava a cavaquear amistosamente com Charles e Faxon.

Nicholas estava prestes a comentar o caso com Harry quando Marcus se aproximou. — Amanhã vamos caçar — disse. — Vós os dois deveis começar a preparar tudo aquilo de que necessitaremos. Pedi a dois serviçais que vos acompanhai.

Nicholas anuiu com a cabeça, enquanto Harry mal suprimiu um resmungo. Apressaram-se a afastar-se e fizeram sinal para que dois serviçais os seguissem. Nicholas espreitou por cima do ombro e reparou que Abigail estava a dar conta da sua partida. Ela acenou-lhe, desejando-lhe as boas-noites em silêncio, e ao virar-se Nicholas avistou Marcus a observá-la com uma expressão de desgosto. Com um ténue sorriso, Nicholas sentiu-se melhor do que alguma vez sentira desde que chegara a Crydee.

**J**á era tarde quando Nicholas e Harry acabaram de organizar o equipamento para a caçada. Só estariam fora dois ou três dias, mas a comitiva incluiria meia dúzia de pessoas — Martin, Marcus, Nicholas, Harry, Ghuda e Nakor — pelo que era preciso preparar uma boa quantidade de equipamento e provisões. Depois de andarem atarantados durante um minuto, os rapazes deixaram que os criados mais experientes assumissem o comando das operações e ficaram principalmente a observar, exceto no que tocava à escolha das armas. Ambos os escudeiros sabiam que eram os responsáveis por essas opções, e já tinham a noção daquilo que Martin e Marcus precisariam. Tal como o pai, Marcus era um excelente arqueiro, e preferia o arco longo.

Quando tudo estava preparado, Nicholas e Harry regressaram ao sa-

lão de banquetes. Nicholas deixou o amigo e acercou-se do Duque. Martin terminou a conversa com um dos mercadores locais. — Sim, Escudeiro? — disse.

— Está tudo pronto para amanhã, Vossa Graça — disse Nicholas.

— Ótimo. Não preciso mais de vós esta noite, Escudeiro. Partiremos aos primeiros raios de Sol.

Nicholas fez uma reverência e afastou-se, deixando Martin com os convidados. Aparentemente, Harry também estava por sua conta, pois atravessou apressadamente o salão para se juntar a ele. — Onde vais?

— Pensei ir deitar-me. Amanhã temos de nos levantar cedo.

— A *Lady* Margaret disse que iria dar um passeio pelo Jardim da Princesa.

— Então vai tu — disse Nicholas. — É a tua oportunidade.

Harry arreganhou os dentes. — A Abigail foi com ela.

Nicholas respondeu-lhe com um sorriso rasgado. — De que estamos à espera?

Ignorando de todo as convenções sociais, os rapazes saíram apressadamente do grande salão, quase a correr.

**Q**uando os rapazes subiram os três degraus que davam para o Jardim da Princesa, Margaret e Abigail trocaram olhares e sorrisos. Margaret estava confiante e divertida; Abigail tímida e agradada.

Os dois rapazes estacaram abruptamente e fizeram uma vénia plena de decoro e cortesia.

— Boas-noites, minhas senhoras — disse Nicholas com um sorriso constrangido.

— Boas-noites, Escudeiro — respondeu Margaret.

— Boas-noites, Alteza — disse Abigail em voz baixa.

Os dois rapazes sentaram-se, Nicholas ao lado de Abigail e Harry ao lado de Margaret. Os rapazes mantiveram-se em silêncio durante um instante, depois começaram a falar os dois ao mesmo tempo. As raparigas desataram numa gargalhada e eles tiveram a decência de parecerem embaraçados. Seguiu-se outro longo silêncio, e depois Harry e Nicholas começaram a falar outra vez.

— Eu sei que vocês os dois parecem não conseguir estar um minuto longe um do outro, mas porque não vindes comigo até ali, Escudeiro Harry?

Harry olhou de relance para Nicholas e ostentava uma expressão mista de surpresa, prazer e pânico quando Margaret lhe pegou com firmeza na mão e o conduziu até um pequeno banco ao lado das rosas em flor.

Nicholas e Abigail foram a caminhar lentamente até à extremidade

oposta do pequeno jardim, onde havia outro banco, no qual se sentaram. — Pareceis estar a adaptar-vos à vida em Crydee, Majestade — disse Abigail ternamente.

— Aqui sou «Escudeiro», minha senhora — salientou Nicholas, que ruborizou um pouco. — Eu... acho que gosto. De algumas coisas. — Fitou-a, espantado com a delicadeza das suas feições, semelhantes às de uma boneca. Tinha a pele clara e suave sem as manchas habituais em raparigas da sua idade. Estava certo de que nunca antes vira olhos tão grandes e tão azuis, quase luminosos sob a luz ténue dos archotes na parede. Tinha o cabelo puxado para trás, apanhado com uma argola de prata, que depois tombava sobre os ombros numa cascata de seda dourada. Baixou o olhar. — Há aqui coisas que considero muito mais agradáveis do que outras — disse.

Ela corou um pouco, mas sorriu. — Vossa Graça está a dar-vos demasiadas tarefas? — perguntou. — Raramente vos vejo no castelo. Trocámos pouco mais de uma dúzia de palavras em semanas.

— Tenho muito que fazer — disse Nicholas —, mas para dizer a verdade, acho isso mais interessante do que ter de ir às aulas, ou ter de ir à corte do meu pai e ter de marcar presença nos desfiles, apresentações e receções que estão sempre a acontecer em Krondor.

— Eu acho que isso seria uma vida maravilhosa — disse ela, num tom de voz que transparecia desilusão. — Não consigo imaginar nada mais emocionante do que ser apresentada à corte do vosso pai, ou à corte do Rei. — Mantinha os olhos muito abertos e uma expressão fervorosa ao falar. — Os importantes lordes e as belas damas, os embaixadores de terras distantes... parece-me tudo tão maravilhoso. — Ela parecia resplandecer aos olhos de Nicholas ao dizer estas palavras.

— Costuma ter muito colorido — disse Nicholas, tentando não parecer demasiado indiferente às novidades do mundo. Na realidade, ele considerava todas as exigências da pompa da corte extremamente aborrecidas. Mas tinha a certeza que não era isso que Abigail desejava ouvir e naquele preciso momento a última coisa que pretendia era deixá-la desiludida. Ela olhou-a com uns olhos tão abertos que ele pensou que poderia cair dentro deles; obrigou-se a inspirar, como se nos últimos instantes se tivesse esquecido de respirar. — Talvez um dia possais visitar Krondor ou Rillanon.

O seu semblante deixou de ser pensativo e mostrou-se resignado. — Sou filha de um Barão da Costa Extrema. Se o meu pai levar a dele avante, terei de desposar o Marcus em breve; já serei uma velha com filhos antes de ter a oportunidade de visitar Krondor, e nunca verei Rillanon.

Nicholas não sabia o que dizer; só percebeu que um aperto na garganta e no estômago pareceu atingir proporções dolorosas quando ela falou no casamento com Marcus. Finalmente, disse:

— Não tendes de o fazer.

— Fazer o quê? — perguntou ela, com um ténue sorriso nos lábios.

— Casar com o Marcus contra a vossa vontade — disse ele, atabalhoadamente. — O vosso pai não vos pode obrigar.

— Pode fazer com que me seja muito difícil recusar — explicou, baixando os olhos e observando-o por debaixo de umas pestanas de um comprimento impossível.

Sentindo as suas mãos rígidas como tábuas, pegou nas mãos dela. Segurando-as sem jeito com uma mão e dando-lhes palmadinhas com a outra, disse:

— Eu poderia...

Ternamente, os olhos dela fitaram os seus. — O quê, Nicky? — indagou.

Sentindo que estava a engasgar-se com as palavras, prosseguiu:

— Poderia pedir ao meu pai...

— Nicky, sois maravilhoso! — disse Abigail. Aproximou-se dele e colocou-lhe a mão por trás do pescoço, puxando o seu rosto para junto do dela.

Subitamente, Nicholas deu por si a ser beijado. Não sabia que um beijo podia ser tão delicado, sensual e agradável. Os lábios dela encaixaram na perfeição nos seus, e o seu hálito era doce como as rosas. Sentiu a cabeça a andar à roda quando começou a beijá-la e o seu corpo a aquecer quando a puxou para si, apercebendo-se da delicadeza dela debaixo das suas mãos. Ela mexia-se de uma maneira que parecia fundir-se nele, embebendo-se perfeitamente no círculo dos seus braços.

Ela afastou-o abruptamente. — O Marcus! — murmurou e, antes que Nicholas conseguisse recuperar a consciência, desapareceu. Pestanejou no meio da confusão, sentindo-se como se alguém lhe tivesse despejado água gelada pela cabeça abaixo. Um instante depois, Marcus apareceu, entrando para o jardim pelos degraus das traseiras, os que davam para o campo de futebol. Nicholas fora de tal modo absorvido pelo beijo que não escutara os passos do primo a aproximar-se.

Quando Marcus avistou Nicholas sentado no banco, a sua expressão toldou-se. — Escudeiro — disse, com frieza.

— Marcus — respondeu Nicholas, sentindo-se extremamente abespinhado.

— Não suponho que *Lady* Abigail esteja aqui.

Nicholas percebeu que não gostava da maneira como Marcus o fitava e, mais do que isso, não gostava de ouvir o nome dela nos lábios dele. — Ela não está aqui.

Marcus olhou em redor. — Porém, a menos que agora useis a colónia dela, ela esteve aqui há pouco tempo. — Franziu o cenho. — Onde está ela?

Nicholas levantou-se. — Está ali, penso eu.

Marcus afastou-se, e Nicholas quase teve de dar um salto para o acompanhar. Atravessaram juntos para o outro lado do Jardim da Princesa, onde foram encontrar Harry sentado no jardim. O Escudeiro de Ludland estava furiosamente ruborizado.

Levantou-se e acenou com a cabeça para Marcus e Nicholas.

— Suponho que estivésseis a conviver com a minha irmã.

O rubor de Harry intensificou-se, atingindo proporções heroicas. — Não sei bem — disse. Olhou para os lados do castelo, a direção que as raparigas haviam obviamente seguido. — Ela é uma rapariga extraordinária — acrescentou.

Marcus afastou-se e voltou-se de modo a encarar os dois. — Estava na esperança de que vocês os dois percebessem sozinhos, mas é evidente que não. Pois bem, as coisas são assim.

Apontou para Harry e disse:

— A minha irmã sabe tratar de si mesma, mas está talhada para algo melhor do que um insignificante romance com o filho de um Conde inferior.

O rosto de Harry ficou vermelho de raiva, e os seus olhos raiados de cólera, mas permaneceu em silêncio.

Marcus virou-se então para Nicholas. — E vós, *primo*... a Abigail não precisa que um janota da corte venha aqui impressioná-la, e depois a abandone quando regressar a casa. Estamos entendidos?

Nicholas avançou um passo. — Aquilo que eu faço, Marcus, quando o vosso pai não tem tarefas para eu realizar, só a *mim* diz respeito. E quem a Abigail escolhe para passar o seu tempo só a *ela* diz respeito.

Parecendo na iminência de entrarem em vias de facto, os dois primos foram separados por Harry, que se meteu entre eles. — Não será bom para ninguém se vocês os dois andarem à bulha — disse, deixando transparecer a raiva e a irritação na voz. Dando mostras de que desejaria um motivo para começar ele mesmo uma bulha, deitou um olhar desafiador a Marcus. — O Duque não iria gostar nada, pois não?

Marcus e Nicholas olharam para Harry momentaneamente surpreendidos, e depois prenderam o olhar um no outro.

— Partimos com os primeiros raios de Sol, Escudeiro — disse Marcus. — Tratai de que tudo esteja pronto. — Virou-se e afastou-se, com as costas direitas como poste.

— Ele vai criar problemas — disse Nicholas.

— Tu é que já criaste problemas — respondeu Harry.

— Ela não o ama — disse Nicholas.

— Oh, ela disse-te isso? — perguntou Harry.

— Não com tantas palavras, mas...

— Conta-me isso a caminho dos quartos. Temos de nos preparar para amanhã.

— Uma coisa é certa, ela não quer ficar aqui com o Marcus — disse Nicholas enquanto caminhavam.

Harry assentiu com a cabeça. — Então estás a pensar levá-la contigo para Krondor?

— Porque não? — disse Nicholas com a fúria a transparecer-lhe na voz.

— Sabes bem porque não — respondeu Harry. — Porque tu vais casar com uma Princesa qualquer da corte de Roldem, ou com a filha de algum Duque, ou com uma Princesa de Kesh.

Com raiva na voz, e a memória do beijo de Abigail fresca no pensamento, disse:

— E se eu não quiser?

— E se o teu Rei to ordenar? — disse Harry com um suspiro.

Nicholas cerrou os dentes, mas não respondeu. Sofria de frustração, a frustração do abraço interrompido e a frustração de querer encostar o punho à cara de Marcus. — O que fez a Margaret que te deixou tão afogado? — perguntou, por fim.

Harry enrubesceu outra vez. — Ela é... fantástica. — Inspirou profundamente e expeliu o ar teatralmente. — Começou por me perguntar como é que os homens de Krondor beijam, depois pediu-me que lhe mostrasse. Uma coisa levou à outra. — Parou, como se estivesse a ordenar as ideias. Com as maçãs do rosto completamente ruborizadas, prosseguiu: — Ela tornou-se arrojada e... — Fez uma pausa, após o que continuou impulsivamente. — Nicholas, ela perguntou-me se eu já tinha estado com uma mulher!

— Não acredito — exclamou Nicholas, entre um riso e um gemido.

— É verdade! Depois...

— O quê?

— Depois perguntou-me *como é que era!*

— Não acredito!

— Queres parar de dizer isso? É verdade.

— E o que foi que lhe disseste?

— Disse-lhe como é que era.

— E?

— Ela riu na minha cara! Depois disse: «Quando souberdes do que falais, Escudeiro, vinde falar comigo. Estou curiosa.» Depois voltou a beijar-me e a roçar-se em mim de uma maneira que até pensei que ia explodir! Depois a Abigail passou a correr e disse que o Marcus vinha aí e foram-se as duas embora numa correria.

— Extraordinário — disse Nicholas, sentindo a raiva e a frustração a diminuírem ao saber com estupefação a novidade sobre a sua invulgar prima Margaret.

— Ela é assim — disse Harry.

— Ainda achas que estás apaixonado? — perguntou Nicholas na brincadeira.

— O meu estômago dói mais do que nunca, mas...

— O quê?

— A tua prima Margaret mete-me um medo dos diabos.

Nicholas soltou uma gargalhada e desejou boa-noite a Harry. Enquanto regressava aos seus aposentos, recordou os lábios delicados, o perfume cálido e os olhos mais incríveis que jamais contemplara. Sentiu o corpo aquecer, e uma dor incrível no estômago.

## ATAQUE-SURPRESA

**M**artin fez sinal.

O grupo deteve-se quando ele se virou e disse:

— Esperai todos aqui. Há algo ali à frente.

Os dois rapazes ficaram satisfeitos por parar. Estavam com os pés doloridos e exaustos. Tinham partido ao amanhecer dos limites do burgo de Crydee. Martin estivera a transmitir aos dois rapazes da cidade alguns ensinamentos sobre madeira, pelo que fizeram todo o caminho a pé. O destino deles, as margens do Rio Crydee, ficava ainda a mais um dia de caminho. Aguardaram com Nakor e Ghuda enquanto Martin e Marcus se embrenhavam nos bosques, desaparecendo em silêncio.

— Como é que eles fazem aquilo? — perguntou Nicholas.

— O vosso tio tanto foi criado pelos elfos como pelos monges da Abadia de Silban que o encontraram — esclareceu o Monteiro-Mor Garret —, e ensinou ao Marcus e a mim próprio tudo o que sabemos. — Nicholas conhecera o Monteiro-Mor do Duque, Garret, na noite anterior.

Nakor acenou distraidamente para o bosque. — Estamos a ser observados — alertou.

— Há já quase meia hora — disse Ghuda, com a mão descontraidamente assente na sua espada.

Nenhum deles pareceu preocupado. Nicholas olhava em redor, quando Harry disse:

— Não vejo nada.

— Tendes de saber para onde olhar — ouviu-se uma voz vinda da esquerda deles.

Um jovem emergiu do bosque, movimentando-se de forma tão furtiva quanto Martin e Marcus. — E já lá vai praticamente uma hora — acrescentou. Usava uma túnica de pele e umas calças tingidas de verde-escuro. O seu cabelo era louro, mas em vez de ser como o de Anthony, cor de palha desbotada, era quase de um dourado como o Sol. Chegava-lhe aos ombros, mas estava cortado dos lados, deixando entrever umas orelhas normais, não fosse pela ausência dos lóbulos. Os seus olhos eram azuis, mas quase excessivamente claros, e movia-se de uma forma que deixava adivinhar grande força, apesar da silhueta esguia.

E então, com um sorriso que o fez parecer anos mais novo, disse:

— Isto é um jogo entre o Martin e nós.

— Nós? — perguntou Nicholas.

O rapaz fez sinal e três outros vultos emergiram do bosque. — Elfos — disse Nicholas.

— Chamo-me Calis — apresentou-se o jovem humano.

Os três elfos deixaram-se estar ali próximos em silêncio, até que um se voltou repentinamente quando Martin e os outros apareceram. — Não pensastes que fomos enganados pela pista errada, pois não? — perguntou Marcus, meio a sorrir.

Martin fez o que pareceram ser gestos discretos na direção dos elfos, que assentiram levemente, ou terá erguido uma sobrancelha. Garret segredou para Nicholas e para os outros: — Quando querem, recorrem a um discurso subtil parco em palavras.

E depois Martin falou em voz alta. — Este é o Nicholas, filho do meu irmão, Arutha, e os seus companheiros, Harry de Ludland, Nakor, o Isalani, e Ghuda Bulé, de Kesh.

Calis fez uma vénia. — Saudações. Dirigis-vos a Elvandar?

Martin abanou a cabeça. — Não. O Garret regressou ontem ao castelo, com notícias de que estariéis a sul do rio, pelo que me pareceu uma boa desculpa para que conhecêsseis o meu sobrinho enquanto caçávamos. Talvez no futuro leve o Nicholas à vossa corte.

— E a mim — salientou Nakor.

Calis sorriu e coçou a têmpora, passando uma mão pelo seu longo cabelo. Nicholas ficou surpreendido por Calis ter aspeto de humano e falar exatamente como se o fosse.

Martin mostrou-se ligeiramente carrancudo, mas Nakor disse:

— Nunca falei com um Urdidor de Feitiços e gostaria de o fazer.

Calis e Martin entreolharam-se, mas foi Nakor quem continuou a falar. — Sim, eu tenho conhecimento dos vossos Urdidores de Feitiços e não, não sou um mago.

Os três permaneceram aparentemente imóveis por uns momentos e depois Calis sorriu mostrando os dentes. — Como é que sabeis tanto?

Nakor encolheu os ombros. — Estou atento quando as outras pessoas estão na tagarelice — explicou. — Pode aprender-se muito estando-se calado. — Enfiou a mão na sua omnipresente mochila. — Quereis uma laranja?

Dividindo a peça de fruta em quatro pedaços, atirou-os a Calis e aos elfos. Calis trincou a fruta e deitou fora um bocado de casca, para depois sugar o sumo. — Já não comia uma laranja desde a última vez que visitei Crydee.

Os outros elfos provaram o fruto e assentiram em concordância na direção de Nakor. — Gostava de perceber como é que conseguis enfiar tantas laranjas nessa mochila — comentou Harry.

Nakor ia dizer algo, mas foi interrompido por Nicholas. — Já sei. É um truque.

Nakor riu-se. — Talvez um dia vos mostre.

— Porque foi que a vossa Rainha vos enviou para sul do Rio Crydee? — quis saber Martin.

— Estamos a desleixar-nos nas nossas patrulhas, Lorde Martin. Há demasiado tempo que reina a paz nas nossas fronteiras.

— Há problemas? — perguntou Martin, prontamente em estado de alerta.

Calis encolheu os ombros. — Nada que mereça ser falado. Há uns meses, um bando de *moredhel* atravessou o rio para oriente das nossas fronteiras, dirigindo-se rapidamente para sul, mas não invadiram as nossas terras, pelo que os deixámos em paz. — Nicholas conhecia os primos das trevas dos elfos, chamados pelos humanos de Irmandade da Senda das Trevas. A última aparição deles acontecera aquando da Batalha de Sethanon. — Tathar e os outros Urdidores de Feitiços falam de leves sinais dos poderes das trevas, mas não sentem nada que nos ameace diretamente. Por isso, colocámos patrulhas mais ativas e aventuramo-nos para mais longe de casa do que alguma vez fizemos nos últimos anos.

— Mais alguma coisa?

— Um relato de um avistamento estranho junto à vossa nova fortaleza acima de Barran, junto ao Rio Sodina — disse Calis. — Uma noite, já há umas semanas, alguém atracou um escaler na boca do rio. Encontrámos marcas na lama e pistas de homens para a frente e para trás.

O rosto de Martin refletiu a sua preocupação, pois por momentos manteve-se em silêncio. — Nenhum contrabandista quererá aproximar-se tanto de uma guarnição; além disso, não há ninguém com quem negociar assim tão longe para norte.

— Batedores? — questionou Marcus.

— A mando de quem? — perguntou Nicholas.

— Não temos vizinhos a norte, a não ser os *trasgos* e os *moredhel* — salientou Martin. — E desde Sethanon que têm andado bem sossegados.

— Não demasiado sossegados — contrapôs Calis. — Houve algumas escaramuças ao longo das fronteiras a norte de Elvandar.

— Eles estão a preparar-se para uma nova invasão? — perguntou Marcus.

— Não há nada que o indique — esclareceu Calis. — O meu pai passou por lá a cavalo e acha que não passam de migrações devidas a colheitas mal sucedidas ou a guerras de clãs. Mandou alertar os anões da Montanha de Pedra para a eventualidade de em breve terem vizinhos indesejados.

De repente, Nicholas uniu as pontas dos nós: este era o neto de Megar e Magya. O pai dele era Tomas, o lendário guerreiro da Guerra da Brecha.

Martin assentiu com a cabeça. — Daremos instruções para que o Dolgan seja avisado de que eles podem igualmente estar a regressar às Torres Cinzentas. Já passaram mais de trinta anos desde a grande migração; os moredhel podem estar a regressar às suas terras abandonadas.

— Trinta anos não é muito tempo no que toca aos elfos — observou Garret.

— Ter os Irmãos das Trevas de novo nas Torres Cinzentas e no Coração Verde é sinónimo de graves problemas.

— Também mandaremos avisar o comandante de Jonril — anunciou Martin. — Se os Irmãos das Trevas estabeleceram povoações no Coração Verde, todas as caravanas e comboios de mulas de Carse para Crydee estarão em risco.

Marcus olhou em redor. — É melhor acamparmos, pai. Há cada vez menos luz.

— Calis, juntais-vos a nós? — perguntou Martin.

Calis olhou para o céu, verificando o desaparecimento da luminosidade, e depois para os seus companheiros, que a Nicholas pareceram manter-se imóveis, e após um momento respondeu:

— Teríamos todo o gosto em partilhar a fogueira convosco.

Martin dirigiu-se a Nicholas e Harry. — É melhor começarem a juntar lenha, Escudeiros. Vamos acampar.

Harry e Nicholas entreolharam-se, mas ambos sabiam que seria fútil perguntar onde se poderia encontrar lenha. Afastaram-se da clareira e começaram à procura. Havia à vista muitos ramos caídos e algumas árvores mortas. Quando Nicholas começou a recolher ramos tombados, sentiu uma mão a tocar-lhe no ombro. Endireitando-se praticamente com um pulo, voltou-se e deparou-se com Marcus atrás de si, com uma machadinha na mão. — Assim pode ser mais fácil, em vez de se tentar arrancar os ramos à mão — referiu. Passou outra machadinha a Harry.

Sentindo-se um idiota, Nicholas observou o primo a regressar para junto dos outros. — Às vezes era mesmo capaz de aprender a odiá-lo — disse.

Harry começou a retalhar a madeira tombada. — Ele também não parece gostar lá muito de ti.

— Já estive mais longe de pegar na Abigail e regressar a Krondor com o Amos.

Harry riu-se. — Oh, o que eu daria para ser uma mosca quando explicasses *isso* ao teu pai.

Nicholas calou-se e continuou a retalhar a lenha. Quando prepararam um carregamento, juntaram-na e regressaram à clareira. Martin já acendera uma fogueira com galhos e algum musgo e alimentou o fogo com os

ramos. — Ótimo, é um bom começo. Trazei-nos três carregamentos iguais e teremos lenha suficiente para a noite.

Com um resmungo mal disfarçado, os sujos e suados escudeiros regressaram para junto da árvore caída e recomeçaram a retalhá-la.

**A**sentinela debruçou-se para o lado de fora da torre. Algo se movia através da água na direção da entrada do porto. O seu posto no topo do farol da Ponta Longa era o mais importante do Ducado, pois Crydee era mais vulnerável a partir do mar do que de outro quadrante qualquer, uma lição aprendida a muito custo durante a Guerra da Brecha. Bastaram pouco mais de trinta homens para os tsurani incendiarem metade da povoação.

E foi então que ele viu: seis formas baixas a deslizarem pela água. Cada um dos barcos de calado raso era impulsionado a remos por uma dúzia de homens, com outros doze posicionados no meio, armados e a postos.

O soldado tinha ordens para despejar um pote de uma pólvora especial no fogo que tornaria as chamas vermelhas; depois deveria fazer soar um gongo. Estavam salteadores a entrar no porto! Quando se voltou, foi lançada abruptamente uma corda com um peso numa ponta e, antes de poder dar um passo que fosse, o seu pescoço estava partido.

O assassino escondera-se sob a janela da torre, agachando-se sobre a viga mestra, que sobressaía apenas uns cinco centímetros da rocha. Impulsionou-se de pronto pela janela e retirou os ganchos metálicos que usara para trepar a parede, encaixando as pontas na argamassa entre as pedras. Desceu apressadamente as escadas de caracol, abatendo mais dois guardas pelo caminho. Todas as noites havia três homens de serviço na torre, com mais três de prevenção numa pequena barraca na base. Quando chegou à barraca, o assassino viu três corpos curvados sobre uma mesa, enquanto um par de vultos vestidos de negro se afastava. Apanhou-os rapidamente e os três assassinos apressaram-se a percorrer o caminho em terreno húmido chamado Ponta Longa que ligava o burgo ao farol. Um dos assassinos vestido de preto olhou de relance para o porto. Mais uma dúzia de pinaças seguiam o primeiro grupo de seis e o verdadeiro ataque não tardaria a iniciar-se. Ainda não soara o alarme e tudo decorria conforme o planeado.

A Ponta Longa crescera, com uma doca baixa de um lado e lojas e armazéns do outro. Barcos silenciosos descansavam ao longo do cais, com sentinelas pouco alertas a dormir nos seus tombadilhos superiores. Uma porta abriu-se quando os três assassinos passaram e saiu de lá aos tropeções o último cliente de um bar das docas. Já estava morto antes de dar dois passos, assim como o estalajadeiro que lhe mostrara a porta de saída. Um dos três assassinos espreitou pela porta e a mulher do estalajadeiro morreu

vítima de uma faca lançada por um especialista antes de se aperceber de que estava um estranho à entrada em vez do marido.

A missão deles era deitar fogo às docas e destruir os barcos ancorados, mas ainda era cedo para isso. Iria alertar o castelo, e o ataque, para ter sucesso, necessitava que a guarnição não despertasse antes que os portões da torre de menagem fossem abertos.

Os três assassinos chegaram às docas principais. Passaram por um último barco ancorado e detetaram movimento na proa. Um assassino puxou de uma faca de arremesso pronto a matar quem quer que pudesse fazer soar prematuramente o alarme, mas um vulto familiar vestido de preto acenou por uma vez e trepou a amurada, descendo pela bolina, segurando-se alternadamente com os pés e mãos, para se juntar aos três companheiros. Os guardas daquela embarcação já estavam todos mortos. Prosseguiram a caminhada rumo a sul ao longo das docas, até se depararem com os pequenos barcos que aportavam. Dois outros homens vestidos de preto estavam à espera. Mantiveram-se à distância dos homens armados que trepavam silenciosamente desde os barcos rasos amarrados mais abaixo. Era uma tripulação de assassinos, homens sem lealdade e com um único fito: matar e saquear. Os seis homens de negro não sentiam nenhuma afinidade com aqueles salteadores.

Mas mesmo aqueles homens duros se afastaram, temerosos, para abrir alas para o vulto de capuz e manto que subiu do derradeiro barco. Avançou na direção do castelo e os seis assassinos sombrios apressaram-se a subir o caminho na direção da torre de menagem. A missão deles era esperar por uma brecha na última defesa de Crydee.

O homem do manto fez sinal e um pequeno grupo afastou-se do corpo principal. Este fora o bando escolhido para ser o primeiro a atravessar os portões. Eram os homens que julgou mais capazes de se desenrascarem e de seguirem ordens durante os primeiros momentos frenéticos do combate. Mas para fazer passar bem a mensagem, disse-lhes:

— Recordai as vossas ordens. Se alguém me desobedecer, irei pessoalmente arrancar-lhe o fígado e comê-lo à sua frente antes que a vida se esvaia.

Sorriu, e mesmo o mais duro dos homens sentiu um arrepio, pois os dentes dele estavam afiados, a marca de um canibal de Skashakan. O líder retirou o capuz, revelando uma cabeça desprovida de cabelo. A sua enorme testa parecia quase disforme, assim como o queixo protuberante. Os lóbulos das orelhas estavam furados e esticados, formando compridas presilhas de carne que caíam sobre os ombros, com fetiches de ouro lá presos. Uma argola dourada servia de ornamento ao nariz e a sua pele clara estava coberta de tatuagens púrpura, que tornavam ainda mais assustadores e aterradoreos os seus olhos azuis.

O capitão olhou de relance por cima do ombro para o porto, onde a terceira vaga de pinaças deveria estar a surgir, trazendo mais trezentos homens. O silêncio já não era um grande problema para a terceira vaga, pois ele estava plenamente convencido de que o alarme soaria antes de o terceiro bando de salteadores chegar às docas.

Aproximou-se um outro homem. — Capitão, estão todos a postos — anunciou.

Dirigiu-se ao grupo mais próximo de si. — Ide, os portões abrir-se-ão quando lá chegardes — disse. — Lutai até à morte. — A seguir, falou com o homem que se aproximara. — Toda a gente percebeu as ordens?

O homem assentiu com a cabeça. — Sim. Podem matar os velhos e as velhas e qualquer criança demasiado nova para sobreviver à viagem, mas todos os que forem jovens e saudáveis devem ser capturados, e não mortos.

— E as raparigas?

— Os homens não gostam da ideia, Capitão. Uma pequena violação já é tradição. Há quem diga que é a melhor parte — acrescentou, com um sorriso dengoso.

O capitão lançou de repente a mão para a frente e agarrou a camisa do homem. Puxando-o até suficientemente perto para que o seu hálito doentio enchesse as narinas do homem, falou num tom levemente ameaçador. — Vasarius, tendes as vossas ordens. — Afastou rudemente o homem e apontou para onde estava meia dúzia de homens a observar em silêncio. Sandálias de ligas cruzadas demasiado leves para aqueles climas mais frescos eram a única proteção que tinham nos pés, e com a exceção dos arneses de couro preto que formavam um H nas costas e no peito, assim como as máscaras de couro no rosto, não usavam mais roupa além dos *kilts* de couro preto. Permaneceram imóveis no ar fresco da noite, ignorando qualquer desconforto que os outros homens pudessem sentir. Eram escravagistas do grémio de Durbin e a sua reputação bastava para intimidar mesmo uma tripulação dura como o bando de degoladores do Capitão Render.

Render disse:

— Já imagino bem quem pôs nas cabeças dos homens essa ideia de reclamar. Desejais demasiado sentir a carne das jovens para serdes um bom traficante de escravos, quegan, portanto anotai isto: se uma dessas raparigas for violada, mato o violador e, para jogar pelo seguro, corto-vos a cabeça. Com o vosso quinhão de ouro, podeis comprar uma dúzia de jovens assim que chegardes a Kesh. Agora, tratai dos vossos homens!

Fez sinal ao pirata de Queg para que se afastasse e voltou-se para os restantes salteadores, a postos para atacarem.

Manteve a mão no alto, indicando aos homens nas docas que permanecessem em silêncio. Aguardaram que o som dos combates chegasse até

eles. Decorreu um longo momento e de repente soou um alarme oriundo da torre de menagem. O capitão pirata fez sinal e o aglomerado de degoladores rugiu em uníssono e desatou a correr na direção da vila. Em poucos minutos, chamas iluminavam a noite, ateadas por tochas colocadas em edifícios estratégicos.

O Capitão Render soltou uma ruidosa gargalhada de puro deleite, consciente de que a em tempos pacífica vila de Crydee estava a transformar-se num caos. Ele sentia-se no seu elemento e, tal como um mestre de cerimónias numa grandiosa gala palaciana, deleitou-se com todos os pormenores de um evento que decorria conforme o planeado. Desembainhando a sua própria espada, deu a volta e correu na pegada dos seus homens ao ataque, com o intuito de recolher o seu quinhão de assassínios.

**O**s olhos de Briana abriram-se. Algo de errado se passava. Filha de Armengar, uma cidade constantemente em estado de guerra, aprendera a dormir com uma espada à mão antes mesmo de se tornar adulta. Já com mais de sessenta anos, ainda se levantava da cama com a graciosidade fluida de uma mulher com metade da sua idade. Sem pensar, retirou a espada da bainha pendurada na cavilha de parede mais próxima do seu toucador. Vestida apenas com uma fina camisa de noite e com o cabelo grisalho tombado sobre os ombros, encaminhou-se para a porta dos seus aposentos.

Um grito ecoou pelo corredor e Briana correu para a porta. Esta abriu-se quando lá chegou, e ela saltou para trás, erguendo a espada. À frente dela estava um desconhecido, com uma espada apontada na sua direção. Uma voz rude gritou desde o fundo do corredor e os sons distantes de combates vieram de outros locais algures na torre de menagem. Não dava para distinguir as feições do vulto à porta, pois um outro estava atrás dele com uma tocha, tornando o homem da frente em nada mais do que uma silhueta. Briana ergueu a espada, pôs-se em posição e aguardou.

A figura ensombrada deu um passo em frente: era um homem pequeno com cabelo louro cortado rente, com uns olhos azuis, sob espessas sobrancelhas, que mostraram alguma loucura quando lhe sorriu. — Não passa de uma avozinha com uma espada — lamentou-se, com a voz a mais parecer uma lamúria. — Demasiado velha para vender. Vou matá-la. — Atacou violentamente com a espada. A Duquesa esquivou-se sem dificuldade, fazendo deslizar a sua lâmina em volta da dele e investindo contra a posição defensiva dele para o atingir debaixo do braço com um veloz golpe mortífero.

— Ela matou o Pequeno Harold! — gritou o homem que transportava a tocha. Passaram a correr por ele três homens, que depois se abriram em leque. Briana recuou, de olhos fixos no que estava ao centro, embora

permanecendo atenta aos outros dois. Sabia que o opositor do centro seria aquele que, provavelmente, simularia o ataque, enquanto a verdadeira investida viria de um, ou de ambos, nos flancos. A sua única esperança era que esses homens não tivessem prática de combate em modo ordenado e que se atrapalhassem mutuamente.

Tal como ela previra, o espadachim ao meio saltou para a frente e depois para trás. O homem à esquerda, o lado mais fraco dela, avançava na sua direção, com o seu enorme alfange erguido para desferir um golpe contundente. Briana agachou-se sob a lâmina dele, empalando-o com a espada. Quando as pernas do homem ficaram frouxas, agarrou a mão livre dele. Girando-o para a sua direita, lançou-o no caminho do atacante que vinha desse lado.

O atacante ao centro foi o seguinte a morrer, pois pensou que ela ficasse ocupada com os seus companheiros e não foi capaz de prever o seu ataque. Briana atacou violentamente com a espada e cortou-lhe a garganta, levando-o a cair para trás, incapaz de produzir um som enquanto o sangue jorrava da ferida aberta sob o queixo. O último homem morreu a tentar libertar-se do corpo do seu companheiro, tendo sido atingido com um golpe profundo na parte de trás do pescoço exposto, que o matou de imediato.

Briana baixou-se e retirou uma adaga comprida do cinto do último homem a morrer, pois percebeu que não teria tempo para vestir uma armadura ou procurar um escudo. O salteador que ficara em frente à porta a segurar a tocha estava a espreitar para o fundo do corredor, à espera que os outros três eliminassem a mulher sozinha no quarto. Morreu antes de ter tempo para se voltar e verificar se o crime já teria sido cometido.

O homem moribundo tombou sobre a tocha, apagando-a. Briana virou-se espantada ao verificar que o resto do corredor permanecia iluminado. Uma luz enfurecida vermelha e amarela iluminou o corredor e ela constatou que a ponta mais distante estava em chamas. Um grito levou Briana a virar as costas às chamas e a correr o mais depressa que pôde na direção dos aposentos da filha.

Pés descalços embateram ruidosamente nas lajes enquanto a Duquesa de Crydee corria para a extremidade mais distante do corredor. Aí, Abigail estava acorada junto a uma porta, com a camisa de noite meio rasgada pelos ombros. Tinha os olhos arregalados de pavor e voltou a gritar. Aos seus pés jazia um salteador morto, e ao seu lado estava Margaret, agachada, com uma adaga comprida empunhada e pronta a defender-se. Um homem ferido fitou-a circunspectamente e Margaret não deu sinal de se ter apercebido da aproximação da mãe, para que ele não desse conta. Morreu um segundo depois, atingido pelas costas por Briana.

Margaret pegou na espada do homem abatido e sopesou-a. Abigail levantou-se e Margaret atirou-lhe a adaga, com o punho virado para ela.

Abigail olhou para baixo para a arma ensanguentada e estendeu a mão para lhe pegar, e depois agarrou o tecido que ia a cair, pois a camisa de noite deslizou-lhe do ombro.

— Raios, Abigail, preocupai-vos mais tarde com o pudor. Se viverdes o tempo suficiente.

Abigail pegou na adaga e a camisa de noite rasgada caiu-lhe até à cinta. Tapou os seios com o braço esquerdo e agarrou atabalhoadamente no punho ensanguentado. Depois, agarrou o tecido da camisa de noite e tentou tapar-se.

Briana apontou para o fundo do corredor. — Para já aqui terem chegado é porque já mataram os nossos soldados nos pisos inferiores — disse. — Se nos aguentarmos na torre até que o resto da guarnição abra caminho desde as casernas até à torre de menagem, talvez sobrevivamos.

As três mulheres encaminharam-se para a porta mais distante, que dava acesso à torre sul. Mas antes de chegarem a meio do caminho, avistaram uma meia dúzia de homens. Briana deteve-se e fez sinal à filha e a Abigail para que regressassem aos seus aposentos, enquanto se punha a postos para as defender.

Margaret deu um passo em frente e deteve-se quando sentiu mais homens atrás delas. Ela rodou sobre si própria e pôs-se de costas com costas com a mãe. — Não vai ser possível — anunciou.

Briana olhou para trás dela. — Tentai aguentar o mais que puderdes — disse.

Margaret empurrou Abigail para a sua esquerda. — Eles vão tentar apanhar-me pelo meu lado mais fraco — avisou. Apercebendo-se de que Abigail parecia confusa, explicou-se. — O meu lado esquerdo. Não vos preocupeis com a vossa direita. Espetai tudo o que se mexa à vossa esquerda.

A assustada rapariga empunhou desajeitadamente a sua arma, com os nós dos dedos extremamente brancos devido à força com que o fazia. Apertou o braço esquerdo com força junto ao peito, segurando a parte de cima do vestido de noite esfarrapado. Os homens em ambos os lados do corredor aproximaram-se cautelosamente. Pararam quando ficaram ao alcance de uma espada e aguardaram.

A seguir, os que estavam de frente para Margaret e Abigail afastaram-se para o lado, para abrirem passagem a três homens enormes com máscaras negras, que se colocaram à frente. O líder dos três homens fitou prolongadamente as mulheres. — Matai a mais velha, mas poupai as duas jovens — ordenou.

Com uma rapidez surpreendente, um dos três homens atacou violen-

tamente com a mão em baixo, onde segurava um pesado chicote preto. A tira de couro do escravagista enroscou-se no braço de Margaret que segurava a espada. Ela rodou instintivamente o pulso com um golpe defensivo para baixo, mas aquilo não era uma espada que tentava deter. A tira desenroscou-se num movimento sinuoso e de repente estalou no seu braço, com um golpe penetrante que a deixou sem fôlego. Couro áspero apertou-se em redor do seu antebraço quando o enorme traficante de escravos deu um puxão ao chicote. Margaret era uma jovem forte, mas desequilibrou-se e gritou ao cair.

Briana rodou sobre si própria para ver o que se passava de errado com a filha e deparou-se com Abigail especada, de olhos arregalados de terror, enquanto Margaret era arrastada pelo chão pelo grande traficante de escravos. Briana deu um salto para a frente, de lâmina em riste, para tentar cortar a tira do chicote.

Margaret rebolou sobre as suas costas, e gritou para Abigail: — Cortai-a!

E então viu o olhar de espanto de Briana. Atrás dela estava um salteador e Margaret apercebeu-se de que ele aproveitara o momento para atacar pelas costas. — Abby! Cortai a tira! — berrou Margaret, mas a sua companheira estava completamente subjugada pelo medo, de costas coladas à parede.

— Mãe! — gritou Margaret quando Briana tombou de joelhos. Um outro homem destacou-se dos restantes e agarrou a Duquesa pelos cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás para desferir um golpe fatal. Briana inverteu a sua espada e deu uma estocada forte para a retaguarda. O homem que lhe agarrava o cabelo gritou de dor, soçobrando enquanto o sangue lhe jorrava pelos dedos ao tentar agarrar a virilha.

O homem que inicialmente atingira Briana não hesitou. Puxou para trás a sua espada e enterrou-a de novo com força nas costas dela. Mãos duras agarraram o braço de Margaret e torceram-no cruelmente, obrigando-a a largar a espada. — Mãe! — gritou outra vez quando os olhos de Briana perderam expressividade e ela caiu para a frente no chão de pedra.

O terceiro escravagista avançou rapidamente e agarrou em Abigail pelo cabelo, levantando-a com brusquidão, para a obrigar a ficar em bicos de pés. Ela gritou de terror, a adaga tombou-lhe da mão quando levantou o braço para aliviar a dor de estar a ser içada pelas tranças e o vestido caiu-lhe até à cinta.

Os homens uivaram e riram de prazer ao verem o seu peito desnudado. Um deles começou a avançar na sua direção, pisando o corpo inerte da Duquesa, mas um dos traficantes gritou:

— Tocai-lhe e sois um homem morto!

Os homens puxaram Margaret do chão, que estava a espreitar e a arrancar, e ataram rapidamente os pulsos da rapariga, para depois lhe prenderam os pés de modo a que não pudesse pontapear. O traficante de escravos que a chicoteara encaixou uma vara nas cordas que lhe prendiam os pulsos e ordenou aos dois homens que a erguessem. Margaret, tal como Abigail, teve de se aguentar em pontas dos pés, o que lhe restringiu a possibilidade de resistir. O líder dos traficantes esticou a mão e arrancou o corpete do vestido de Margaret. Ela cuspiu-lhe, mas, por detrás da sua máscara negra, ele ignorou a saliva. Agarrando-a pela cinta, arrancou o resto da roupa e ela ficou nua perante ele. Com um olhar de entendido, avaliou-a. Tocou-lhe nos pequenos seios e passou-lhe a mão pela barriga lisa. — Voltai-a — ordenou. Os dois homens rodaram Margaret para que ficasse de costas para o escravagista. Ele inspecionou-a como o faria um comerciante de cavalos face a uma potencial aquisição. Acariciou-lhe o traseiro e passou-lhe a mão ao longo das pernas compridas, bem musculadas de cavalgar e correr. Com um grunhido de satisfação, declarou:

— Esta não é bonita, mas ainda tem uma pele sedosa. Há mercado para raparigas fortes que saibam lutar. Alguns compradores gostam delas agressivas e duras de roer. Ou então pode ganhar a vida a lutar nas arenas.

Olhou então para trás, para Abigail. Fez sinal e um outro traficante que lhe arrancou toda a roupa. Os homens riram-se apreciativamente ao ver o resto do corpo dela e vários queixaram-se abertamente por não poderem possuí-la já ali.

Os olhos do traficante apreciaram demoradamente as formas voluptuosas da jovem. — Esta é invulgarmente bela — referiu. — Valerá facilmente vinte e cinco mil ecus de ouro, ou talvez até cinquenta mil, caso seja virgem. — Alguns dos homens riram-se e outros assobiaram ao ouvirem aquela verba; nem conseguiam imaginar tal riqueza. — Tapem-nas a ambas para que as suas peles não sofram marcas. Se vejo um arranhão que seja que não estivesse lá agora, vou perceber que não foram tratadas com cuidado e matarei o homem que lhes deixou as marcas.

Os outros dois traficantes improvisaram dois mantos macios disformes, dispostos de modo a que fosse possível amarrá-las em redor dos ombros e pelo pescoço, para que as prisioneiras pudessem ser tapadas sem que entretanto lhes libertassem braços e pernas. Abigail chorou copiosamente e Margaret deu luta quando mãos rudes passaram vagarosamente pelo corpo delas enquanto as cobriam. Um dos homens acariciou Abigail mesmo depois de o manto ter sido devidamente apertado.

— Basta! — gritou o escravagista. — Não tarda nada, ides estar com ideias e então terei de vos matar! — Apontando para os homens que bloqueavam o acesso à torre, disse:

— Terminai a vossa busca.

O homem no chão gemeu de dor e o traficante virou-se para trás para o perscrutar enquanto atavam as mãos de Abigail a uma vara sobre a cabeça. — Já não há nada a fazer. Matai-o.

— Lamento, John Alto — disse um dos seus companheiros. — Vamos usar o vosso quinhão de ouro para tomar uma bebida em vossa honra. — E cortou destramente a garganta do homem. Enquanto a vida se esvaía dos olhos do homem moribundo, o que o abateu limpou a lâmina na túnica do morto. — Vemo-nos no inferno um dia destes — disse, de modo amistoso.

Surgiu um homem a correr proveniente da ponta mais distante do corredor. — O incêndio está a alastrar! — gritou.

— Está na hora de partir! — ordenou o escravagista. Levou dali o seu grupo e as duas prisioneiras. Amarradas a uma vara, cujas pontas seguiam assentes nos ombros de um homem à frente e de outro atrás, e com os pés presos, Margaret, ainda assim, recusou-se a seguir caminho submissamente. Agarrou-se à vara e pontapeou com ambos os pés o homem que seguia atrás dela, atirando-o ao chão. Ela desequilibrou-se e deu por si sentada sobre a laje a olhar para trás. — Carregai-a, se for preciso — gritou o líder dos escravagistas. Os pés dela foram rapidamente atados à vara e ficou dependurada como um troféu de caça. Da forma como era carregada, conseguiu ver para trás ao longo do corredor. Por entre as lágrimas de raiva e dor que lhe marejavam os olhos, viu a mãe tombada no chão de rosto para baixo sobre as pedras frias, com o sangue a formar uma poça à sua volta.

**U**m resmungo de irritação despertou Nicholas e então apercebeu-se de uma voz interrogadora. — O quê?

O rapaz levantou-se e, sob a ténue luz do luar, viu Nakor debruçado sobre Martin, a abanar-lhe o ombro. — Temos de partir. Já!

Marcus e os restantes também estavam a despertar e Nicholas estendeu a mão e sacudiu Harry. Os olhos de Harry abriram-se de pronto. — Huh? — perguntou, aborrecido.

— O que é que se passa? — perguntou Martin.

Nakor virou-lhe costas e olhou para sudeste. — Algo de errado. Ali — apontou.

No céu noturno era possível distinguir-se um ligeiro brilho.

— O que é? — quis saber Harry.

Martin já se levantara e estava a reunir rapidamente os seus pertences. — Fogo — limitou-se a dizer.

Calis falou rapidamente para os três elfos. Um deles assentiu com a cabeça e os três apressaram-se a partir na direção da escuridão do amanhecer.

Calis voltou-se para Martin. — Vou convosco. Isto pode ter algo a ver com aqueles avistamentos estranhos.

Martin limitou-se a assentir e Nicholas apercebeu-se de repente de que ele estava praticamente pronto para se pôr a caminho, assim como Marcus. — Se não nos apressarmos, seremos deixados para trás — disse Nicholas, dando uma cotovelada a Harry.

Os dois escudeiros guardaram rapidamente os seus pertences e quando estavam a postos para partir, Martin e Marcus já haviam abandonado a clareira, acompanhados por Calis. — Farei com que regresseis em segurança, mas o Lorde Martin não podia esperar — explicou Garret.

Nicholas compreendeu; reparara numa determinação severa na reação de Martin ao clarão no céu. Para ser um incêndio assim tão grande, capaz de iluminar os céus e ser visto a meio dia de distância a pé, só poderia implicar uma destruição terrível, ou dos bosques junto à vila, ou da própria vila.

Ghuda e Nakor aguardaram pelos rapazes, e então os cinco elementos restantes do grupo de caça partiram. — Mantende uma única fila atrás de mim, todos vós — indicou Garret. — Vou seguir o carreiro, mas há muitos lugares onde vos podeis magoar no escuro se não fordes cautelosos. Se seguir demasiado rápido e não conseguirdes acompanhar-me, avisai-me.

— Necessitais de luz? — perguntou Nakor.

— Não — respondeu Garret. — Uma tocha ou uma lanterna não serviriam para iluminar suficientemente ao longe e fariam com que se tornasse mais difícil ver o arvoredo à frente.

— Não, refiro-me a uma boa luz! — disse o pequeno homem. Abriu a sua mochila e tirou de lá uma bola que lançou ao ar. Em vez de descer, a bola rodou e começou a brilhar, primeiro tenuemente, mas depois com um fulgor cada vez mais intenso. Conforme se tornava mais brilhante, subiu até ficar a pairar a cerca de cinco metros sobre as cabeças deles, iluminando o carreiro no bosque uns noventa metros para diante e para trás.

Garret olhou para o objeto azul-esbranquiçado e abanou a cabeça. — Vamos — disse.

Partiu em passo acelerado, não propriamente a correr, e os outros acompanharam o ritmo. Apressaram-se a percorrer os bosques, iluminados com grande contraste e acompanhados por sombras completamente negras geradas pelo estranho brilho. Nicholas tinha a esperança de que alcançassem rapidamente Martin e os outros, mas isso nunca aconteceu.

A jornada transformou-se numa série de imagens aparentemente desligadas entre si de um carreiro completamente iluminado que os levava para a escuridão, com obstáculos ocasionais, uma armadilha para trepar, um pequeno regato para saltar ou um afloramento rochoso a circundar.

Ainda cansado devido à marcha da véspera e ao sono interrompido, Nicholas esforçou-se por não pedir para parar. Tinha os nervos afetados pelo cansaço e a tensão; os rostos de Martin e de Marcus refletiam expressões severas, algo que ele nunca vira antes, e sentiu o estômago a revirar-se face ao receio do que aí vinha.

Os minutos transformaram-se em horas e a dada altura Nicholas apercebeu-se de que a luz de Nakor desaparecera e que todo o bosque estava iluminado pelo tom pardacento do amanhecer. Assim tão perto da costa, a luz oriunda de oriente misturava-se com as neblinas marítimas transportadas para terra através das depressões e vales que circundavam Crydee. Nicholas sabia que a névoa se dissiparia por volta do meio da manhã se o dia não permanecesse nublado.

Mais tarde, Garret ordenou uma paragem e Nicholas encostou-se a uma árvore. Estava ensopado em suor e tinha o pé esquerdo a latejar devido ao esforço e às mudanças climáticas. — Vem aí uma tempestade — avisou descontraidamente.

Garret assentiu com a cabeça. — Doem-me as articulações. Acho que tendes razão, Escudeiro.

Enquanto recobravam o fôlego numa pequena clareira, a neblina dissipou-se e Harry disse:

— Olhai!

A sudoeste, uma pluma gigante de fumo erguia-se para o céu, um terrível sinal de destruição. — A julgar pela aparência, foi pelo menos metade da povoação — disse o velho mercenário.

Sem comentar, Garret retomou o passo e os outros seguiram-no.

Já era perto do meio-dia quando Nicholas subiu com os outros até ao cimo de uma colina, para conseguirem ver a torre de menagem e o burgo atrás. Conforme se aproximavam, a dimensão da coluna de fumo pareceu crescer. Quando olharam para baixo para Crydee, confirmaram-se os piores receios.

O castelo não passava de uma carcaça de pedra esburacada e enegrecida, com o fumo ainda a sair da torre central. O que em tempos fora uma tranquila povoação costeira, não passava agora de uma paisagem carbonizada com troncos de madeira fumegantes entremeados com fogos ainda incontrolados. Apenas nas distantes colinas a sul era possível ver uns quantos edifícios incólumes.

— Destruíram a vila inteira — murmurou Harry, com a voz enrouquecida pelo cansaço e pelo fumo acre que picava os olhos e os pulmões.

Garret esqueceu os outros enquanto se dirigia a correr para a vila. Eles avançaram a metade da velocidade dele, e Harry e Nicholas ficaram prati-

camente em choque face ao cenário de destruição que tinham diante dos olhos.

Nakor abanou a cabeça e murmurou algo para si mesmo e Ghuda esquadrinhou todos os quadrantes à procura de sinais de problemas. Passaram uns bons cinco minutos antes de Nicholas reparar que o keshiano tinha a espada desembainhada e a postos. Reagindo tardiamente, Nicholas empunhou a sua faca de caça. Não sabia o que mais fazer, mas ter uma arma na mão fê-lo sentir-se, de alguma forma, mais bem preparado para lidar com o que quer que encontrassem pela frente.

Na orla da vila, numa estrada entre o que em tempos haviam sido casas modestas pertencentes a trabalhadores e às suas famílias, Nicholas e os outros acharam o cheiro pestilento da madeira enegrecida quase demasiado forte para suportar. Com os olhos a arder, estugaram o passo, até chegarem a uma das mais pequenas praças de mercado que davam para a praça principal no centro da vila. Pararam lá, pois depararam-se com uma enorme quantidade de corpos espalhados pelo chão.

Harry levou o seu tempo a interiorizar a visão dos corpos enegrecidos e mutilados, e depois virou costas e vomitou. Nicholas engoliu em seco para impedir o seu estômago de se revoltar e Harry deu ideia de estar prestes a desmaiar. Ghuda estendeu a mão e com um aperto firme no braço, susteve o jovem escudeiro.

— Isto é uma barbárie — comentou Nakor.

— Quem será o responsável por isto? — sussurrou Nicholas.

Ghuda largou o braço de Harry e examinou os corpos. Moveu-se por entre eles, inspecionando o modo como tinham caído, e depois observou os edifícios circundantes. — Foram uns estupores bem cruéis — disse por fim. Apontou para as casas. — Incendiaram aqueles edifícios e esperaram aqui. Os que fugiram primeiro foram despedaçados aos bocadinhos e os que ficaram dentro de casa acabaram por sair quando o fogo se tornou insuportável. — Limpou o suor do rosto. — Ou morreram carbonizados.

Nicholas constatou que tinha lágrimas nos olhos. Não sabia se se deviam ao fumo ou ao medo. — Quem eram eles?

— Não eram soldados normais — esclareceu Ghuda, olhando em redor. Observou os corpos junto a si e os outros espalhados pela rua. — Não sei — acabou por confessar.

— Onde é que estavam os nossos soldados? — perguntou Harry, incrédulo.

— Também não sei responder a isso — reconheceu Ghuda.

Começaram a avançar por entre os corpos rumo ao mercado da vila e à entrada do castelo. Um odor doentio e adocicado assaltou os sentidos de Nicholas e de repente percebeu que cheirava a carne queimada. Incapaz

de se controlar, voltou-se e despejou o conteúdo do seu estômago, tal como Harry fizera pouco antes.

Harry continuava a avançar aos tropeções, meio aturdido, como se a sua mente não conseguisse aceitar o que jazia em redor dele. — Vinde — disse, com firmeza, Ghuda. — Vamos ser precisos.

Abanando a cabeça para não perder os sentidos, Nicholas virou-se e seguiu o mercenário. A cada passo, depararam-se com devastação. Nicholas ficou espantado quando deu com um estranho objeto que de algum modo logrou sobreviver intacto à destruição. Uma taça azul de barro jazia no meio da rua e, sem saber porquê, ele passou-lhe por cima, para a manter incólume. Uma boneca de trapos e palha estava sentada muito direita sobre um pedaço de uma parede de tijolos que permanecera intacto, parecendo observar em silêncio aquela insanidade.

Nicholas olhou para Harry e viu que o seu rosto pálido estava raiado com lágrimas, traços brancos que cruzavam as faces cobertas de fuligem. Olhando para Ghuda e Nakor, verificou que também os rostos deles se apresentavam agora cinzentos devido à nuvem de fumo que pairava no ar. Nicholas observou as suas próprias mãos, constatando que estavam cobertas por uma fina camada de fuligem escura, e tocou na sua própria cara; os dedos ficaram húmidos e quase desistiu de seguir em frente, tão subjugado se sentia pelo desamparo.

Conforme se aproximavam do castelo, a situação foi piorando. A maioria dos habitantes da vila fugira para a esperada segurança da torre de menagem do Duque, mas fora-lhes barrado o caminho junto ao seu santuário falhado. Três homens jaziam no chão onde se intercetavam duas ruas, com os corpos crivados de setas.

Nicholas e Harry viram pela primeira vez sinais de vida ao passarem junto aos destroços do mercado principal da vila. Uma criança ainda pequena estava sentada num silêncio aturdido junto ao corpo da sua mãe. Tinha os olhos arregalados de puro terror e o rosto coberto de sangue seco.

Nakor ergueu a criança, que pareceu nem reparar. — Ferimento no cimo da cabeça. — Cacarejou para o miúdo, que reagiu agarrando com as duas mãos a túnica azul andrajosa. — Não está muito mal. Parece pior do que é. Provavelmente, foi isso que lhe salvou a vida, acharam que já estava morto. — A criança, que não poderia ter mais de quatro anos, manteve o olhar fixo em Nakor, que por fim lhe colocou momentaneamente a mão livre no rosto. Quando a retirou, a criança fechou os olhos e tombou sobre o peito do isalani. — Vai dormir. É melhor para ele. É demasiado novo para tanto horror.

Harry falou com uma voz estrangulada. — Todos somos demasiado novos para isto, Nakor.

Transportando a criança imóvel, o homenzinho prosseguiu caminho na direção da torre de menagem. Houve sons que os alertaram para a presença de mais sobreviventes, alguns chorando de forma audível, outros gemendo.

Nicholas e o seu grupo detiveram-se ao chegarem ao portão principal da torre de menagem. Numa cena saída das profundezas do Inferno, a torre central não passava de uma carcaça negra de pedra, iluminada por dentro por chamas ainda enfurecidas. No pátio central defronte dela, os feridos jaziam onde quer que houvesse lugar enquanto os poucos sobreviventes capazes de se moverem tentavam dar-lhes o máximo de conforto possível.

Nicholas e Harry abriram caminho por entre o cenário de feridos e de humanidade moribunda e avistaram Martin, Marcus e Calis. Martin estava ajoelhado sobre um vulto caído no solo.

Apressando-se na direção do ponto onde estavam reunidos, Nicholas deu com o Mestre de Armas Charles deitado no chão, com a sua camisa de noite enrijecida pelo sangue seco. O rosto do antigo soldado tsurani estava ensopado em suor e praticamente desprovido de cor devido às dores e aos ferimentos. Ninguém precisou de dizer a Nicholas que estava a morrer. As suas pernas inertes e torcidas sob a camisa de noite e a mancha carmesim a meio da camisa indicaram ao jovem que o Mestre de Armas de Crydee tinha sido mortalmente ferido no estômago.

O rosto de Martin era uma máscara de pedra, embora os seus olhos revelassem a dor que sentia. Debruçou-se sobre Charles. — E o que mais? — perguntou.

Charles engoliu em seco e respondeu num sussurro rouco: — Alguns dos salteadores... eram tsurani.

— Renegados de LaMut? — questionou Marcus.

— Não, não eram soldados de guerra. Da Seita de Brimanu. — Tosiu e depois engasgou-se. — Assassinos. Criminosos contratados. Não tinham... honra... — Cerrou os olhos por uns momentos e a seguir abriu-os de novo. — Isto foi... combate... sem honra... Foi... chacina. — Gemeu, os seus olhos fecharam-se e a sua respiração tornou-se superficial.

Anthony apareceu, a coxear e com o braço esquerdo ao peito. Na mão direita trazia um balde de água. Harry foi a correr na direção dele e pegou no balde. O mago ajoelhou-se a custo junto a Charles e examinou-o. Pouco depois, olhou para Martin e abanou a cabeça. — Não vai despertar.

Martin ergueu-se lentamente, sem tirar os olhos do Mestre de Armas. — O Faxon? — perguntou a seguir.

— Morreu na cavalaria com alguns dos soldados — informou Anthony. — Estavam a tentar defender a cavalaria enquanto o Rulf e os filhos retiravam os cavalos. Também morreram, a combater com martelos de ferreiro e forquilhas.

— O Samuel?

— Não o vi. — Anthony olhou em volta e por momentos Nicholas pensou que ele ia deixar-se ir abaixo, mas o jovem mago respirou fundo e prosseguiu. — Eu estava a dormir. Ouvi sons de lutas. Não percebi se vinham do interior ou do exterior da torre de menagem. Fui a correr para a janela e olhei para fora. — Olhou em redor para a carnificina. — Então, entrou de repente alguém no meu quarto e atirou-me algo... um machado, penso eu. — Franziu o sobrolho ao tentar recordar. — Caí da janela. Aterrei em cima de... alguém. — Quase pareceu envergonhado quando acrescentou:

— Ele estava morto. Não parti nada, mas fiquei inconsciente por uns momentos. Lembro-me de recobrar os sentidos e sentir este calor horrível. Arrastei-me para longe dele. Não me lembro de muita coisa depois disso.

— Marcus, a vossa família? — perguntou Nicholas.

O primo dele respondeu num tom monocórdico: — A minha mãe ainda está ali. — Apontou para o incêndio feroz no lugar que ainda no dia anterior era a fortaleza da família.

A dor foi de pronto substituída pela raiva, e depois pela inquietação. — Margaret! Abigail?

— Alguém disse que as raparigas foram levadas — explicou Anthony. — Alguns dos jovens também, parece-me. — Fechou os olhos, como se de repente tivesse sido assolado por uma dor. — E da vila também; levaram à força rapazes e raparigas — acrescentou.

Ouviu-se a voz de um soldado que estava ali perto, apoiado numa lança partida. — Vi-os a levarem alguns prisioneiros, Vossa Graça. — Apontou para a muralha. — Eu estava ali de plantão — esclareceu. — Ouvi alguém no pátio e olhei para lá, e depois fui atingido por trás. Quando recobrei os sentidos, dei por mim dependurado numa das ameias; acho que alguém me tentou atirar por cima da muralha. Levei uns golpes, mas consegui içar-me. — Depois prosseguiu: — Havia um par de homens mortos aqui perto, mas o castelo já estava em chamas. Espreitei para a vila e vi homens a conduzirem rapazes e raparigas na direção do porto.

— Vistes quem eram? — perguntou Ghuda.

— Estava iluminado como se fosse dia, na altura mais de metade da vila já ardia. Eram entre quatro ou seis deles; homens grandes, com arneses, *kilts* e máscaras de couro preto, e todos tinham chicotes.

— A Guilda dos Esclavagistas de Durbin — constatou Ghuda.

— Resolveremos isso mais tarde — disse Martin —, agora temos feridos para tratar.

Nicholas e Harry assentiram e partiram apressadamente, para poucos minutos depois regressarem com baldes de água. Passaram o dia a ajudar

os que conseguiam movimentar-se a irem abrigar-se nos onze edifícios que haviam escapado aos danos na extremidade sul da vila. Outros foram transportados para a aldeia piscatória que ficava a mil e quinhentos metros de distância ao longo da costa.

Lentamente, a população chocada e despedaçada que restara de Cry-dee deu início à tortuosa tarefa de retomar a vida. Entretanto, morreram mais pessoas, que foram levadas para uma pira que estava a ser instalada no mercado da vila.

Nicholas ajudou um soldado com a cabeça ligada a levantar outro corpo para cima do aglomerado de mortos, empilhados sobre lenha trazida da floresta, e reparou que entretanto, e quase sem dar por isso, a noite chegara. Apareceu um outro soldado, com uma tocha. — É o último — anunciou. — Provavelmente, amanhã iremos encontrar mais, mas agora é melhor parar.

Nicholas assentiu silenciosamente com a cabeça e afastou-se dali aos tropeções, no momento em que encostaram a tocha à pira. Quando as chamas se ergueram para reduzir a cinzas os mortos, encaminhou-se pesada e laboriosamente até à extremidade mais afastada de Crydee, para junto das luzes acolhedoras e do som de vozes. Ele achou que as reservas de dor se tinham esgotado, mas enquanto se arrastava por entre os restos carbonizados daquele que em tempos fora um burgo próspero, deu por si a tentar reprimir as lágrimas. A sua mente rechaçou as imagens grotescas, os corpos parcialmente carbonizados que foram transportados para a pira, as crianças mutiladas até à morte, cães e gatos atingidos por setas sem razão aparente. O comentário amargo, por parte de um soldado, de que os soldados os haviam dispensado de uma grande carga de trabalhos, pois metade da população já fora cremada, atingiu Nicholas em cheio quando este estava sozinho no meio de uma parcela de terreno vazia, uma pequena praça de um mercado. Dobrou-se para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos, e começou a tremer, embora a noite não estivesse propriamente fria. Tremendo a ponto de os dentes começarem a bater, o rapaz inspirou profundamente o ar fumarento e soltou um gemido grave e assanhado. Obrigando o pé direito a mover-se para a frente, endireitou-se e ordenou ao seu corpo que avançasse. Tinha a sensação de que se parasse outra vez antes de chegar ao local onde Martin e os outros aguardavam, poderia nunca mais se mover.

Arrastou-se até chegar ao maior edifício que sobrevivera. Estava destinado a ser uma nova estalagem assim que a construção terminasse. As paredes erguiam-se para a escuridão e o primeiro piso – que cobria apenas metade do salão comum – já fora erigido, mas ainda não tinha telhado, pelo que parte das instalações continuavam a céu aberto. Uma vintena de pessoas da vila amontoou-se sob o beiral do primeiro andar, enquanto Martin

e os companheiros comiam silenciosamente sob as estrelas, em volta de um pequeno forno em barro onde o fogo ardia intensamente. Alguns dos pescadores providenciaram um estufado de peixe e pão retirados das suas poucas provisões.

Nicholas avançou atabalhoadamente até onde Harry estava sentado, ao lado de Marcus, e abanou a cabeça quando lhe ofereceram uma taça de estufado. Não tinha fome e achou que nunca mais iria livrar-se do cheiro a fumo que tinha no nariz.

— Já regressaram uma dúzia de batedores e habitantes da floresta, Vossa Graça — estava Garret a dizer. — O resto deve chegar amanhã ao despontar do dia.

— Mandai-os sair de novo — ordenou Martin. — Quero o máximo de caça que possam arranjar na próxima semana. Quase não temos comida e em menos de dois dias teremos muita gente esfomeada. Os pescadores não podem pescar muito mais depois de terem perdido tantos barcos.

Garret assentiu com a cabeça. — Alguns dos soldados poderiam ajudar nas caçadas.

Martin abanou a cabeça. — Já me resta menos de uma vintena de homens capazes na guarnição.

— Já tivemos aqui mais de um milhar de homens ao serviço, pai — salientou Marcus.

Martin assentiu com a cabeça. — A maioria morreu nas casernas. Os salteadores mataram quase toda a gente junto à muralha, abriram o portão, barricaram as portas das casernas em ambos os lados e deitaram fogo ao telhado. A seguir, lançaram pelas janelas potes de barro cheios de nafta. Foi um inferno lá dentro antes de a maior parte dos soldados acordar. Uns quantos conseguiram sair pelas janelas e foram abatidos por arqueiros. Outros, na torre de menagem, foram mortos nas lutas sala a sala. Temos mais uma centena deles a deambular por aí feridos e quando uns quantos se curarem, podemos dispensar alguns para irem à caça. O outono está a chegar depressa e a caça dirige-se para sul. Vamos depender de Carse e de Tulan para aguentarmos o inverno. — Martin trincou um pedaço de pão antes de prosseguir. — Há mais ou menos uma outra centena às portas da morte. Não imagino quantos sobreviverão. O Anthony disse que os que estão mais gravemente queimados por certo morrerão, pelo que aquando das primeiras quedas de neve, poderão restar apenas cento e cinquenta homens ao serviço.

— Há ainda os duzentos homens de Barran — salientou Marcus.

Martin assentiu com a cabeça. — Posso ordenar que regressem. Mas vejamos o que o Bellamy pode enviar-nos antes disso.

Harry passou a Nicholas um naco de pão, cheio de manteiga e mel, e

este começou a comê-lo instintivamente. De repente, sentiu-se esfomeado e fez sinal à mulher que servia o estufado de que afinal de contas iria querer uma taça.

Nicholas não abriu a boca enquanto comeu, escutando as conjeturas sinistras do que ocorrera na noite anterior. Durante o dia alguém mencionara que a Duquesa matara uma meia dúzia de salteadores antes de ser por fim dominada e abatida enquanto tentava salvar a filha e as outras jovens. Um soldado ferido, que fugia ao incêndio na torre de menagem, vira-a tombada morta em frente ao quarto de Margaret. As chamas eram demasiado intensas e ele estava demasiado ferido para retirar a Duquesa do fogo.

Nicholas aguardou que alguém revelasse o destino das raparigas, mas Martin e os outros abordaram somente preocupações imediatas. Conforme as pessoas vinham para prestar informações e partiam de novo, formou-se na mente de Nicholas uma imagem de destruição. De uma vila próspera com quase dez mil habitantes, restavam menos de dois mil, e muitos desses não sobreviveriam a mais uma semana por causa dos ferimentos. De um milhão de soldados, um em cada cinco homens poderia sobreviver para servir de novo o Reino. Todos os edifícios desde o Farol da Ponta Longa até à extremidade sul do burgo velho tinham sido destruídos e metade dos novos haviam desaparecido. Não sobreviveu nenhum negócio. Dos diversos mestres de ofícios, apenas sobreviveram um ferreiro, dois carpinteiros e um moleiro. Uma meia dúzia de trabalhadores e uma vintena de aprendizes estariam disponíveis para ajudar à reconstrução. A maior parte dos sobreviventes eram pescadores e lavradores. Seriam chamados ao serviço quando necessário, mas, no futuro imediato, Crydee estava reduzida a uma povoação rudimentar, um enclave primitivo na Costa Extrema do Reino.

Nicholas escutou Martin dizer:

— E teremos de pedir ao Bellamy e ao Tolburt em Tulan que nos enviem artesãos. Temos de começar imediatamente a reconstruir o castelo.

Nicholas não conseguiu aguentar mais. — E as raparigas? — perguntou em voz baixa.

Pararam todas as conversas e todos os olhares no círculo incidiram nele. Com uma amargura mal disfarçada, Marcus disse:

— O que tendes em mente?

Nicholas não soube o que responder.

— Incendiaram todos os navios no porto. Incendiaram quase todas as embarcações — realçou Marcus. — Devemos pegar num esquife de pesca e remar até Durbin?

Nicholas abanou a cabeça. — Mandai dizer...

— Ao vosso pai? — perguntou Marcus, amargamente. — Está a meio caminho da outra ponta do Reino! Sobrou algum pombo vivo? Há algum

cavalo em condições de cavalgar até Carse? Não! — A sua dor e fúria motivadas pela sua perda focaram-se no único alvo à mão, Nicholas.

Martin pousou a mão no ombro do filho, para o deter, e Marcus calou-se. — Amanhã falaremos disso.

Nicholas não pediu autorização para sair, limitou-se a erguer-se e afastou-se do calor da pequena fogueira. Encontrou um lugar relativamente abrigado sob as escadas que levavam ao primeiro piso e comprimiu-se lá. Após uns minutos, sentiu uma necessidade extrema de estar em casa, com a sua mãe e o seu pai, e irmã e irmãos, os seus professores e todos aqueles que sempre o haviam protegido e amado. Pela primeira vez em anos, sentiu-se novamente um rapazinho, com medo dos rapazes que o atormentavam e gozavam quando os seus protetores não estavam presentes. Sentindo-se triste e envergonhado, Nicholas virou a cara para a parede e chorou.